

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

**ETNOGRAFIA MÓVEL:
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DA MOBILIDADE NA
COMUNICAÇÃO**

Porto Alegre

2016

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

**ETNOGRAFIA MÓVEL:
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DA MOBILIDADE NA
COMUNICAÇÃO**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H519e Henriques, Sandra Mara Garcia

Etnografia móvel: uma proposta metodológica para os estudos da mobilidade na comunicação / Sandra Mara Garcia Henriques. – Porto Alegre, 2016.

227 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda

1. Comunicação Social. 2. Mobilidade Tecnológica.
3. Etnografia. 4. Comunicação e Tecnologia. 5. Mídia Digital.
I. Pellanda, Eduardo Campos. II. Título.

CDD 301.16

Ficha Catalográfica elaborada por Loiva Duarte Novak – CRB10/2079

SANDRA MARA GARCIA HENRIQUES

ETNOGRAFIA MÓVEL:

**UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DA MOBILIDADE NA
COMUNICAÇÃO**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 28 de março de 2016

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda (PUCRS)

Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva (UFPB)

Profª Drª Adriana da Rosa Amaral (Unisinos)

Prof. Dr. Cristiano Max Pereira Pinheiro (FEEVALE)

Profª. Drª. Claudia Peixoto Moura (PUCRS)

Porto Alegre
2016

Para meus pais Elo e Osmar (em memória) pelo amor e amizade infinitos e pelos ensinamentos que jamais sozinha eu poderia conquistar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma fizeram parte da construção desta caminhada que não foi fácil, que me fez crescer não apenas academicamente como profissional, mas principalmente como ser humano.

A meus pais, por todo apoio e carinho para que eu chegasse até aqui.

Ao Vinicius, meu amor, pelo carinho, incentivo, compreensão e paciência.

Aos meus amigos de tanto tempo pelo amor e amizade.

Aos meus amigos que essa “nada mole vida” me deu do PPGCOM da PUCRS e de outros programas de pós-graduação que sempre farão parte deste momento importante e que me ajudaram muito.

Aos meus grandes “Ubis” parceiros de grupo Ubitec, que foram fundamentais para a construção deste trabalho. O Ubitec vai ser sempre minha casa.

Ao meu orientador Prof. Eduardo Pellanda. Pellanda, obrigada por me deixar produzir, ir em busca da minha tese, construir minha trajetória e me motivar nos momentos em que eu não acreditava.

À minha querida amiga Liana, pela parceria de sempre e por me ajudar na tradução do resumo da tese.

A CAPES/ FAPERGS pela concessão da bolsa de estudo que possibilitou a realização deste doutorado.

Quando um cientista afirma que alguma coisa é possível, ele está quase certamente certo. Quando ele afirma que alguma coisa é impossível, ele está muito provavelmente errado.

A única maneira de descobrir os limites do possível é se aventurar um pouco além deles e penetrar no impossível.

Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de magia.

(As três leis da tecnologia de Arthur C. Clarke)

RESUMO

Esta tese de doutorado propõe um novo olhar metodológico para a observação dos dispositivos móveis e sua influência no processo comunicacional. A partir dos estudos voltados para a Sociologia da mobilidade (MAFFESOLI, 2001; SIMMEL, 1987; BAUMAN, 2008; MEYROWITZ, 2004; URRY, 2007; 2011) envolta na percepção de conceitos que buscam delinear as possibilidades de concepção do movimento na atualidade e o nomadismo possibilitado pela fluidez dos espaços de troca, nos amparamos no viés do Paradigma das mobilidades (URRY, 2007; 2011) para ressaltar a importância das conexões sociais relacionadas à mobilidade tecnológica e o desenvolvimento dos dispositivos móveis como influência no compartilhamento de informações e na formação de redes sociais móveis diferenciadas que unem os espaços híbridos à tecnologia (LÉVY, 2007; GREEN, 2002; DE CERTEAU, 1994; LEFEBVRE, 2000; VIRILIO, 1993; CASTELLS, 1999; LEMOS, 2007), potencializando a interação entre os indivíduos causando assim um impacto no meio social. Para a compreensão deste processo sugere-se o desenvolvimento de uma metodologia que acompanhe o objeto em constante movimento e seja importante para mostrar os aspectos que envolvem as interações dos indivíduos entre si e com os locais estudados por meio da mobilidade. Para tal, propomos uma Etnografia móvel (MARCUS, 2001; BÜSCHER ET AL., 2011; JIRÓN, 2011; BÜSCHER E URRY, 2009; MUSKAT, 2013), procedimento de pesquisa no qual o pesquisador passa a fazer parte do processo por meio de uma co-presença, movendo-se junto ao objeto ou grupo pesquisado, munido de técnicas de observação para entender como se processa o movimento. Esta abordagem etnográfica não se baseia nos estudos de um único local, mas de diversos locais ao mesmo tempo, e destacamos neste trabalho o estudo dos espaços híbridos e da mobilidade da comunicação. Nesta perspectiva, não realizamos a análise de um objeto de estudo, e sim propomos aplicação e desenvolvimento da abordagem etnográfica móvel em dois grupos desenvolvidos a partir do contexto da mobilidade tecnológica, o *Instagramers POA* e o *Zombie Walk POA*. A observação parte dos fluxos de informações publicadas através de imagens e *hashtags* realizadas pelos grupos na rede social móvel *Instagram*.

Palavras-chave: Mobilidade; Paradigma das mobilidades; Etnografia móvel; Espaços híbridos; Instagram

ABSTRACT

This doctoral thesis proposes a new look for the observation of mobile devices and their influence in the communicational process. From the studies focused on Sociology of mobility (MAFFESOLI, 2001; SIMMEL, 1987; BAUMAN, 2008; MEYROWITZ, 2004; URRY, 2007; 2011) wrapped in the perception of concepts that seek to outline the possibilities of understanding movement nowadays and the nomadism enabled by the fluidity of the interaction spaces, we use as a basis the Mobility Paradigm (URRY, 2007; 2011) to highlight the importance of social connections related to the technological mobility and the development of the mobile devices as an influence on information sharing and the formation differentiated mobile social networks that unite the hybrid spaces to technology (LÉVY, 2007; GREEN, 2002; DE CERTEAU, 1994; LEFEBVRE, 2000; VIRILIO, 1993; CASTELLS, 1999; LEMOS, 2007), potentiating the interaction among individuals, causing an impact in the milieu. For the comprehension of this process, we suggest the creation of a methodology that follows the object in constant motion and that are important to show the aspects that involve the interactions between individuals and between individuals and the places studied through mobility. To do so, we propose a Mobile Ethnography (MARCUS, 2001; BÜSCHER ET AL., 2011; JIRÓN, 2011; BÜSCHER E URRY, 2009; MUSKAT, 2013), research procedure in which the researcher becomes part of the process, in a co-presence, moving along with the researched object or group, armed with observation techniques to understand how the movement is created. This ethnographic approach is not based on studies of a single place, but of a number of places at the same time, and we highlight in this work the study of hybrid spaces and of the communication mobility. In this perspective, we did not perform the analysis of an object of study, but we propose application and development of the mobile ethnographic approach in two groups developed from the technological mobility context, Instagramers POA and Zombie Walk POA. The observation starts in the flows of information published through images and hashtags made by the groups in the mobile social network Instagram.

Keywords: Mobility; Mobilities Paradigm; Mobile ethnography; Hybrid spaces; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Topologia das redes de Paul Baran.....	59
Figura 2: Sites, blogs e redes sociais mais citados como fonte de informação.....	67
Figura 3: Dispositivo de acesso à internet no Brasil.....	68
Figura 4: Somos a rede social.....	73
Figura 5: Tweets sobre as manifestações no Brasil.....	75
Figura 6 : <i>Hashtags</i> mais usadas no Twitter – Junho 2013.....	76
Figura 7: Página do Facebook convocando as pessoas para participar das manifestações no RJ.....	77
Figura 8: Cartaz solicitando a liberação da rede wi-fi.....	78
Figura 9: Pessoas liberando o wi-fi de suas casas durante as manifestações em Porto Alegre/RS.....	79
Figura 10: Postagem de Joshua Wong no Facebook - 28 de setembro de 2014.....	81
Figura 11: Uso do FireChat nos protestos.....	82
Figura 12: Interface FireChat – protestos Hong Kong.....	83
Figura 13: Celulares viram novo símbolo da luta pela democracia.....	84
Figura 14: Infográfico funcionamento do GPS em telefones celulares.....	124
Figura 15: Projeto <i>Onde fui roubado</i>	126
Figura 16: Create a Recipe – “This”.....	141
Figura 17: Chose a Trigger.....	142
Figura 18: New photo by anyone in area.....	143
Figura 19: Chose Action Channel – “That”.....	144
Figura 20: IFTTT e internet das coisas.....	145
Figura 21: Crescimento IFTTT em 2014.....	146
Figura 22: Site Grupo Instagramers.....	165
Figura 23: Existem 520 Grupos Instagramers por todo mundo.....	166
Figura 24: Página do Instagramers Poa no Facebook.....	167
Figura 25: Captura de tela do perfil do Igerspoa no aplicativo móvel do Instagram.....	168
Figura 26: O rastreamento das hashtags nos ajudou na percepção de como se alinhou esse mapa de postagens entre os participantes.....	192
Figura 27: Imagens do Instameet realizado no #Wwin12_POA.....	195
Figura 28: Mapa Jardim Botânico de Porto Alegre/ imagens Instameet Wwin12_POA	199

Figura 29: Pôr do sol em Ipanema.....	201
Figura 30: Viaduto da Conceição.....	201
Figura 31: Viaduto Otávio Rocha.....	202
Figura 32: Página da Zombie Walk no Facebook.....	203
Figura 33: Página da organização da 10ª Zombie Walk POA no Facebook	204
Figura 34: Página do Zombie Walk Poa.....	205
Figura 35: Mapa do trajeto da 10ª Zombie Walk Poa publicado na página do evento no Facebook.....	208
Figura 36: Mapa e imagens do percurso realizado pelos participantes da 10ª Zombie Walk em 2015.....	214

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1:Acesso às mídias sociais no Brasil.....	69
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 SOCIOLOGIA DA MOBILIDADE.....	20
2.1 NOMADISMO E MOBILIDADE.....	20
2.2 PARADIGMA DAS MOBILIDADES.....	29
2.3 VIRTUALIDADE E PRESENÇA.....	36
3 ESPAÇOS HÍBRIDOS: AS TECNOLOGIAS MÓVEIS NO COTIDIANO.....	42
3.1 ESPAÇOS HÍBRIDOS E A FORMAÇÃO DE NOVOS GRUPOS.....	52
3.2 INFORMAÇÃO: O CONTEÚDO EM MOVIMENTO.....	54
3.3 MOBILIDADE E CONEXÃO: AS REDES SOCIAIS SÃO MÓVEIS.....	58
4 ETNOGRAFIA MÓVEL: UMA PROPOSTA DE UM MÉTODO MÓVEL PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO.....	86
4.1 A ETNOGRAFIA E A PESQUISA QUALITATIVA.....	91
4.2 A METRÓPOLE COMO FOCO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA.....	95
4.3 ETNOGRAFIA MÓVEL: UMA ABORDAGEM MULTILocal.....	103
4.4 ETNOGRAFIA MÓVEL E OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO.....	118
4.4.1 Quadro metodológico: as tecnologias móveis e a comunicação.....	119
4.4.2 Os Sistemas de navegação por satélite.....	122
4.5 A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA - ETNOGRAFIA MÓVEL NA COMUNICAÇÃO.....	128
4.5.1 A imagem como experiência da cidade – Por que o Instagram?.....	138
4.6 A COLETA DE DADOS - IFTTT- IF THIS THEN THAT.....	140
4.6.1 A comunidade Instagramers.....	165
4.6.2 Grupo Zombie Walk POA.....	202
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	219
REFERÊNCIAS.....	223

I INTRODUÇÃO

O uso de dispositivos móveis e a amplitude das possibilidades de mobilidade vêm gerando novas perspectivas perante o processo informacional e comunicacional e, conseqüentemente, ao cotidiano dos indivíduos. Estas perspectivas passam a ser observadas no momento em que os indivíduos estão conectados o tempo todo e têm a possibilidade de produzir e compartilhar informações de forma imediata em redes sociais na internet, e, também, para outros dispositivos.

Este contexto amparou o desenvolvimento da pesquisa, que teve desde seu início a proposta de compreender de que forma a mobilidade possibilitada pelas tecnologias móveis impactava na comunicação entre os indivíduos proporcionando a formação de novos tipos de agrupamentos na sociedade atual.

Durante o mestrado buscou-se compreender como observar uma nova formação de redes sociais que se distinguiam daquelas desenvolvidas nas cidades, bem como das oriundas da internet. A proposta foi dissertar acerca das possibilidades de existência de redes que fossem mais amplas, que se utilizasse de dispositivos móveis para ampliar seus laços e portanto, ampliar suas formações. De forma mais pontual, enfatizou-se um tripé que orientou o estudo: 1) os indivíduos, responsáveis pela existência das redes sociais; 2) as tecnologias móveis de comunicação e informação, dispositivos que permitem a interação entre os indivíduos de forma móvel e 3) o espaços híbridos, a união entre espaço urbano e espaço virtual.

Assim, pode-se perceber que algo unia estas redes de forma fundamental e que era o princípio formador deste tripé, e que carecia ser desenvolvido para que de forma mais profunda e concreta fosse possível caracterizar o que são as redes sociais móveis e porque eles existem na sociedade contemporânea. Ao final do estudo, constatou-se que o que diferencia estas redes das demais é o movimento, a dimensão da mobilidade destas redes. O contexto móvel vivido, que agrega os dispositivos móveis de comunicação, é o que possibilita esta formação diferenciada.

Há uma mudança de perspectiva, de ambiente de interação, aliada a uma nova percepção dos espaços e das formas como a informação é produzida e compartilhada.

A partir destas constatações busca-se desenvolver a tese de que mobilidade tecnológica influencia na formação de redes sociais diferenciadas, nas quais os sistemas de localização consciente e o compartilhamento de informações através de espaços híbridos são determinantes para a observação de um novo tipo de agrupamento na sociedade contemporânea.

Ao perceber que a mobilidade tecnológica – e o movimento gerado – é fator potencializador destas redes sociais, observou-se que este processo não influencia apenas a formação dos agrupamentos, mas também tem influência direta na forma como os indivíduos compartilham informações, e na forma como o espaço físico e o ciberespaço passam a convergir tornando-se um espaço social para que as redes sociais móveis possam ser desenvolvidas. Além disso, os sistemas de localização consciente agregam um outro fator ao movimento que é a informação relacionada ao local e compartilhada no ciberespaço em tempo real, permitindo uma ressignificação dos espaços urbanos das cidades.

Partiu-se, então, para uma observação a partir do viés de um Paradigma das Mobilidades que se apoia ao fato de que o tempo, as redes, a comunicação e a informação são elementos presentes na vida da sociedade atual e merecem ser estudados enquanto mobilidades e suas relações na vida social. Ele aponta a existência de uma nova ideologia que ressalta o movimento como fator importante para a compreensão da sociedade. É a partir desse aspecto que se propõe um método que acompanhe os estudos e as características do Paradigma das Mobilidades neste crescente fenômeno móvel, que representa uma outra perspectiva cultural em relação a comunicação entre as pessoas e as formas como a informação é disponibilizada, produzida e compartilhada.

Com o século XX, novos sistemas que movem ideias, informações e pessoas passam a fazer parte da sociedade de forma mais rápida e eficaz permitindo que as estruturas sociais sejam ampliadas. Esse novo viés se mobiliza com a constatação de que os estudos relacionados à mobilidade nas ciências sociais, através dos tempos, estavam voltados aos efeitos do movimento na sociedade, e não

relacionados a ele enquanto um processo. Algo que dedicasse à mobilidade o foco principal e não complementar a outros estudos.

Os estudos que abordam as questões relacionadas à mobilidade tecnológica possuem desafios que vão além da busca de referenciais teóricos e observações de como se pode estudar o movimento realizado por pessoas, ideias, objetos. Um dos principais desafios encontrados está em uma metodologia adequada que de conta de compreender o processo. Ao propor uma etnografia móvel para os estudos da mobilidade tecnológica nos processos comunicacionais ressalta-se a relação entre as tecnologias móveis, seu uso pelas pessoas e a fluidez de territórios de conexão. A geografia das redes é alterada por um acesso contínuo aos dispositivos móveis promovendo um espaço híbrido – uma justaposição entre o espaço urbano e o virtual - que liga os grupos. Em um Paradigma das mobilidades, este espaço no qual a pesquisa é realizada não é estático, está sempre em movimento.

Assim, o trabalho está estruturado em primeiramente buscar compreender como se pode observar a Sociologia da mobilidade atualmente, norteadas pelas noções de nomadismo e como esse processo se dá pelo contexto da mobilidade a partir do viés de autores como Maffesoli (2001), Simmel (1987), Bauman (2008), também pela ótica dos nômades digitais de Meyrowitz (2004) e demais autores que enfatizam esse contexto como importante para entender a mobilidade atualmente. Neste mesmo capítulo, desenvolve-se o método em que se baseia a tese, o Paradigma das mobilidades, proposto por Urry (2007, 2011) apresentando-se as características propostas pelo autor para entender como essa dimensão paradigmática contribui e torna-se fundamental para os estudos das mobilidades contemporâneas e torna-se assim um fundamento para uma proposição do ponto tratado a seguir em relação à presença. É a questão entre Virtualidade e Presença (LÉVY, 2007; GREEN, 2002) que se busca para entender de que forma o Paradigma pode ser compreendido nas questões de tempo-espaço, que sofre uma espécie de alteração quando as tecnologias móveis passam a fazer parte da vida cotidiana dos indivíduos.

A partir deste ponto traz-se como segundo capítulo **Espaços Híbridos: as tecnologias móveis no cotidiano**, no qual se desenvolve uma breve observação da evolução dos dispositivos móveis na comunicação buscando mostrar a

importância dos telefones celulares – *smartphones* – tecnologia wi-fi e Sistema de Posicionamento Global – GPS (melhor detalhado no terceiro capítulo). Inicialmente o capítulo se ampara em referenciais de diversos autores como Briggs e Burke (2006); De Certeau (1994); Lefebvre (2000); Virilio (1993); Castells (1999) entre outros. Na sequência, busca-se entender os agrupamentos que surgem nestes novos espaços híbridos e, assim a mobilidade da informação e sua propagabilidade, principalmente em Jenkins, Green e Ford (2014), o que permitiu a compreensão a respeito do empoderamento gerado por meio da circulação da comunicação nestes espaços híbridos, levando a demonstrar mais claramente como se dão as formações de redes sociais móveis. Assim, ressaltou-se como estas redes são formadas nos espaços híbridos mostrando características das mesmas, e alguns exemplos que até então puderam ser observados. Dados são trazidos para ressaltar o contexto atual de formação destas redes atualmente procurando destacar a importância que elas possuem em ser estudadas a partir do contexto da mobilidade.

No entanto, a percepção deste contexto amplo mostrou que algo faltava para, de fato, compreender e demonstrar que estas redes sociais poderiam ser estudadas por meio da mobilidade. Era possível estudá-las por diversos métodos e metodologias já consagrados, mas nenhum deles proporcionava estudar o movimento que é o eixo central de sua formação na atualidade. Esta foi uma das barreiras, da necessidade metodológica que surgiu a proposta do estudo, buscar um procedimento metodológico que possibilitasse estudar os agrupamentos gerados na sociedade atual por meio das trocas comunicacionais realizadas através das tecnologias móveis. Um dos principais desafios nos estudos das mobilidades refere-se à metodologia de pesquisa que deve ser apropriada para a observação dos fenômenos móveis. A busca por uma metodologia levou a autores de diversas áreas das ciências sociais e humanas (Büscher et al., 2011; Jirón, 2011; Büscher E Urry, 2009; Muskat, 2013) que buscam desenvolver métodos móveis que possam ser aplicados em estudos das mobilidades contemporâneas. Assim, chegou-se à Etnografia móvel, um método que possui a peculiaridade de estudar a mobilidade dos indivíduos, e suas conexões em territórios móveis. Descobriu-se, então, que a tese deveria ir além de uma proposta de compreender os efeitos da mobilidade da comunicação na formação de redes sociais móveis contemporâneas, ela deveria propor responder um problema que foi algo constatado ao longo dos estudos

gerando muitas dúvidas e indagações: A etnografia móvel pode ser um procedimento metodológico efetivo para o estudo dos espaços híbridos a partir do viés da mobilidade da comunicação?

2 SOCIOLOGIA DA MOBILIDADE

A mobilidade é um ícone contemporâneo e proporciona uma rede viva de agentes móveis causando um impacto nas atividades cotidianas dos indivíduos. Esta mobilidade ajuda na formação de redes flexíveis de pessoas em busca de um interesse comum, ou de um sentimento de pertença por um determinado território que acaba sendo permeado de sentido - fluido e efêmero - pelo indivíduo. Os espaços sociais estão se transformando a cada dia com o uso dos dispositivos móveis e o movimento físico, informacional, comunicacional que eles possibilitam aos indivíduos. Pode-se perceber, desta forma, que profundas modificações nas práticas sociais vêm ocorrendo com a mobilidade tecnológica.

2.1 NOMADISMO E MOBILIDADE

O movimento sempre fez parte do desenvolvimento dos indivíduos no decorrer da história. A migração de um local para o outro em busca de alimento, água e melhores condições de vida não é novidade para o estudo da mobilidade. Os indivíduos ainda são nômades. O nômade primitivo buscava um local para crescer, produzir, alimentar sua família, e, quando este local esgotava a subsistência, o grupo migrava para outro espaço. Pode-se dizer que hoje se vive em uma nova prática de nomadismo que também está relacionada ao anseio de estar sempre mudando de espaço, mas não em busca de subsistência, o desejo é a busca da informação e da comunicação por meio da conexão das redes. O atual nomadismo une a mobilidade física, informacional, espacial e tecnológica.

Pode-se caracterizar o nomadismo como uma característica fundamental da espécie humana em movimento, pois aponta para um desejo de evasão, uma espécie de pulsão migratória que incita mudanças e contribui para a construção da realidade social de seu período. Os indivíduos necessitam desligar-se dos espaços por alguns momentos, sem a obrigatoriedade da consciência destes desligamentos. O sociólogo Michel Maffesoli (2001), explica que o nomadismo faz parte de uma insatisfação, um desejo de mudança, algo como uma dialética constante entre a estática e a dinâmica – o movimento. Ele faz parte da natureza humana, está inscrito em sua própria estrutura.

O errante é o potencializador do nomadismo. Na cidade moderna ele contrapõe a ordem estabelecida “lembra o valor da ação de pôr-se a caminho”, aponta Maffesoli (2001, p. 41). É como o viajante que testemunha um mundo de forma paralela e por isso tem papel importante na interação social por fazer circular e fluir a sociabilidade, como salienta Simmel (1987) em seu texto sobre a metrópole.

O nomadismo é um desejo de mudança, segundo Maffesoli (2001) é como uma evasão, uma pulsão migratória que impulsiona o indivíduo ao movimento em busca de satisfazer seus anseios pessoais. O autor vê o nomadismo como uma pulsão da errância, um valor social que representa o “novo espírito do tempo” (2001, p.28). A errância é a relação com os outros de forma mais lúdica e menos ofensiva, ela não é privilégio de um indivíduo, e sim de uma sociedade, e é praticada cotidianamente por meio da mobilidade.

Essa mobilidade rompe uma estrutura estática e fixa com a evolução do desenvolvimento tecnológico. A relação entre nomadismo e tecnologia, transpõe as fronteiras e passa a ampliar experiências culturais e sociais de modo a penetrar no corpo social em forma de fluxos. É uma forma de transgressão que intersecciona a errância com o desenvolvimento tecnológico dos processos comunicacionais mudando de forma importante a mobilidade espacial.

O desenvolvimento tecnológico passa a influenciar as formas de nomadismo, nas questões direcionadas a mobilidade tecnológica e sua influência na mobilidade informacional e comunicacional. É neste ponto que Meyrowitz (2004) apoia seu conceito sobre os nômades globais, estes amparados em um processo que ao mesmo tempo amplia as possibilidades comunicação e interação e faz com que o indivíduo retorne às primeiras formas de associação humana: nomadismo e coletividade.

Joshua Meyrowitz (2004) aponta que os nômades globais vivem num misto entre o primitivo conceito de nomadismo e as tecnologias digitais. Ele ressalta que esse nomadismo é realizado em caráter global devido à amplitude da internet e sua noção intrínseca de rede. É necessário que se compreenda que este processo de mudança, a partir das novas tecnologias digitais e das conexões à internet sem fio, está associado à mobilidade da informação. Isso faz parte de uma mudança

significativa na vida social, assim como apontou Maffesoli (2001) em seu conceito de nomadismo como um novo espírito do tempo.

O nomadismo pretende aqui ser compreendido como um dos fatores fundamentais para o estudo dos dispositivos móveis de comunicação na sociedade. É partir desse processo que impulsiona o movimento de pessoas, coisas, objetos e ideias é que se torna possível compreender um contexto fundamental para a comunicação global e local: a mobilidade.

Para a compreensão deste movimento entre os espaços, entende-se que na sociedade atual pós-moderna, o deslocamento de bens, serviços, informações e pessoas, bem como, a distribuição espacial estabelecem uma forma dinâmica de interdependência com as estruturas sociais. O nomadismo atual se reflete na capacidade de movimento do indivíduo ou do coletivo em espaços globais e locais, ou seja, utilizando de forma paralela o espaço urbano das cidades e virtual das tecnologias.

O deslocamento no espaço-tempo remete a um ponto fundamental para entender a mobilidade no atual contexto. Um ponto a outro, com uma trajetória específica, limita a noção de espaço como algo finalizado algo pretendido e previamente definido. Este deslocamento alcança outros níveis, unindo o contexto geográfico e a potencialidade do espaço virtual. Pode-se apontar que esse híbrido espacial tão difundido neste contexto pelos indivíduos altera e amplia a forma como as estruturas sociais passam a lidar com a informação e a comunicação e assim causa impacto nas relações entre os indivíduos.

O movimento estabelece relações entre pessoas, ideias, mercadorias. A mobilidade é um componente da vida social e possibilita a amplitude das conexões, gerando elos complexos entre os indivíduos. A diversidade destes processos nômades e tribais amplia as interações sociais, o rompimento com os estranhamentos e a imersão na multidão.

A mobilidade faz parte dos modos de organização social, não sendo apenas o deslocar. Ela implica na capacidade de agir sobre, de fazer. Nas sociedades em que as ferramentas tecnológicas estão cada vez mais desenvolvidas, a mobilidade é amplamente estabelecida no espaço-tempo, desenvolvendo uma simultaneidade

entre espaço público e privado (ARAUJO, 2004). De forma contemporânea, a mobilidade é trabalhada a partir das tecnologias de locomoção, como automóvel, transporte público, por exemplo, que além do movimento perante os espaços, enfatiza uma outra questão voltada à mobilidade social (URRY, 2007).

Cabe aqui ir além e discutir a mobilidade tecnológica advinda dos dispositivos móveis de comunicação (telefone celular, *tablet*, rede wi-fi, *wearables*). Em um primeiro momento, o telefone celular (dispositivo estudado *a priori*) causou impacto diferente do que se vê hoje na sociedade. Esta tecnologia foi acusada de distanciar as pessoas nos espaços públicos, pois, enquanto falavam ao telefone, não interagiam, sequer percebiam a presença de outros indivíduos (SOUZA E SILVA, 2013). Atualmente a função menos utilizada pelo telefone celular é a de telefonia. O próprio fato dos indivíduos estarem permanentemente conectados, indica que há uma nova configuração da mobilidade na estrutura social.

Há novos contextos a serem observados e que apontam algumas diferenciações no meio social antes e depois destes dispositivos, que necessitam ser revisitadas. Meyrowitz (2004), lembra que a própria internet conduz a graus de mobilidades que permitem ampliar as relações com o mundo, com as mais diversas culturas, e que por meio da rede passa-se a viver ao mesmo tempo uma fusão e uma fragmentação de diversas relações. Portanto, deve-se recuperar do autor alguns pontos: Para Meyrowitz (2004) a contradição está na fusão e fragmentação a) entre aqui e lá; b) entre agora e então (e ainda ser); C) entre público e privado; d) entre as esferas masculina e feminina; e) entre crianças e adultos domínios da experiência; f) entre os líderes e cidadãos comuns g) entre escritório e casa; h) entre trabalho e lazer; i) entre empresas e clientes; j) entre usuários e produtores; k) entre notícias e entretenimento; l) entre um campo ou disciplina e outra; m) entre diferentes gêneros de mídia; n) entre simulada e real; o) entre as cópias e os originais; p) entre a experiência direta e indireta; q) entre biologia e tecnologia e r) entre marginal e convencional.

Com a mobilidade tecnológica, percebe-se que este movimento “entre” é algo mais em estado de fusão do que fragmentação. O “aqui e lá” se fundem e se confundem quando vividos em espaços híbridos por indivíduos conectados *always on* (PELLANDA, 2005). O “agora e o então” passam a ser um movimento quase que

imperceptível devido à fluidez e ao imediatismo das relações e processos. Até que ponto, atualmente, o espaço público não possui fragmentos da privacidade do indivíduo, assim como e de forma mais concreta, o espaço privado tem influências do espaço público - será que ainda é possível distinguir totalmente o espaço público do privado, a partir das ações dos indivíduos? Nos demais pontos, a percepção do movimento nos meios sociais se acentua ainda mais; entre líderes e cidadãos, por exemplo, não definimos mais todas as esferas sociais entre status e sua manutenção.

O poder é distribuído de forma cada vez mais descentralizada devido ao movimento das redes e, conseqüentemente, das pessoas, tornando cada vez mais horizontal um processo antes totalmente verticalizado. É também o movimento entre os campos e áreas científicas, a interdisciplinaridade, por exemplo, que possibilitou uma amplitude nas pesquisas em biologia e tecnologia, utilizando tecnologia em sistemas biológicos para produzir ou modificar processos específicos.

A fusão é importante no processo de mobilidade tecnológica, pois reúne contextos antes divididos em uma única experiência. Como enfatiza Urry (2000), com as novas máquinas e tecnologias, o movimento causou ainda mais a ilusão de compressão de espaço-tempo devido à capacidade de transportar informações, dinheiro, imagens (e riscos) em instantes. Observa-se assim, o que Castells ressaltava em 1996 como uma metáfora de rede, na qual objetos e pessoas - e lugares - convergem em processos interdependentes, nos quais a unidade é a própria rede.

Urry aponta uma espécie de “virada da mobilidade” (*mobility turn*), problematizada já por algumas escolas como os estudos culturais, as ciências políticas e sociais, os estudos sobre urbanismo e transporte e o feminismo. Ele propõe uma Sociologia da Mobilidade. John Urry é um sociólogo britânico, professor da Universidade de Lancaster e diretor do Centre for Mobilities of Research (CeMoRe), na Inglaterra, e um dos maiores entusiastas e pesquisadores nos estudos das mobilidades nas ciências sociais.

Urry (2007) já clamava por estudos que se voltassem a entender a mobilidade como um fenômeno social que perpassa dimensões físicas, econômicas e corporais, pois ela faz parte de algo bem mais amplo, como as dimensões que

envolvem o indivíduo de forma cultural, imaginária, afetiva e espacial. Uma mobilidade de pessoas e lugares, encontros e vínculos sociais que necessitam ser estudados. Para ele, as mobilidades estão associadas às mudanças que as cidades veem sofrendo ao longo dos séculos, principalmente nos séculos XX e XXI e assim compara que o tempo é algo que mexe profundamente com a capacidade de movimento e destaca um bom exemplo que justifica esse processo é o relógio, que há um século atrás era tão simbólico do moderno como o celular é ubíquo e representa a modernidade dos dias atuais.

É possível dizer que atualmente vive-se em um contexto em que ideias, pessoas, objetos, informações transitam em ambientes que devido à velocidade do desenvolvimento tecnológico, paralelo ao desenvolvimento cultural, são permeados de fluidez e efemeridade, inconstantes enquanto espaço e tempo de permanência e significado.

Atualmente, o que se vê permite dizer que a sociedade vive a fluidez das relações de Maffesoli (1996; 2000; 2001) e a liquidez dos processos sociais de Bauman (2001; 2007). Mas, deve-se acrescentar que alguns passos adiante destes processos devem ser destacados, como a mobilidade dos fluidos, destacada pela leveza, algo que não se mantém com facilidade. É pontual associar a leveza à “mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos” (BAUMAN, 2001, p. 8). Maffesoli (2000) também aponta em seus estudos, que se vive em um período histórico no qual o mundo passa por uma sinergia, uma expansão das tecnologias e uma busca cada vez maior pelo arcaico, apontando para essa fluidez constante que influencia de forma direta na sociedade. Estes pontos permitem observar que as formas como se dão as trocas sociais passam por uma reconfiguração, que une a fluidez e a liquidez da mobilidade à dimensão espacial do urbano por meio das tecnologias apontando questões importantes para o meio social

A mobilidade atual dos indivíduos, segundo Bauman (2008), não está mais tão relacionada ao objetivo de chegar a algum lugar, mas ao de estar em movimento, como errantes nos espaços. Tanto a sinergia de Maffesoli e a liquidez de Bauman, já destacavam que os indivíduos enfrentam um processo em que o movimento (de ideias, pessoas, objetos, informações) deve ser compreendido como

fundamental para que se possa entender o momento social e comunicacional que vive a sociedade.

Parte-se do contexto sociocultural no qual a sociedade passou de um período em que o racionalismo e a dureza dos processos eram o crivo para o entendimento social que, de certa forma, tendiam a engessar as atitudes instintivas e impulsivas dos indivíduos. Simmel (1987), em seu estudo sobre a metrópole moderna criticava as questões que impunham a pontualidade a calculabilidade e a exatidão que de certa forma eram “introduzidas à força” (p.15) na vida do indivíduo com a economia e a técnica retirando traços e impulsos pessoais. É o que ele chama de atitude *blasé*. Ser *Blasé*, protege o indivíduo de uma estimulação constante.

Mas o que se vê hoje é um indivíduo estimulado constantemente, que convive o processo racional, pontual e ao mesmo tempo com a fluidez dos processos sociais. Estas questões se alteram a partir da forma como estes indivíduos passaram a se comunicar ao longo dos tempos, e, para isso, a mobilidade é fundamental, afinal, a comunicação é o elo entre o indivíduo enquanto ser humano e enquanto ser social, promovendo um constante movimento de modificação da sociedade.

Pode-se salientar que os processos sociais se dão em boa parte em função da mobilidade. A mobilidade de uma forma geral, que faz parte dos desafios e paradoxos da contemporaneidade, como ressalta Augé (2010). Segundo o autor, vive-se em uma mudança que altera a medida de tempo e espaço, na qual “o espaço terrestre se reduz e o tempo dos homens se acelera” (2010, p. 7). É como se o tempo fosse desafiado pelas questões que levam à rapidez e fluidez das conexões. O nomadismo que se viu até agora passa por uma transformação de um nômade territorial para um nômade virtual, mas que percorre as questões relacionadas ao espaço muito além do tempo. Não se quer nesse ponto desenvolver questões diretas aos estudos da Física e aos estudos exatos relacionados ao espaço-tempo. O que se promove neste ponto é a mobilidade que, tendo o papel de intermediária, conecta espaço e tempo através dos processos comunicacionais.

Augé (2010) traz, além deste primeiro ponto, mais quatro questões paradoxais relacionadas ao processo que envolve a mobilidade atualmente, e que são importantes serem destacados. Ainda em relação ao espaço-tempo, ele ressalta

que esta nova relação tende a consagrar o presente e, muitas vezes, opor as relações entre global e local. É o que ele destaca como a “ideologia do presente” na qual a comunicação é pressuposto fundamental, pois, devido sua instantaneidade, faz com que as pessoas deixem de pensar o futuro, vivendo num presente perpétuo. A relação entre o espaço e o social é o terceiro paradoxo de Augé (2010), uma conexão que, embora tudo que haja atualmente circule, se movimente, ainda enclausura diferentes pessoas em espaços determinados. Esse ponto relaciona-se à dificuldade de ir e vir que muito indivíduos enfrentam em relação à mobilidade urbana e às fronteiras que, ao invés de buscar uniformizar, conectar, como ocorre com a ampla comunicação, cada vez mais exclui e difere muitos do contexto social.

A realidade da mobilidade em relação aos processos urbanos do movimento é a compreensão que Augé traz, por isso ele traz a questão econômica como fator de separação entre os países ditos emergentes e os demais em num contexto globalizado, neste ponto se encaixa o quarto paradoxo que, de forma fundamental carrega consigo o quinto paradoxo de Augé sobre o contemporâneo. O conhecimento - sua troca e crescimento, podem aumentar o fosso entre a elite do saber e àqueles que não têm a possibilidade de acessá-lo.

Nestes últimos pontos, aqui cabe um debate sobre a efetividade deste processo nos dias atuais. Com a amplitude dos processos de nomadismo, principalmente virtuais, como se observou, o contexto tende a se alterar quando as possibilidades de conexões se ampliam cada vez mais e os canais de comunicação são importantes responsáveis nesse processo. Com a possibilidade de acesso - cada vez mais viável financeiramente - a conteúdos diversos via internet e comunicação sem fio, o conhecimento tende fazer parte de um outro espaço que pode cada vez mais democratizar o acesso à informação e ao conhecimento e, fundamentalmente as conexões entre os indivíduos para trocas possíveis, o que passa a gerar uma nova percepção de empoderamento dos indivíduos na sociedade atual.

Augé designa esse processo como “mobilidade sobremoderna” que se encaixa nas definições de que os nômades carregam consigo um sentido constante de território e tempo, mas que atualmente sofre algumas mudanças. Com a mobilidade da população o que se vê são novos processos no qual o nomadismo,

principalmente referente à instantaneidade da comunicação entre os indivíduos em um mundo no qual “podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos” (2010, p. 16). Além disso, as pessoas despendem tempo para exercer movimento, o que, em relação à mobilidade tecnológica tende a ser fluido e envolver diversos outros fatores da vida social. A rapidez que a internet trouxe em relação aos dispositivos móveis, alterou a perspectiva de simultaneidade de relações entre pessoas, ideias, conteúdos e espaços. As trocas simbólicas potencializam-se e muitas vezes são alteradas por uma nova percepção que se atribui pelos indivíduos neste processo. Todo esse movimento vem trazendo impacto ao mundo com a disseminação da acessibilidade aos telefones celulares - *smartphones*, mais precisamente - que rapidamente aumenta nas populações de forma constante.

Quando se trata um processo de mudança de aspectos mundiais são necessárias novas concepções de estudo sobre os processos econômicos, sociais e no caso desta tese, comunicacionais, que de fato são primordiais em relação aos demais pois é através deste meio de comunicação que os demais aspectos da sociedade sofrem uma transmutação das relações sociais.

A comunicação móvel modificou o processo de interação e comunicação dentro e entre as sociedades (URRY, 2007). Autores contemporâneos como John Urry e Bruno Latour preocuparam-se em compreender como a mobilidade passou a influenciar a sociedade cotidiana, cada um a sua maneira, além de demais pensadores que se destacam nesse contexto.

John Urry propõe uma nova visão, um novo Paradigma das mobilidades para pensarmos as questões atuais. Esta proposta será a que veremos a seguir, e será a que embasará este tese devido a sua abrangência social interdisciplinar como teoria e proposta de estudo aplicado. Bruno Latour, antropólogo, sociólogo e filósofo francês propõe uma Teoria Ator-rede (TAR) para entendermos a questão do espaço e tempo a partir da mobilidade das associações que compõem os seres, as coisas, o social. Latour (1999) pensa a sociologia da mobilidade a partir da circulação dos actantes humanos e não humanos que estão sempre se transformando e se desfazendo enquanto redes. Nossa proposta será embasada no Paradigma das mobilidades, por acreditarmos abranger as concepções que envolvem as dinâmicas

do movimento dos indivíduos na sociedade atual, para tal, pontuaremos a seguir as características que envolvem este contexto.

2.2 PARADIGMA DAS MOBILIDADES

Com o século XX, novos sistemas que movem ideias, informações e pessoas passam a fazer parte da sociedade de forma mais rápida e eficaz permitindo que as estruturas sociais sejam ampliadas. É diante desta perspectiva que John Urry (2007) desenvolve o chamado paradigma das mobilidades, apontando a existência de uma nova ideologia que ressalta o movimento como fator importante para a compreensão da sociedade. O sociólogo ao desenvolver o paradigma ressalta a pluralidade do termo em função de que se vive vários tipos de movimentos, paralelos, consecutivos, distantes um do outro, todos eles constantes no mundo social.

Urry (2007) fundamenta o paradigma a partir da observação de que as ciências sociais (aplicadas ou não) pouco tratam das questões voltadas à mobilidade, ignoram o movimento como um ponto a ser estudado para compreender as estruturas sociais. Urry (2007) salienta que seu paradigma está apoiado no fato de que o tempo, as redes, a comunicação e a informação, e os demais aspectos são elementos presentes na vida da sociedade atual e, portanto, merecem ser estudados enquanto mobilidades e suas relações na vida social.

Para fundamentar o paradigma, algumas características são apontadas por Urry (2007) de forma a aclarar os motivos pelos quais ele o propôs, demonstrando qual sua perspectiva acerca da mobilidade.

Num primeiro ponto, o autor ressalta a importância das conexões, das relações sociais com o movimento. As questões entre presença e distância são aqui fundamentais, mas não referidas diretamente à presença física aos locais e às relações face a face, para ele há formas de presença imaginada de pessoas, informações, objetos em múltiplas conexões que não se baseiam apenas em

relação de proximidade. Ele ressalta que “presença é, portanto, intermitente, conquistada, realizada e sempre interdependente de outros processos de conexão e comunicação”¹ (URRY, 2007, p. 47).

Em segundo, Urry (2007) elenca cinco processos interdependentes de mobilidades que produzem e conduzem a vida social:

- *A viagem corporal* de pessoas: seus deslocamentos diários;
- *O movimento físico* de objetos;
- *A viagem imaginativa* efetuada através de conversa, imagens de lugares, visual e midiática;
- *Viagem Virtual*, que, segundo ele pode ser realizada “muitas vezes” em tempo real, que permite a presença e ação transcendendo a distância geográfica e social;
- *Viagens comunicativas* através do contato pessoa-a-pessoa, mensagens, textos, telégrafo, telefone, fax e telefone móvel.

Estas cinco propostas de mobilidades se interconectam e, de forma contingente, mantêm conexões sociais com laços fracos, potencializando redes sociais, “essas redes estão cada vez mais espalhadas por todo o globo, portanto, dependem de umas múltiplas mobilidades para a sua reprodução”² (URRY, 2007, p. 48).

O terceiro ponto de Urry (2007) trata do movimento corpóreo como fator importante para as mobilidades em relação aos sentidos e sensações. Corpos se movem, não são fixos e possuem a capacidade de sentir o ambiente quando estão em movimento. Ele trata esse contexto a partir da sensação do movimento em relação à mecânica do espaço, salientando a importância dos cinco sentidos do corpo humano e do sentido sinestésico.

¹ Presence is thus intermittent, achieved, performed and always interdependent with other processes of connection and communication.

² Such networks are increasingly spread across the globe and therefore depend upon multiple mobilities for their reproduction.

Urry (2007) traça o quarto ponto ligado à questão da presença em relação às conexões face a face. Nesse sentido ele aponta esse tipo de relação é realizada com movimentos frequentes. Ele se refere a viagens e alguns tipos de reuniões que requerem encontros presenciais. Para Urry (2007) o movimento na relação de proximidade física proporciona uma experiência em um momento e local específicos. Há a possibilidade de construção de laço afetivo na relação face a face. Este é um ponto importante para a obra de Urry (2007), no que se refere às questões de proximidade e distância.

O quinto ponto destacado por Urry (2007) realça um aspecto importante que advém com a ampla mobilidade conquistada pelos indivíduos. O controle e a vigilância do movente. Para tal, Urry (2007) aponta que quanto mais a população se move, se ampliam também as possibilidades dela ser vigiada. Neste contexto, o autor refere-se à conexão entre território e população por meio das redes sociotécnicas.

Como sexto destaque está a crítica às ciências sociais e seus estudos em relação à vida social independente do mundo natural e dos objetos. Aqui, o ponto-chave são os objetos materiais e sua possibilidade de mover pessoas, informações e objetos. Para ele, é necessária uma virada nas ciências sociais para que o mundo dos objetos seja reagrupado às noções de espaço-tempo, pois,

[...]há objetos que movem outros objetos, há objetos que se movem e que seu movimento pode significar que as pessoas não se movem, há objetos e pessoas que se movem juntos, há objetos que podem ser rastros de movimentos passados, e há objetos que possuem valor, levando as pessoas a percorrem distâncias para ver esses objetos (URRY, 2007, p. 50)³.

O sétimo ponto do paradigma de Urry (2007) é bastante utilizado por ele em seus estudos sobre as mobilidades. O conceito de *Affordance* é fundamental, principalmente para a compreensão das relações com o ponto anterior (sexto

³ [...] that are objects that move other objects, that are objects that move that may mean that people do not move; that are objects and people that move together; there are objects can be reminder of past movement; and there are objects that possess value that people travel often great distances to see for themselves.

ponto). *Affordance* é a qualidade que um objeto possui, e que proporciona ao indivíduo a possibilidade de realizar uma ação. O conjunto destas possibilidades tende a interferir no comportamento do indivíduo em determinadas situações e contextos e, de acordo com o autor pode gerar reciprocidade entre os indivíduos. Ele salienta (2007, p. 51), "[...] objetos particulares nos ambientes oferecem possibilidades e resistências, dado que os seres humanos são sensíveis, corpóreos, tecnologicamente estendidos e seres móveis"⁴.

Em seguida, Urry (2007) destaca como oitavo ponto o domínio da natureza pelo ser humano estar bastante associado à relação do movimento entre sujeito/objeto e espaço/território. Neste aspecto aponta historicamente os transportes como marcas que caracterizaram o desenvolvimento de sociedades antigas. Ele destaca que os sistemas que promovem a mobilidade estão ligados aos processos sociais e ao crescimento das cidades, e podem explicar como estas sociedades se desenvolviam econômica e culturalmente.

As diferenças sociais que podem ser promovidas pelos sistemas móveis é o nono aspecto apontado por Urry (2007). Segundo ele, o acesso a estes sistemas pode gerar desigualdade e assim produzir um efeito substancial na relação entre seres humanos, objetos e locais. As mobilidades aqui estariam no cerne destes processos, pois, se o movimento passa a estar atrelado a uma forma de poder, aquele que possui essa capacidade ampliada pode ter vantagem sobre os demais.

O décimo e importante ponto do paradigma de Urry (2007) trata das questões da circulação, do capital de rede. Para ele (2007, p. 52) "os sistemas móveis são organizados ao redor de processos em que circulam pessoas, objetos, informação em vários intervalos espaciais e velocidades". Este ponto se trata do valor que a circulação, que o estar em movimento possui em cada sociedade. Urry (2007) observa aqui uma questão fundamental salientando que não importa tanto o objeto - e aqui ele trata dos veículos, telefones e computadores - que circula, mas sim a rota, o caminho percorrido para que objetos, pessoas e informações estejam em

⁴ [...] particular objects in the environment affords possibilities and resistances, given that humans are sensuous, corporeal, technologically extended and mobile beings.

circulação, assim, “estas formas de rota implicam diferentes modos de circulação e diferentes formas de capital de mobilidade”⁵ (2007, p. 52).

Ainda sobre seu paradigma, Urry (2007) pontua seu décimo primeiro ponto em relação ao tempo. Ele aponta que os sistemas de mobilidade permanecem por um longo período, mas para que isso ocorra é necessário que se encontre maneiras de se estabelecer de forma física, social e econômica. O autor ainda ressalta que com o desenvolvimento de novos sistemas como os computadores em rede e os telefones móveis, surgem novas práticas sociais, novos ambientes comunicacionais e novos processos econômicos que mudarão os futuros padrões de mobilidade da sociedade.

No décimo segundo item de seu paradigma, Urry (2007) salienta a importância dos conhecimentos especializados nos quais se baseiam os sistemas de mobilidade. Aqui, ele ressalta a importância do conhecimento técnico para ampliar a mobilidade dos indivíduos, mas salienta que como os sistemas atuais são interdependentes, quando um deles falha, causa impacto no outro. Urry (2007) enfatiza que este pode ser um grande problema para uma sociedade com altos níveis de mobilidade. Nesse ponto, o autor ainda trata a questão dos rastros deixados pelos indivíduos nestes sistemas em forma de informação. Na busca por se mover, por alargar suas redes pessoais são deixados pedaços de vestígios informativos espalhados, assim, “os indivíduos existem cada vez mais além de seus organismos privados ao deixar traços no espaço informacional”⁶ (URRY, 2007, p. 53).

Por fim, o último ponto tratado por Urry (2007) traz as estruturas fixas como fatores importantes para a compreensão das mobilidades. Ele destaca que os sistemas móveis possuem sua complexidade decorrente de processos físicos substanciais, citando as infraestruturas que permitem os acessos e os fluxos que apoiam a mobilidade destes sistemas.

Os pontos apresentados por Urry, salientam que a construção de um paradigma das mobilidades vai além de querer suprir uma deficiência nos estudos

⁵ These route ways entail different modes of circulation and different forms of mobility-capital.

⁶ Thus individuals increasingly exist beyond their private bodies and leave traces in informational space.

das ciências sociais, é um método que implica no estudo de como as mobilidades influenciam o meio social e que, em alguns casos, não possuem uma associação centralizada por um local físico. Diante de todas as características que o autor condiciona seu paradigma, ele passa a questionar a imposição da noção de presença, relacionada aos ambientes físicos, como pressuposto fundamental no estudo das interações sociais em relação à proximidade e distância.

As mobilidades são cada vez mais ampliadas e associadas aos espaços urbanos por meio das tecnologias, influenciando e alterando a percepção dos indivíduos em relação a espaço e tempo.

Esta questão se insere no paradigma a partir do contexto de que o movimento sempre foi muito observado em relação ao corpo que se move, sua *performance*, apontando que as pessoas dão sentido ao mundo se movimentando por ele. Pela sensibilidade física, o corpo sente a experiência dos espaços pela experimentação do movimento. Os telefones celulares são, hoje em dia, tecnologias que ampliam esta experiência, para Urry (2011, p. 6), “vários objetos e tecnologias cotidianas sensualmente estendem as capacidades dos laços humanos em todo o mundo” produzindo, assim, movimento durável e estável.

O paradigma enfatiza que os objetos estão prontos para oferecer diferentes potenciais de usabilidade inclusive a possibilidade de ampliação do movimento. Além disso, os objetos passam a auxiliar e potencializar o movimento a partir do momento em que se compreende que diferentes conexões entre as pessoas e grupos sociais não são baseadas nas relações de proximidade. Este paradigma pressupõe que o movimento estudado está envolto em diversas conexões entre os indivíduos, além disso, as redes formadas por essa conectividade estão cada vez mais espalhadas e dependem de múltiplas mobilidades para se reproduzir e tornarem-se cada vez mais amplas.

A mobilidade da informação e das pessoas em ambientes físicos, conectadas ao ambiente virtual em tempo real e de forma paralela é um dos processos nos quais se amplia o estudo do movimento, pois a mobilidade é fator fundamental e está diretamente relacionada às experiências dos indivíduos nos espaços seja em relação ao objeto, às informações, ideias e interações. Urry (2011) aponta que uma das propostas de estudo deste processo é a partir da concepção de que atualmente

existem lugares em movimento, ou seja, são locais reais que não são estáticos, fixos; são móveis. Para tanto, Urry salienta que o estudo por meio do paradigma das mobilidades depende de engajamento “não é apenas sobre como as pessoas tomam conhecimento do mundo, mas como elas fisicamente e socialmente tornam o mundo através das formas em que se movem e mobilizam outras pessoas, objetos, informações e ideias” (2011, p. 14).

A mobilidade proporcionada pela tecnologia é apresentada, em inúmeros casos como se a utilização de dispositivos permitisse ao indivíduo transcender às limitações geográficas. As discussões sobre distância e proximidade sempre estiveram no contexto do debate social como forma de estudar as relações sociais. Büscher et al (2011) apontam que várias formas de mobilidade, principalmente no século XX diminuíram as distâncias e encurtaram o deslocamento dos indivíduos possibilitando alterações importantes na relação espaço-tempo.

Compreende-se, assim, que a mobilidade é constitutiva do mundo social, pois, as “práticas econômicas, sociais e políticas, as infraestruturas e ideologias que envolvem todos, implicam ou restringem vários tipos de movimento de pessoas ou ideias ou informações ou objetos”⁷ (BÜSCHER ET AL., 2011, p. 4). Os autores ressaltam que se devem estudar as relações e grupos sociais não mais apenas pelas relações de proximidade, pois as conexões entre os indivíduos são cada vez mais ampliadas e dinamizadas pelas novas tecnologias produzindo “uma esfera empírica substancial de ‘presença imaginada’ alcançada por meio de objetos, pessoas [...]”⁸ (2011, p. 5) devido ao deslocamento da vida social. Para ele, mesmo quando há ausência física, a presença pode ser imaginada por meio de múltiplas conexões, devido à vida móvel vivida na atualidade.

Há nesse ponto um sentido de presença voltado aos espaços e à mobilidade que envolve a ambos, principalmente na atualidade na qual as relações dos indivíduos são em grande parte mediadas pelas tecnologias de comunicação. Assim, observa-se que o movimento é fundamental quando se passa a refletir a noção de presença devido ao hibridismo dos espaços virtuais e físicos que permeiam as relações. A mobilidade passa a ser figura central nos estudos desta

⁷ Economic, social and political practices, infrastructures and ideologies that all involve, entail or curtail various kinds of movement of people, or ideas, or information or objects.

⁸ A substantial empirical realm of ‘imagined presence’ achieved through objects, people [...].

nova percepção de como os processos comunicacionais podem se diferenciar neste início de século.

São mobilidades contemporâneas que estão postas e que permeiam as noções de espaço, presença, público, privado, localidade, comunicação, informação, sociabilidade e que servem como um elo de ligação entre cada um destes contextos, deixando-os muitas vezes tão intrínsecos que sua própria natureza muitas vezes se torna indistinguível.

Diante destes aspectos, foi possível perceber que o paradigma das mobilidades proposto por John Urry é fundamental para a compreensão de como o movimento é importante nas questões que envolvem a sociedade e o desenvolvimento tecnológico. As relações de proximidade e distância foram aspectos fundamentalmente trabalhados em partes importantes do paradigma, demonstrando que o estudo sobre a presença nos espaços é ponto a ser debatido para a compreensão deste processo.

2.3 VIRTUALIDADE E PRESENÇA

O movimento é uma forma de comunicar, de agir, de estabelecer contato, também conectar pessoas e estabelecer significados. A mobilidade tecnológica amplia o movimento e a conexão transformando as relações entre espaço e tempo, presença e virtualidade apontando que o espaço que se refere quando se está em mobilidade por meio das tecnologias é um espaço diferenciado e, portanto, requer uma observação daquilo que compreendemos sobre presença e virtualidade, sobre “estar em um lugar”.

O debate atual em relação à presença, está diretamente relacionado à vida móvel vivida pelos indivíduos em tempos nos quais o deslocamento entre espaços está cada vez mais impulsionado por dispositivos que permitem além de uma mobilidade física, também e, paralelamente, uma mobilidade tecnológica aos indivíduos. Para Elliott e Urry (2010) presença é, portanto, intermitente, alcançada,

realizada e sempre interdependente de outros processos de conexão e comunicação.

Pensar a mobilidade é também pensar a presença em relação ao espaço de deslocamento, Gumbrecht (2010) aponta que uma “presença” é algo tangível, com a qual se mantém uma relação no espaço e na qual há algum tipo de impacto sobre o corpo e os sentidos do indivíduo. Para ele a presença vai além da interpretação, é algo como o primeiro impacto de um indivíduo com um processo, um objeto. Gumbrecht vê a presença dentro de um processo de materialidade da comunicação.

Green (2002) ressalta que a mobilidade é fundamental nas questões de presença e sua relação com os espaços. Vários dispositivos ao longo do século XX proporcionaram mobilidade aos indivíduos e sua relação na construção da cidade moderna, alterando questões de espaço, subjetividade e limites entre o público e o privado. De acordo com Green (2002), o telégrafo, o telefone e a internet, são meios sociais de “tele-presença” fundamentais que possuem papel fundamental nas relações entre espaço geográfico e tempo. Há nestes pontos questões relacionadas diretamente à comunicação proporcionada pelos dispositivos móveis.

Com o aumento da mobilidade, proporcionado pelo crescente desenvolvimento de dispositivos que permitem a ampliação da comunicação entre as pessoas, há uma mudança perceptível nas relações de presença nos ambientes urbanos das cidades, o desenvolvimento de coordenação temporal ajudou resolver o problema da "distância" na cidade. Mas de que presença pode-se referir quando se trata da concepção de um novo espaço e tempo configurado pelas práticas relacionais ciberespaciais (virtuais) e urbanísticas desenvolvidas como livres territórios pelos indivíduos?

As noções de flexibilidade de tempo e espaço que partem deste questionamento são bastante importantes, porém ainda bastante nebulosas. Green (2002) aponta que diante deste contexto “há o que parece ser um nível sem precedentes de co-presença simultânea e interação tele-presente possível através das tecnologias móveis”⁹ (2002, p. 284).

⁹ There also seems to be an unprecedented level of simultaneous copresent and tele-present interaction made possible through mobile Technologies.

As noções de espaço urbano, sob a ótica da mobilidade tecnológica devem ser repensadas pois trata do seguinte contexto: o espaço físico atualmente possui uma camada territorial imperceptível, que se tornou parte de um espaço de interação aliado ao espaço urbano das cidades. É a intersecção entre o espaço físico das cidades e do ciberespaço que surge o que espaço híbrido no qual a maioria dos indivíduos realiza boa parte de suas interações atualmente.

Para que seja possível compreender este novo espaço híbrido, é importante observar as noções de virtualidade para Pierre Lévy. Originária do latim, a palavra virtual representa força e potência, e é associada por Lévy (2007) aos fenômenos de desterritorialização espaço-temporais e seus fenômenos.

Quando Lévy (2007) fala sobre este processo de “falta de território” ou “sem território” refere-se às relações estabelecidas em um âmbito de necessidade de atualização, na qual o estar presente em potência faz parte da potencia do movimento que requer esse processo. Para ele a virtualização se define como o movimento inverso da atualização, uma configuração dinâmica de forças e finalidades.

Em 1996, quando Lévy escreveu *O que é o virtual?* seu ponto de referência - além da amplitude dos estudos da virtualidade - era a observação desse processo nas relações mediadas pelos computadores pessoais, *desktops* amarrados a fios e enclausurados em lugares físicos estáticos e limitados. Estudos fundamentalmente importantes para que entender todo o processo pelo qual a sociedade vivia na época e que permitem hoje tentar ampliar este conhecimento diante deste novo processo da mobilidade tecnológica.

A potência da virtualidade representava a ausência geográfica de interação de não-presença, que segundo Lévy reinventa uma forma de cultura nômade, de relações estabelecidas com o “mínimo de inércia” (2007, p.21).

Essa relação estabelecida com a inércia por Lévy é compreensível quando se pensa que o auge dos estudos das interações mediadas pelos computadores apontava para as relações ampliadas de forma globalizada, na qual um computador pessoal ligaria o indivíduo a diversas culturas. Com baixo custo e pequeno porte, os computadores de mesa, fáceis de serem executados, conquistaram o cotidiano

social e se tornaram fundamentais na vida dos indivíduos, das empresas, das universidades, enfim, tornaram-se dispositivos indispensáveis para as mais diversas funções sociais.

Lévy (2007) citava que a geografia não era mais um ponto de partida, nem uma coerção, que a não-presença em nada afetava as relações, pois o que motivava era a paixão pelos projetos em conjunto, os conflitos, as trocas sociais. Para ele, neste caso, a inércia se representava como um desprendimento do espaço geográfico e do tempo marcado pelos calendários e relógios e apontava ainda: “a virtualidade submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar [...]” (2007, p. 21). Ora, nada mais característico do início dos estudos das mediações destes dispositivos telemáticos do que a desvinculação da relação espaço-tempo de forma descontinuada.

De certa forma, o espaço físico habitado acabava por estar limitado e a virtualização do ciberespaço desterritorializava as relações de forma ampla que produzia ações concretas de comunicação, Lévy (2007) apontava que a sincronização substituía a unidade de lugar, e a interconexão a unidade de tempo. Cada novo sistema de comunicação inserido em um determinado universo cultural pode desenvolver formas de observação de desenvolvimento do encurtamento ou da ampliação de distâncias. Lévy (2007) ressaltava que as pessoas que mais utilizavam os meios de comunicação eram as que mais procuravam encontrar-se com as outras, no caso, sua observação dava-se em função do telefone, no qual as pessoas que mais telefonavam eram as que mais se encontravam com as outras.

Para Lévy, a virtualização inventa espaços-tempos mutantes. Considerando que os meios de comunicação, como os transportes, por exemplo, possuem influência nas relações de proximidade e distância, a virtualização vista do ponto da comunicação mediada pelo computador influencia nas relações destes espaços. De observar a influência social destas desterritorializações, parece que surgiu uma emergência no desenvolvimento de novas tecnologias que permitissem novamente uma conexão comunicacional com os espaços e a interação fosse realizada levando em consideração de forma significativa o urbano das cidades. A mobilidade tecnológica vinda com a comunicação mediada pelos dispositivos móveis é que proporciona hoje outra forma de configuração dos processos comunicacionais.

Os estudos de Lévy (2007) levam a compreensão de um espaço virtual importante para perceber uma forma de nos relacionamento mediada pela tecnologia, mas estes estudos estão dissociados dos espaços físicos, e isto é apontado pelo teórico. Quando se trata o virtual a partir da mobilidade tecnológica, a relação de não-presença apontada por Lévy como potência de virtualidade já não parece caber em sua essência. Para o autor, o movimento de virtualização remete à desterritorialização, a saída do “agora”, do “isto”. A mobilidade tecnológica pressupõe que o território é importante e o movimento permite ao indivíduo estar presente tanto no ciberespaço, quanto no espaço urbano de forma paralela. É o espaço virtual apontado e desenhado por Lévy (2007) unido ao físico das cidades que modela o perfil do novo ambiente comunicacional do século XXI.

Certamente Lévy (2007) amplia as questões relacionadas a virtualização, porém o ponto que estimula o estudo dentro desse processo é como ele liga a questão da inteligência coletiva, das redes, a constituição dos “nós”, noções de unidade, identidade e localização à desterritorialização advindo com o ciberespaço e potencializada pelos computadores. A centralidade do pensamento do autor nesse processo se dá no ponto de que a virtualidade, embora, ele sempre saliente que a própria linguagem seja um processo virtual, na desterritorialização das relações mediadas. Pode-se observar, desta forma, que o movimento e a mobilidade se davam a partir do ponto em que o espaço contemporâneo se multiplicava formando grupos nômades que saltavam de rede em rede, com velocidade. O ciberespaço dava-se como o grande local de apropriação e socialização¹⁰. Com a mobilidade tecnológica os ambientes virtuais perpassam as barreiras do ciberespaço, e interagem com o espaço urbano cada vez mais. Os indivíduos interagem com os espaços e as coisas e vice-versa.

Pode-se assim compreender que há outra percepção do que se pode tratar como presença em relação ao “estar em um lugar” no contexto da mobilidade tecnológica. Os rastros deixados pelas pessoas nestes espaços híbridos, são um alinhamento entre virtualidade, território e presença que vem modificando o caráter dos locais nos espaços físicos a partir do momento em que as pessoas, ao se

¹⁰ Gibson, quando criou o termo ciberespaço, de forma ficcional em sua obra *Neuromancer* (2012), apontou que nele os seres interagem por meio da inteligência artificial, numa forma de alucinação consensual em uma outra realidade que em nada lembrava a dos sentidos, e tampouco a virtualidade da qual nos referíamos no início dos estudos sobre esse espaço de comunicação.

moverem, podem incluir e utilizar informações digitais em espaços urbanos (SOUZA E SILVA, 2013).

Portanto, estes estudos tornam-se importante para a percepção de que os indivíduos movimentam-se em espaços diferenciados e, com isso, as noções de presença e virtualidade são postas em questão. Os espaços híbridos propõem uma noção de presença em que o virtual faz parte do contexto social associado aos locais das cidades durante o processo de interação. Esse contexto é possibilitado pelo movimento dos indivíduos entre os dois espaços de forma simultânea, algo conquistado por meio dos dispositivos que proporcionam a mobilidade tecnológica.

3 ESPAÇOS HÍBRIDOS: AS TECNOLOGIAS MÓVEIS NO COTIDIANO

Os indivíduos sempre impulsionaram o desenvolvimento tecnológico em relação às tecnologias de comunicação que ajudassem a promover maior mobilidade à sociedade. Seja esta mobilidade física, comunicacional, informacional.

Desde a invenção da escrita cuneiforme pelos sumérios, com o desenvolvimento do alfabeto pelos fenícios e o aprimoramento do papiro como suporte para a informação escrita, a comunicação passa a ter um nível maior de mobilidade entre os indivíduos, que deixam de utilizar as grandes tabulas de madeira, substituindo-as aos poucos pelos pergaminhos e pelo papiro para se comunicar e propagar conteúdo. As informações puderam circular de forma mais ampla, pois o dispositivo possibilitava essa mobilidade.

Salienta-se que autores como Giovaninni (1987), Briggs e Burke (2006) dentre outros, á realizaram extensas observações sobre a evolução dos dispositivos e dos processos de comunicação ao longo dos tempos. O que deve ser destacado quando se aponta alguns pontos evolutivos da comunicação é que os indivíduos almejam sempre o movimento como forma de perpetuar algo, deixar registrado. Este fato caracteriza o sentimento do ser humano em busca da perpetuação de uma informação, pois, compreende-se que quanto mais ela for distribuída e compartilhada com os demais, há mais chances dela ser registrada e permanecer no tempo.

A amplitude nos deslocamentos alcançados com o desenvolvimento das ferrovias, por exemplo, possibilitou que pessoas, objetos (livros e jornais) e conseqüentemente ideias, pudessem se deslocar mais rapidamente potencializando a distribuição das informações. A comunicação por meio das ferrovias alterou a percepção de tempo e espaço, assim como os navios a vapor e em seguida a eletricidade. De acordo com Briggs e Burke (2006, p. 133), com estas tecnologias "o conceito de tempo estava agora sendo transformado mais drasticamente do que havia sido nos séculos XVIII e XIX, quando foi padronizado em intervalos espaciais de tempo. As diferenças locais de tempo desapareceram, embora nem todas de uma vez, ou em todos os lugares".

Um dos primeiros avanços na área da eletricidade, segundo Briggs e Burke (2006) foi a telegrafia em 1889. O telégrafo trata-se de um dispositivo importante para a compreensão das tecnologias móveis. Como forma de registrar, de espalhar informação, de comunicar, o telégrafo no século XIX permitiu, por meio do código Morse, que um dispositivo pudesse ser utilizado para transmissão e recepção como um sistema de comutação em rede (GIOVANINNI, 1987). Com sua própria evolução, o telégrafo sem fio foi muito utilizado para a navegação marítima, propagando informação de um ponto a outro de forma móvel.

Historicamente, o telégrafo e as ferrovias foram considerados “grandes forças motrizes de desenvolvimento social”, pois possuíam características diferenciadas, “as ferrovias - transportando pessoas, mercadorias, jornais e livros - e os telégrafos - a primeira invenção elétrica do século XIX a transmitir ‘mensagens’ públicas e privadas [...]” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 137).

O telégrafo também foi importante para o desenvolvimento do telefone devido sua capacidade de comutação, mas em relação à mobilidade, os primeiros telefones eram limitados. Necessitavam de cabos ligados a aparelhos localizados em espaços delimitados para que a comunicação pudesse ser estabelecida. Enquanto o telégrafo transmitia e recebia códigos, o telefone permitia o processo por meio da voz. Em suma, originalmente o telefone não possuía a mobilidade como qualidade do dispositivo.

Deu-se aqui um longo passo na história para chegar ao ponto central enquanto dispositivos móveis aos quais nos referimos. Este breve contexto observado, serve para nos mostrar que os anseios comunicacionais das sociedades no desenvolvimento de dispositivos tecnológicos, embora que num primeiro momento seja o seu princípio maior de conectar pessoas, sempre tendem a se voltar de uma forma ou outra à mobilidade. Este processo deve estar enraizado ao pensamento nômade que permeia o desenvolvimento humano como uma questão de sobrevivência.

As tecnologias móveis amplamente fundamentadas no princípio da mobilidade dos indivíduos nos espaços, ganharam força principalmente com desenvolvimento dos handhelds no final do século XX. Inicialmente, estes dispositivos eram como pequenos computadores de bolso, que serviam como

PDA'S consoles e agendas, no entanto, de uma forma rápida suas funcionalidades foram sendo ampliadas e estes dispositivos transformados em notebooks, telefones celulares e smartphones.

Esta transformação se deu, pois havia uma limitação nestes dispositivos; eles permitiam sua utilização em mobilidade, mas a conexão era limitada. Os *handhelds*, como computadores de bolso, possuíam recursos mais básicos, como processamento de textos e planilhas, agenda eletrônica, possibilitando indivíduo realizar pequenas anotações. Também conhecidos como palmtops, tornaram-se nos anos 1990 importantes dispositivos para impulsionar o desenvolvimento da mobilidade que vivenciamos hoje.

Antes da década de 1990, quando a sociedade passou a utilizá-lo de forma efetiva, o telefone celular não possuía a popularidade que tem nos dias atuais. Com preço elevado, apenas uma elite social e empresarial conseguia adquirir tal dispositivo. Paralelo ao avanço tecnológico e ao barateamento do dispositivo, a telefonia celular, já agregada a funções inteligentes e a possibilidade mais ampla de conexão com os smartphones, foi cada vez mais introduzida no cotidiano da sociedade, tornando-se mais que uma ferramenta de comunicação, foi inicialmente pela mediação desta tecnologia e da internet que as pessoas passaram a ter acesso a contextos informacionais e sociais nunca antes experimentados.

Nenhuma das tecnologias de comunicação, embora sempre avançando e impulsionando a mobilidade da comunicação, como o rádio e o telégrafo, por exemplo, possibilitou que os espaços físicos fossem presentes de forma tão saliente na informação, Lemos (2007) ressaltou em seus estudos que estas mídias também podem ser apontadas como locativas, mas que do ponto de vista da emissão, do processamento e dos dados elas permanecem estáticas, não se enquadrando nos estudos aqui propostos. Castells (1999), ao estudar a sociedade em rede, já compreendia que as novas tecnologias de comunicação não são simples ferramentas, mas processos que se desenvolveriam junto com a necessidade da sociedade conectada, como uma lógica de rede. Para ele, naquele momento estava se desenvolvendo uma nova lógica de estrutura global, informacional e em rede, que mudaria os parâmetros sociais vividos em todos os setores da sociedade.

De fato ele não estava errado e isto já não é novidade atualmente. A economia teve que rever seus processos devido ao impacto da internet nas organizações, novos padrões de competitividade surgiram, blocos globalizados passaram a se construir e a influenciar no processo social como um todo. Todos estão conectados, o mundo é um espaço aberto para um território informacional.

Os dispositivos móveis, primeiramente por meio dos smartphones e wi-fi, foram os instrumentos que nos possibilitaram esta inserção em territórios informacionais. Por meio da mobilidade, intrínseca a eles, é que estes territórios se tornaram possíveis. Portanto, há todo um reflexo no contexto do ambiente urbano e social advindo da mobilidade tecnológica.

O movimento gerado pelas tecnologias e pela amplitude do território informacional que potencializa não apenas a comunicação entre os indivíduos e os lugares, mas também entre os objetos, têm impulsionado cada vez mais o desenvolvimento de “cidades inteligentes” (*smart cities*) (LEMOS, 2013), ambientes amplamente conectados que envolvem o indivíduo em plena mobilidade, interligando objetos, pessoas e os locais das cidades por meio do acesso e controle da informação.

Vive-se um período em plena mobilidade tecnológica, na qual o espaço híbrido é local utilizado cotidianamente para o indivíduo se informar e comunicar com outras pessoas. Neste ponto importante, trata-se a informação e seu contexto diante da mobilidade e dos dispositivos e como ela se desenvolve criando seu próprio território dentro deste espaço híbrido, o território informacional. Haja vista, o espaço híbrido pode ser observado como um grande território informacional, de fato, pois nele circulam infindáveis formas de comunicação e informação. No entanto, o ponto é compreender o impacto que a mobilidade tecnológica vem causando nestes espaços e na relação destes com a informação.

As tecnologias tornaram móvel a relação dos indivíduos com a informação, possibilitando que a ampliação da sociedade em rede na qual Castells (1999) apontava. Para ele, um novo paradigma tecnológico se acentuava na década de 1990, o qual os indivíduos não tiveram muito tempo para se adaptar. O que se trata aqui é que atualmente vive-se um novo paradigma, provavelmente ainda em fase de adaptação, que é o da mobilidade. O que este paradigma aponta como novidade

são os estudos relacionados à forma de mobilidade proporcionada pelos dispositivos móveis e seus impactos na informação e comunicação, o que gera reflexos nas relações sociais.

Juntamente com a emergência que as cidades e a população têm no acesso as redes wi-fi em busca da conexão, o uso do GPS fomentou a criação de um novo território permeado de fluxos informacionais resultante de uma intersecção entre ciberespaço e espaço urbano (LEMOS 2007). Estes fluxos estão associados tanto ao virtual do ciberespaço quanto ao físico dos espaços urbanos, por isso vive-se atualmente novos espaços híbridos nos quais a informação está associada e cada vez mais fomentada pelas pessoas que por eles circulam. Lemos pontua “o território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (2007, p. 221). Pode-se dizer que os dispositivos móveis se tornaram mais conscientes de localização e com eles os indivíduos passaram a deixar marcas nos espaços ao se movimentar e agregar informações a eles.

A instantaneidade da ubiquidade resulta na atopia de uma interface única. Depois das distâncias de espaço e tempo, a distância-velocidade abole a dimensão física. A velocidade torna-se subitamente uma grandeza primitiva aquém de toda medida, tanto de tempo como de lugar (VIRILIO, 1993, p. 13).

Segundo Virilio (1993) as novas tecnologias tendiam a abolir a dimensão física, para ele a “tecnologia desempenha um papel análogo ao criar novas interrupções de todas as formas, uma modificação do tempo próprio, (...) que traz consequências tanto para a organização do espaço urbano quanto para o espaço de arquitetura.” (VIRILIO, 1993, p. 65). Porém, o que se viu durante o desenvolvimento tecnológico foram os rastros deixados nos espaços sociais, agregando informação aos locais e objetos deixando impressões que podem ser facilmente rastreadas. Objetos inteligentes passam a fazer parte do dia a dia conectando pessoas e artefatos em qualquer tempo e lugar tendo como base os dispositivos móveis.

Mark Weiser, ex-cientista chefe do Centro de Pesquisa da Xerox em Palo Alto, considerado o pai da computação ubíqua salienta que “as tecnologias mais profundas são aquelas que desaparecem. Elas se entretecem no tecido da vida

cotidiana até se tornarem indistinguíveis dele” (1991, p. 94). E elas cada vez mais fazem parte do cotidiano das cidades e da vida dos indivíduos, progressivamente imperceptíveis.

Lévy (2007) afirma que o consumo de uma informação nunca será exclusivo, pois ela está sempre em movimento; quando ela é interpretada, ligada a outras e a contextos, ela é atualizada, sendo transformada em experiência sobre algo. Com o dispositivo móvel essa experiência é potencializada ressignificando os espaços a partir do que Souza e Silva (2013) apontam como localidade em rede (*net locality*), ou seja, as informações digitais advindas da virtualidade das conexões globais e fortalecidas pelas conexões locais em espaços físicos.

Um dos pontos formadores destes espaços híbridos ou territórios informacionais¹¹ segundo Lemos, é a popularização dos Sistemas de Navegação por Satélite (Sat-nav), este sistema de localização parece contribuir para esse paradigma da mobilidade atual.

Os rastros são deixados no território informacional por meio da mobilidade que os dispositivos proporcionam. Uma impressão só é deixada porque uma ação naquele espaço foi realizada. Um dos importantes processos que permite falar em rastros nos territórios informacionais é a possibilidade que qualquer pessoa, que possua um telefone celular, ou um acessório de computação vestível (*wearables*) tem de deixar sua marca, sua informação sobre sua localização em espaços físicos por meio do uso de Sistemas de navegação por satélite. Este dispositivo de localização consciente além de um navegador, determina a localização do indivíduo no espaço. O uso destes artefatos somados a amplitude das possibilidades de acesso à internet sem fio, vem transformando os espaços.

Pontos fundamentais são visíveis quando se deparam ao fato de que todos os lugares hoje são mapeáveis. Basta “dizer sim” a um dispositivo, que ele informa a todas as redes sociais na internet, onde o indivíduo está, o que está fazendo, por quanto tempo permaneceu ali. Esse ponto retorna aos processos iniciais deste trabalho, quando, no desenvolvimento da internet e do ciberespaço, falava-se de

¹¹ Para este contexto, o termo espaços híbridos será utilizado como sinônimo de como territórios informacionais.

desterritorialização. Isso não cabe mais nos dias atuais. Assim, se faz a atualização deste processo quando as tecnologias atuais levam novamente aos espaços urbanos, mas não há uma desvinculação do ciberespaço como espaço de interação, acopla-se uma forma a outra como um processo quase natural.

Quando se deixa estas marcas nos espaços, híbridos, cria-se um território com informações personalizadas “geotagueadas” que agregam um sentido para quem as produziu, mas que também virão a produzir significados para outros que logo se movimentarão, acessarão este território. Em sites de busca como o Google, por exemplo, quando deseja a informação sobre algum local, o resultado já vem direcionado às escolhas do indivíduo, bem como às escolhas que seus amigos (contatos das redes sociais na internet) fazem. Estas informações são as primeiras a serem mapeadas e divulgadas ao indivíduo pelo site.

As experiências de viagens também estão se tornando cada vez mais diferenciadas. Quando se está em uma cidade e se busca por seus pontos turísticos, logo se recebe informações de pessoas que atribuíram algum significado, alguma informação aos locais. No entanto, o que se percebe atualmente é uma fase ainda mais personalizada. A partir dos desejos, das coisas que cada um busca em sites, em informações sobre compras e o que é divulgado em sites de redes sociais na internet, será criado, um mapa próprio para cada um que busque informações locais. O movimento dos indivíduos passa a ser mapeado e orientado.

Há uma camada de informação que permeia o cotidiano e que está sendo usada para identificar os rastros que deixados neste território informacional. Evgeny Morozov¹² (2013) faz uma crítica em relação a este processo, salientando que tal personalização faz com que se perca a essência dos espaços públicos, pois o movimento se torna coordenado, a espontaneidade do encontro com outros espaços da cidade se limita. Para ele, neste caso, há um papel vital no caos e na desordem para a formação da experiência urbana. Esta crítica ele faz diretamente ao Google e ao que ele aponta como a missão da empresa de “organizar toda a informação do mundo”.

¹² Disponível em

http://www.slate.com/articles/technology/future_tense/2013/05/google_maps_personalization_will_hurt_public_space_and_engagement.html

Em termos, o que Morozov critica não é a mobilidade que as tecnologias atuais proporcionam, mas sim o uso pelas empresas das informações que cada um deixa nos espaços. Estes processos certamente devem ser estudados futuramente, para que se compreenda como isso afeta nas questões de vigilância e controle do indivíduo.

O fluxo informacional se caracteriza neste território por esta imbricação dos espaços. Assim, novas relações sociais com os espaços são criadas. Mover-se com dispositivos móveis nos espaços urbanos produz novas territorializações, principalmente informacionais devido à amplitude das conexões.

Estas conexões ampliadas somente são possíveis com o desenvolvimento dos espaços híbridos vividos atualmente. Da sociedade em rede de Castells (1999) busca-se refletir que todo este processo se insere nas mudanças sociais na qual o desenvolvimento tecnológico incorpora a capacidade de transformação da sociedade e os usos que esta faz da tecnologia. É um processo que se desenvolve de forma paralela.

Os territórios informacionais estão associados às experiências cotidianas das pessoas, a argumentação aqui se dá a partir do pressuposto de que a mobilidade tecnológica é fator fundamental na formação destes territórios por meio dos dispositivos móveis. Este território é móvel, mas constantemente territorializado por diversos indivíduos ao mesmo tempo. Lévy (2007) já citava que a própria informação nunca pertencerá a alguém unicamente, pois ela é móvel. Esta informação permeia um espaço, territorializado pela informação, mas um espaço que precisa de contexto para que este processo se efetive.

Segundo Lefebvre (2000) o espaço muda conforme as sociedades que nele habitam, é um processo que pode ser produzido. Para ele há uma história do espaço, assim como do corpo, do tempo, da sociedade. “História ainda por se escrever” (2000, p. 6). Para se compreender o espaço, é preciso entendê-lo não como um produto a ser consumido, trocado algo concebido com passivo ou vazio. O espaço não deve ser considerado como algo que tende a desaparecer.

A cidade é feita de lugares, como citava Michel de Certeau (1994), de contastes. Instaurada pelo discurso utópico e urbanístico, a partir da produção de

um espaço próprio, estabelecida em um não-tempo sincrônico e projetada para criação de um sujeito universal e anônimo (DE CERTEAU, 1994) perdeu espaço para novas práticas urbanas passando a funcionar a “Cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade” (DE CERTEAU, 1994, p. 174)

O ato do caminhar pela cidade torna-se uma apropriação do indivíduo, uma enunciação. O se deslocar inventa e atualiza possibilidades para o caminhante nos espaços percorridos. De Certeau ressalta que assim se ultrapassa os limites das determinações dos objetos e ao mesmo tempo o caminhante transforma em outra coisa cada significativa espacial. Para o autor, o fato de caminhar é ter a falta do lugar, é estar ausente a procura de um próprio. Tomamos-se uma metáfora para organizar os lugares e os espaços fazendo deles itinerários e percursos. “Todo relato é um relato de viagem - uma prática do espaço” (DE CERTEAU, 1994, p. 200).

O autor chama a atenção para os transportes nas cidades contemporâneas como formas de *methaporai*, metáforas que acabam organizando os lugares, pois os reúnem em um só conjunto, são formadores de percurso, nos movimentam. A importância de este olhar é fundamental para sua diferenciação entre espaço e lugar. Para o autor, lugar se trata da ordem, onde duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar. É o lugar do próprio, do ao lado, do distinto. “Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.” (DE CERTEAU, 1994, p. 201).

Diferentemente, o espaço é o cruzamento do móvel, é a relação entre a velocidade e o tempo. “É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (DE CERTEAU, 1994, p. 202). De Certeau afirmava que o espaço é o espaço praticado, no qual há a prática de um sistema de signos. É no espaço que se dá a experiência é a partir deste contexto apontado pelo autor que buscamos compreender o tipo de espaço pratica em nosso contexto atual. O espaço da mobilidade

O espaço tem de ser considerado mais do que um local de passagem, um não-lugar, como afirmava Augé (2010). Nele reúnem-se traços de uma época, de

um contexto social particular agregado à história de uma sociedade. Na atual conjuntura, os espaços têm ganhado mais força, pois os indivíduos voltaram a olhá-los com os olhos da descoberta, como cita Lefebvre (2000), só que a partir de uma nova perspectiva híbrida. O espaço reconstitui um processo complexo de descoberta, criação e produção, segundo Lefebvre (2000), a partir da lógica da “forma geral da simultaneidade; pois todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição na inteligência e na junção material de elementos dos quais se produz a simultaneidade” (2000, p. 6).

Quando se utiliza os dispositivos móveis, mapeia-se e compartilha-se uma informação, agrega-se um valor significativo ao espaço, territorializando-o, atribuindo a ele um sentido que tende a aumentar a experiência de outros indivíduos nestes locais. É um espaço de produção, de criação como se refere Lefebvre (2000), mas um espaço de criação de conteúdo informativo.

Sutko e Souza e Silva (2011) apontam que este espaço é permeado de aplicativos móveis de localização consciente que implicam no aumento da comunicação e da coordenação em espaços públicos, facilitam encontros aleatórios por meio da mobilidade na cidade e aumentam a consciência dos usuários na experiência do espaço urbano. Estes aplicativos enfatizam a mobilidade de fluxos que compõem os territórios informacionais.

As cidades sempre foram espaços propícios para encontros e interações sociais inesperadas. No início dos estudos em relação às interações mediadas pelo computador, o espaço urbano parecia ser visto como algo desinteressante, desvalorizado. O fenômeno advindo com as interações mediadas pelos dispositivos móveis trata de fazer o processo inverso: não minimizando a importância, ao contrário, ampliando o valor potencial do ambiente físico.

Este potencial do espaço físico está imbricado nos rastros digitais que deixamos por toda parte. Toda espécie ao se movimentar nos espaços deixa sua marca, para cada ação há uma impressão que fica registrada. Fernanda Bruno (2012), em seus estudos sobre a vigilância, atenta para o fato de que é impossível não deixar rastro, pois comunicar é deixar rastro. Estes rastros são móveis, portanto cada vez mais se espalham e se conectam com outros rastros. Em constante mobilidade, os indivíduos vão deixando seus rastros nestes territórios informacionais

que vão ficando cada vez mais permeados de contextos e significados. São os dispositivos móveis que trouxeram liberdade de movimento de acesso à rede, à transmissão e ao compartilhamento de dados de qualquer canto do espaço urbano.

Paralelo a isso há um desenvolvimento nas estruturas sociais que passa a ser diferenciado de quando havia a divisão entre espaço físico e espaço virtual. As consequências deste imbricamento espacial são percebidas em todos os contextos da sociedade. A mobilidade tecnológica vem transformando o processo comunicacional e informacional e tem causado um impacto significativo nas estruturas midiáticas e nas interações entre os indivíduos.

3.1 ESPAÇOS HÍBRIDOS E A FORMAÇÃO DE NOVOS GRUPOS

As relações de proximidade, presença, distância e mobilidade precisam ser reavaliadas nestes atuais tempos móveis (GREEN, 2002) para que a relação entre espaço e tempo possa ser compreendida em nosso contexto atual. É desse ponto que partimos para entender que as relações entre público, privado, subjetivo e emocional passam a ser tratadas sob uma nova perspectiva (GREEN, 2002), associada a espaços de interação social que atualmente se misturam entre os espaços urbanos e a virtualidade do ciberespaço (SANTAELLA, 2007).

Um ponto fundamental para se compreender esses fatores é a mobilidade tecnológica. Trata-se do movimento dos corpos em espaços, localidades e entre espaços públicos e privados, munidos de aparatos tecnológicos móveis que ampliam as possibilidades de comunicação e de informação dos sujeitos, potencializando a formação de outros grupos. Essa mobilidade proporcionada pela tecnologia torna os espaços inteligentes, de forma ubíqua, por meio de objetos interativos. Nesse sentido, Mitchell (2002, p. 78) ressalta que, atualmente, somos “verdadeiros habitantes de ambientes eletronicamente mediados, e não mais simples usuários de aparelhos computacionais”.

Com a internet, as noções de espaço sofreram algumas transformações, principalmente quando se trata da difusão das tecnologias móveis, como telefones celulares, *laptops*, *tablets*, conexões via internet sem fio (*Wi-Fi*). Essas tecnologias permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, agindo também como ferramentas de territorialização. Esse espaço passa a ter então um novo

significado, uma outra reconfiguração, pois envolve os espaços urbanos das cidades e o espaço virtual das tecnologias – o ciberespaço.

Assim, podemos, então, enfatizar que estamos vivenciando o desenvolvimento da hibridização dos espaços, na qual o virtual, trazido pelas tecnologias, designado como ciberespaço, e o urbano vivido, no contexto das cidades, passam a constituir outro espaço, com características próprias, que já fazem parte do cotidiano dos sujeitos de forma, na maioria das vezes, imperceptível.

Com essa hibridização dos espaços físico e virtual, há uma mudança na apropriação dos indivíduos com relação às cidades. As tecnologias móveis têm papel determinante nessas novas formas de se observar os espaços urbanos, alterando os processos de interação entre os indivíduos. As cidades também passam a conter novos significados. Vive-se na cidade da cibercultura, ou seja, uma cidade amplamente conectada – a cibercidade (LEMOS, 2007). Essas novas formas de nomadismo somente são possíveis em razão de se experienciar uma cultura da conexão generalizada, em grande parte proporcionada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação. Com o avanço dessas tecnologias, o acesso *always on* pode expandir uma nova forma de distribuição e colaboração de informação, proporcionando que sujeitos distintos passem a interagir e difundir informações em tempo real, é o que Manovich (2005) denomina de *tecnologias cellspace*.

Há, também, outra configuração nas relações entre os sujeitos. O hibridismo entre os espaços virtual e físico pode vir a reforçar os laços sociais, renovando ou criando condições sociais para a interação. Nos espaços híbridos, encontramos padrões de sociabilidade diferenciados, bem como uma redefinição dos espaços públicos e privados (SOUZA e SILVA, 2005), nos quais já não se percebe onde termina um e começa o outro.

Com a mobilidade tecnológica, as redes passam a configurar uma forma de grupo que agrega os espaços híbridos ao seu contexto de mobilização – as novas tribos urbanas (MAFFESOLI, 1996; 2000). Podemos citar como exemplo as *smart mobs* (RHEINGOLD, 2002), nas quais as pessoas conectadas com as tecnologias móveis de comunicação e informação reúnem-se, mesmo sem se conhecer, e cooperam em ações coletivas de maneira inédita nos espaços urbanos. Esses grupos, chamados de redes sociais móveis (HENRIQUES, 2011), constroem por meio das interações sociais proporcionadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação em espaços híbridos. Redes sociais móveis, como o

Instagram, proporcionam a formação de grupos nos espaços da cidade através da possibilidade de encontrar pessoas e saber o que está acontecendo ao seu redor. Assim, podemos salientar que, com essas novas formas de interação entre os sujeitos, há a possibilidade de mobilizações sociais que podem gerar ações coletivas em prol – ou contra – determinado fato ou contexto social.

3.2 INFORMAÇÃO: O CONTEÚDO EM MOVIMENTO

Entender as conexões entre as redes e o movimento gerado por elas, é compreender de que forma qualquer tipo de conteúdo se propaga, é compartilhado. Para cada nó criado a partir da propagação de conteúdo em uma rede, se pressupõe que uma interação e, então uma informação, foi difundida e que deve ser mapeada.

Jenkins, Green e Ford (2014) entendem que essa propagabilidade gera um movimento, permitindo, segundo eles que o que se vê atualmente - outra fase da participação dos indivíduos na distribuição e produção de informação. Vive-se em um modelo híbrido no qual a possibilidade de compartilhamento e circulação da informação leva a um processo social mais participativo de cultura.

Diante dos espaços híbridos, logicamente a informação está sempre em movimento. O que se destaca aqui é o aumento da capacidade de propagação por meio do compartilhamento dos indivíduos interagindo em rede. É o fluxo de ideias que promove conexões sociais e a propagação da informação, principalmente se os formatos forem de fácil compartilhamento. As tecnologias de comunicação sempre impressionaram pela velocidade na qual levavam a informação às pessoas. Gabriel Tarde (2005) acreditava que não se poderia imaginar as transformações que os jornais causaram em relação ao espaço e ao tempo e na amplitude da conversação das pessoas. Para Tarde (2005) as questões da propagação de ideias e informações eram vitais para a constituição das multidões.

As propagações são importantes formas de interação social. Demonstrem certo nível de ampliação do laço entre indivíduos de uma rede social. Não se pode descartar o fato de que a evolução dos sites de rede social em desenvolver

ferramentas que facilitassem o compartilhamento de informações é fator que também influencia, pois proporcionam essa propagação. É um dos pontos que fomenta os sites.

Além disso, muitos conteúdos são produzidos em formato fácil para o compartilhamento. É o caso dos memes. Termo cunhado por Dawkins (2001) para estabelecer uma analogia com o termo gene, unidade fundamental da hereditariedade. Segundo Dawkins a espécie humana não se desenvolve somente a partir da genética, mas também das transformações culturais e do desenvolvimento das sociedades ao longo dos tempos. Por isso, para ele o meme é o “gene da cultura”, e a sua reprodução tem um caráter fundamental como disseminador de pensamentos e auxilia na proliferação de ideias que só possuem significado para quem os compartilhe. O meme é importante para observamos como se dá essa propagação de forma facilitada de um conteúdo, na maioria das vezes, irônico, mas que possui uma informação contida em sua essência e que é facilmente disseminada.

É o fluxo no qual a informação está permeada que permite esse compartilhamento, algo que as grandes empresas de mídia passaram a observar com o crescimento expressivo deste processo. Há uma nova compreensão de como a informação deve ser tratada pelos profissionais e pelas empresas diante desta cultura participativa crescente. Papel este que nem sempre fica muito claro aos profissionais, ainda, muitas vezes, acostumados às rotinas midiáticas desenvolvidas ao longo dos anos e que eram dadas como certas e fundamentais para o exercício profissional. O que de fato se percebe atualmente, é que com o espaço híbrido em constante mutação, abriu-se um leque de possibilidades de tratamento da informação.

A informação não é mais apreendida e divulgada por um ou outro conglomerado midiático, muitas vezes antes mesmo de chegar às redações jornalísticas, por exemplo, o contexto sobre um fato já está todo fragmentado e propagado por diversas pessoas nas mais diversas redes sociais na internet. Jenkins, Green e Ford (2014) afirmam que toda a estrutura midiática deve ser repensada, pois “as regras estão sendo reescritas e os relacionamentos entre produtores e seus públicos estão em fluxo” (p. 63). Os memes, citados acima, são

exemplos fundamentais para entender o processo de mobilidade da informação diante deste novo território. Como ele é um fácil propagador de ideias, ele permeia a rede de forma extremamente fluida, tornando-se, muitas vezes, o estopim para que uma informação seja propagada.

É este empoderamento dado aos indivíduos que sustenta este espaço híbrido. A propagabilidade da informação é cada vez mais ampliada por meio de todo o processo de mobilidade gerado pelas redes e pelos dispositivos móveis. Com o movimento acelerado das conexões, há impactos nas formas como se observa os fluxos comunicacionais e informacionais. São atos de circulação que alteram os papéis diante deste ambiente em pleno fluxo. Em grande parte, o conteúdo não está mais fixo, enraizado em um local estático e cada vez tende a se movimentar mais para ampliar o interesse das pessoas e potencializar a interação. Há uma exigência por parte dos indivíduos de que os processos comunicacionais sejam cada vez mais difundidos. O ser humano sempre lutou pela liberdade de expressão, pela possibilidade de manifestar opiniões e tê-las ouvidas pelos demais. Essa possibilidade de um canal móvel e extremamente propagável possibilita, de certa forma, esse que esse anseio seja um pouco superado.

Jenkins, Green e Ford (2014) apontam algo fundamental nesse processo de empoderamento. Os indivíduos necessitam fazer parte de algo que lhes dê algum retorno, lhes atribua algum valor. Este valor nem sempre se relaciona a algo econômico, mas sim de alguns sistemas alternativos de valor que motivam as pessoas a engajarem-se em alguma coisa. É uma forma de busca de capital social. Este capital, em se tratando de motivação para a interação é maior do que outros capitais, como o econômico, por exemplo. Trata-se dos recursos que cada indivíduo possui e que se fazem presente na sua relação com os demais. Bourdieu (1983) ressalta que este capital é de suma importância, pois está associado ao pertencimento a uma coletividade.

Castells (1999) já apontava que para a sociedade em rede, em meados da década de 1990, a informação seria um de nossos principais instrumentos de trocas – a moeda futura - talvez o principal recurso de capital social. Durante a interação os indivíduos possuem motivações que permeiam as trocas. Antes de Castells (1999), Simmel (2006) citava que as motivações que levam à interação são produzidas

entre todos os indivíduos e dentro de cada um, somando-se, assim, os sentimentos que levam à excitação, às motivações de participação. Estas motivações são os engajamentos que se traduzem nas trocas entre os indivíduos que são partilhadas almejando algo que lhes é de vontade comum.

Se com a web 2.0¹³ e o crescimento constante de redes de participação dos indivíduos já era motivo de engajamento almejando reputação social, com as possibilidades ampliadas da mobilidade da informação arraigada aos dispositivos e às redes sociais na internet, o desejo de construção de uma identidade que mostre ao outro, recursos de capital social satisfatórios para os desejos da sociedade atual se tornou cada vez mais estimulante.

Estes contextos passam a estar interligados, conectados a um processo que recupera do indivíduo um desejo amplo de troca e a necessidade de mobilidade. Quando se aponta a potencialidade que a informação possui circulando fluidamente neste território informacional em movimento, trata-se de algo que vem permeando o contexto das redes sociais na internet e dos sites de redes sociais de forma constante e ampliada por dispositivos móveis. A mobilidade da informação é algo inerente ao processo de formação de novas formas de agrupamentos e conexões realizadas pelos indivíduos. É um novo modelo participativo de cultura que vive a sociedade atualmente, como ressaltam Jenkins, Green e Ford (2014).

Nesse caso, a mobilidade da informação depende mais da distribuição e propagabilidade por parte das pessoas em rede do que das grandes empresas de mídia. O movimento por meio das redes onde circula a informação é permeado de processos construtivos crescentes gerados pelo empoderamento do público. Como Jenkins já apontava em sua obra *Cultura da Convergência* (2008), as narrativas transmidiáticas que se sucederam junto ao processo de convergência dos meios trouxeram uma nova forma das pessoas observarem e lidarem com as mídias, tornando os conteúdos transmidiáticos, pois, percebeu-se que produzir conteúdo é tão importante quanto consumi-lo.

¹³ Termo popularizado em 2004 para designar uma segunda geração de comunidades e serviços na web, envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais, blogs e tecnologia da Informação.

Assim, o processo de desenvolvimento de tecnologias que amplie a mobilidade dos indivíduos e, como consequência, potencialize o movimento da informação, tende a confirmar os estudos que apontam que estas novas tecnologias proporcionariam uma comunicação horizontal, do tipo muitos-para-muitos permitindo aos indivíduos ampliarem a possibilidade de interação e comunicação entre si. Esse processo tão rápido e ao mesmo tempo tão recente já demonstrou que a formação de redes potencializadas por estas tecnologias dão certa autonomia aos indivíduos gerando mobilizações e agrupamentos nos espaços urbanos. Podemos dizer que novas formas de relações sociais são construídas das possibilitadas que os indivíduos possuem atualmente. Esta nova experiência comunicacional aponta para novos contextos na formação de grupos totalmente baseados na mobilidade das redes e no território informacional.

3.3 MOBILIDADE E CONEXÃO: AS REDES SOCIAIS SÃO MÓVEIS

Em essência, redes são conexões estabelecidas entre indivíduo, objetos ou dados. Paul Baran (1964), um dos grandes inventores da rede de comutação de pacotes, em busca de como desenvolver uma estrutura de nós de uma rede que pudesse se manter e não ser rompida mesmo em caso de um ataque nuclear, desenvolveu 3 tipos de topologias de redes que são importantes para entendermos como as atuais redes sociais funcionam.

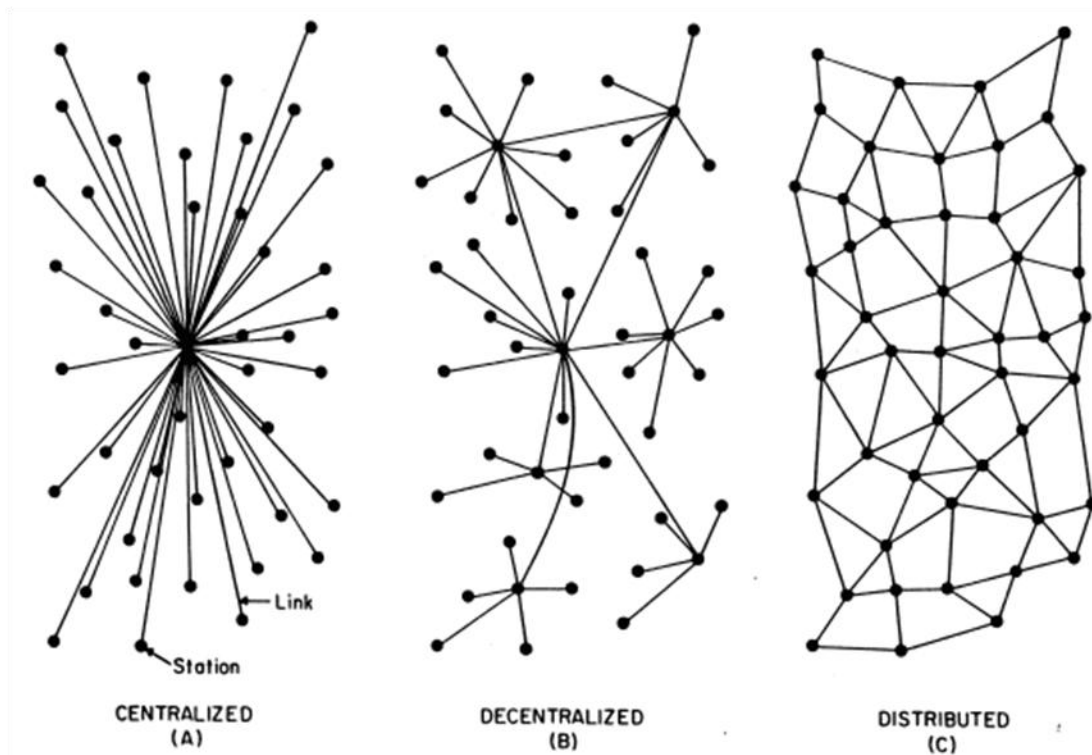


Figura 1: Topologia das redes de Paul Baran

A topologia de Baran apresenta um tipo de **rede centralizada**, na qual um nó conecta os demais, ele centraliza o processo de distribuição de dados. O segundo modelo trata-se de uma **rede descentralizada**, na qual um grupo de nós conecta outros pequenos nós, mesmo nesta rede, há ainda a centralidade da conexão em alguns pontos. No último caso, e o que nos interessa aqui como foco de estudo do movimento, é a **rede distribuída**. Nela, Baran aponta que não há um ponto centralizador de distribuição de dados, as conexões são amplas e descentralizadas. Certamente, Baran tratou estas conexões como pacotes de dados, mas a partir destas propostas e aplicações é que podemos entender e vivenciar a conectividade das redes sociais na internet como é atualmente.

A mobilidade dos dados é que forma as conexões da rede distribuída apontada por Baran. Quanto maior o movimento dos nós, menos centralizadas as conexões mais móveis são os processos que nos permitem caracterizar uma rede como dinâmica. Para Baran a eficiência da rede se efetiva a partir de sua estrutura,

para nós a importância está nas redes enquanto suas conexões e mobilidade propulsora da difusão de informações.

Este contexto parte de Baran para entendermos que as conexões são o principal foco de estudo das redes sociais na internet. Conexão é a ligação de uma coisa na outra, conectar é ação desta ligação em um nó (ou nodo), um ponto de conexão, de distribuição que faz o movimento da informação de uma rede. Em uma rede social na internet as conexões formam nós que fazem a informação e a comunicação circular e se propagar em rede.

Com a potencialidade dos dispositivos móveis algumas mudanças ocorrem nas na formação destas redes com a mobilidade tecnológica atual e sua ligação com os espaços urbanos das cidades. Os territórios informacionais gerados ampliam as possibilidades de conexões entre os indivíduos e, conseqüentemente, sua capacidade de trocas sociais, o que acaba gerando processos de formação de grupos diferenciados.

A mobilidade e a tecnologia potencializaram a interação, um desejo contínuo do ser humano em busca de viver em uma sociedade mais harmoniosa e com qualidade nas relações. A interação mediada pelo computador proporcionou aos indivíduos uma conexão global. Havia - e há - um mundo ao alcance de um *click*. Mas, o desejo de interação de proximidade e a necessidade do indivíduo como um ser social atrelado às conexões locais levaram a novas apropriações dos dispositivos tecnológicos. Os telefones celulares passaram de apenas dispositivos de comunicação por voz e texto, para amplas tecnologias de comunicação e informação que retiraram as amarras (PELLANDA, 2005) que ligavam os indivíduos aos fios dos computadores enquanto dispositivos estáticos fixados em um espaço limitado.

Como já foi observado, o indivíduo sempre buscou se movimentar, se deslocar perante os espaços físicos como uma forma de sobrevivência. Quando os meios de comunicação tornaram a informação parte deste movimento de forma ampliada, ainda assim sempre se buscou agregar, de certa forma, o espaço urbano ao processo do desenvolvimento dos meios. A mobilidade sempre foi um anseio do nômade no espaço urbano. Com o desenvolvimento de dispositivos tecnológicos que permitem o movimento entre dois espaços consecutivamente, pode-se

compreender que há uma potencialização de tribos que interagem nos ambientes das cidades, mas que agora agregam um fator diferencial baseados na mobilidade tecnológica.

O movimento é fator essencial que ampara as interações entre os indivíduos potencializando novas tribos urbanas nômades (MAFFESOLI, 2000) caracterizadas socialmente pela fluidez, efemeridade e instabilidade das relações. Redes Sociais móveis são formadas devido a esta mobilidade ampliada pelas tecnologias, sua grande particularidade é o meio social de interação entre os indivíduos ser o híbrido entre os espaços físico (cotidiano das cidades) e virtual (internet). Apesar de instáveis, com as redes sociais móveis a valorização emocional das relações se ressalta, fazendo com que cada vínculo que um indivíduo construa, esteja permeado de sentimentos em relação às conexões com o grupo ou o espaço.

Os dispositivos móveis ampliam estas conexões e possibilitam a formação destas redes sociais móveis. Um bom exemplo é a utilização dos Sistemas de navegação por satélite (Sat-nav). As RSM partem das conexões estabelecidas entre os indivíduos e a informação circulante possibilitada pela mobilidade tecnológica advinda dos dispositivos móveis de comunicação e informação. Estes sistemas enquanto dispositivos de localização consciente atribuem significado aos locais onde estas redes se movimentam e se constituem.

Não é demais destacar que as RSM apenas existem em um contexto atual de mobilidade tecnológica proporcionada, atualmente, pelos dispositivos móveis (telefone celular, *tablets*). A possibilidade de se comunicar a qualquer hora, em qualquer lugar amplia a capacidade de interação social e a comunicação nos espaços híbridos. Santaella (2013) aponta que vivemos em uma fase de hipermobilidade, e que esta nos torna seres ubíquos, em constante mobilidade nos espaços. Lemos (2009) observa que as RSM são sistemas de localização de pessoas criando possibilidades de encontro e/ ou troca de informações em mobilidade através de *smartphones*. O que se observa até este ponto é que as redes sociais móveis utilizam sistemas inteligentes de localização, mas não o são apenas. Elas estão amparadas nas relações sociais e nos anseios de trocas, de interação entre os indivíduos de uma sociedade, e, as tecnologias móveis são instrumentos que ampliam estas conexões e possibilitam a formação destas redes.

Percebeu-se nos estudos durante o mestrado¹⁴, que as redes sociais móveis possuem três eixos principais para que possam existir:

- a) **Indivíduos:** Eles são os responsáveis pelo desenvolvimento e existência das redes sociais, em qualquer tipo de espaço. A mobilidade tecnológica, tende a ampliar estas redes que podem ser vistas como móveis, pois os indivíduos podem se comunicar em qualquer lugar, em qualquer tempo com qualquer outro indivíduo conectado no planeta.

- b) **Tecnologias móveis:** São estas tecnologias que possibilitam a mobilidade tecnológica – informacional e comunicacional - dos indivíduos nos tempos atuais. Elas têm papel fundamental no desenvolvimento de redes sociais móveis, pois é através destas plataformas que o indivíduo pode se deslocar de um espaço a outro, interagindo com outros que estão nos mesmos espaços físicos e com outros indivíduos que estão conectados aos espaços virtuais ao mesmo tempo.

- c) **Espaços Híbridos:** São formados pela intersecção entre os espaços físicos (cidades) e o espaço virtual (ciberespaço). É o espaço que passa a fazer parte do cotidiano do indivíduo em mobilidade tecnológica. São novas percepções dos espaços que se definem com a potencialidade das redes sociais móveis. Os espaços híbridos podem ser vistos como uma produção social, estão amparados neste novo contexto e dão novos significados às cidades.

Desta forma, pode-se definir que as redes sociais móveis são interações sociais proporcionadas pelas tecnologias móveis de comunicação e informação ocorridas no contexto dos espaços urbanos das cidades. As RSM têm

¹⁴ HENRIQUES, Sandra M. G. **O fator da mobilidade nas redes sociais e tecnologias de comunicação: um estudo sobre as potencialidades da plataforma Locast.** Dissertação de Mestrado. PUCRS, 2011.

características ampliadas dos demais agrupamentos e redes contidos na sociedade pelo fato destas tornarem possível que os indivíduos acessem conteúdos na web enquanto estão em movimento. É o contexto móvel no qual a sociedade atual faz parte, que possibilita esta formação diferenciada. Há uma mudança de perspectiva, de ambiente de interação, aliada a uma nova percepção dos espaços.

Como características podem-se enfatizar:

- a)** As RSM são dinâmicas, assim como as demais redes sociais (RECUERO, 2009), estão sempre em transformação. Essas modificações ocorrem não apenas pela interação entre os indivíduos, mas potencialmente pelos locais, pelos espaços híbridos;
- b)** A geografia da rede é alterada por meio do acesso contínuo, o mapa desse tipo de rede se altera constantemente não é estático está sempre em movimento, caracteriza as redes sociais móveis;
- c)** As redes sociais móveis impulsionam um modelo diferenciado de troca de informações, alterando o conteúdo da rede por meio da localidade dos indivíduos. A interação e a troca são bastante focadas nos espaços híbridos, as conexões são fluidas e as informações estão em constante mobilidade permeando o território informacional.
- d)** O uso de sistemas de localização consciente têm papel fundamental na interação social e os conteúdos produzidos neste território informacional.
- e)** As RSM valorizam as narrativas hiperlocais, elas estão em constante captura dos instantes, dos fatos e contextos agregados às localidades. O global faz parte do espaço híbrido constantemente, mas o resgate do local tanto nas interações quanto no compartilhamento de informações é ponto fundamental destas redes.

Assim como as demais redes sociais, as RSM's necessitam de conexões para que possam existir, portanto, precisam que os indivíduos potencializem laços sociais entre si para que o compartilhamento possa ser realizado e o grupo possa

ser formado. Recuero (2009) aponta que as conexões em uma rede social se constroem por meio dos laços sociais construídos entre os indivíduos. Estes laços dependem da reciprocidade, da satisfação e da atuação de cada um dos indivíduos que fazem parte desta rede.

Laços recíprocos, porém efêmeros, podem ser vistos em *smart mobs* (RHEINGOLD, 2002), agrupamentos de indivíduos organizados, na maioria das vezes, por meio das tecnologias móveis. São grupos que se unem em locais das cidades para realizar um conjunto de práticas com finalidades artísticas, ou até mesmo com cunho ativista em relação a determinado fato. Elas são constituídas por pessoas que são capazes de agirem juntas mesmo sem se conhecer. As *smart mobs* são exemplos importantes de RSM devido à fluidez de suas conexões e das apropriações que estes grupos fazem das tecnologias móveis. Embora com uma formação instantânea, a interação entre o grupo é importante para que o foco seja alcançado, necessitando, desta forma da cooperação entre os indivíduos.

Estes grupos foram demonstrando engajamento em ações coletivas que ganharam as ruas em forma de manifestações sociais. Este engajamento, tornou-se uma forma de buscar a visibilidade diante do outro, com a construção de um espaço de expressão. Esta visibilidade está diretamente ligada à manutenção das redes sociais (RECUERO, 2009). Para isso é preciso cooperação com o grupo.

O homem é um ser social, e a partir da interação com outros seres humanos constrói uma realidade social. A comunicação, nesse sentido, pode ser vista como um processo de construção da própria civilização. O pensar as ações e intenções do outro e responder de modo apropriado é um primeiro passo na cooperação, é a essência da comunicação interpessoal - a resposta mútua.

Cooperar é fundamental para a manutenção da estrutura das redes sociais. O conflito, quase sempre um processo paralelo à cooperação é fator igualmente importante. Recuero (2009) elenca que o processo de ruptura e agregação também são dinâmicas esperadas em grupos sociais. O conflito leva à ruptura, a cooperação à agregação.

Com as tecnologias móveis, o engajamento neste tipo de manifestações foi ampliado consideravelmente. Aliadas aos sites de redes sociais, a interação e a

amplitude das possibilidades de comunicação novos espaços foram abertos para que os indivíduos pudessem produzir e compartilhar informações com outros. Em diversos países, uma reação em cadeia começou a ser firmada, como na Tunísia, na Islândia, nos Estados Unidos e em diversos outros países. De forma viral, diversos movimentos ao redor do mundo inflamaram situações que, muitas vezes adormecidas, passaram a indignar indivíduos em diferentes locais, países e continentes. O que há em comum em todos estes movimentos além do descontentamento social e político? O uso dos sites de redes sociais e o compartilhamento instantâneo de informações por meio das tecnologias móveis.

Para Castells (2013), os grupos gerados diante deste contexto são homogêneos, potencializados pela amplitude das redes sociais na internet e a rápida distribuição de conteúdo pelas plataformas de comunicação sem fio, impulsionando a formação de coletivos para os quais o que importa é o interesse em comum. Há neste processo uma valorização dos espaços ocupados, nas ruas e nas redes, desempenhando um papel essencial para uma mudança social.

Segundo Castells (2013) não há mais rupturas entre os espaços urbanos das cidades e a virtualidade do ciberespaço, a aproximação destes transforma as cidades em *espaços de autonomia*. Os espaços ocupados são cheios de poder simbólico e a cidade passa a ter novo sentido quando os indivíduos ocupam os espaços urbanos reivindicando a própria cidade. Há uma relação sincrônica entre estes eixos na concretização destas mobilizações, ou redes de indignação como ressalta o autor, pois com a era digital o alcance dos meios de comunicação passa para os domínios da sociedade de forma global e local, transformando as redes de comunicação em fontes de construção de poder.

Aqui, retorna-se às ideias de Simmel (2006) para enfatizar que nas manifestações, o sentimento era muito maior do que a busca por alcançar uma questão única e sólida almejada. Por isso, vários temas foram colocados em destaque como base de discussão dos protestos. “Como se produzem entre todos e dentro de cada um, os sentimentos acabam por se somar, em cada um deles, a uma excitação que não se explica nem pela coisa, nem pelos indivíduos em si” (SIMMEL, 2006, p. 52)

Com base em um engajamento compartilhado, milhares de pessoas saíram às ruas para protestar ou manifestar em prol ou contra um fato. Geralmente originados por uma crise no sistema social, as manifestações e movimentos são fundamentais para alavancar mudanças sociais. Castells (2013, pp 157-158) ressalta que “os movimentos sociais muitas vezes são desencadeados por emoções derivadas de algum evento significativo que ajuda os manifestantes a superar o medo e desafiar os poderes constituídos apesar do perigo inerente a suas ações”.

Pesquisas nos mostram que há uma trajetória que permitiu que estas manifestações ocorressem também no Brasil. O crescente número de acesso pelos brasileiros à internet¹⁵ – 77% das pessoas com até 25 anos acessam a rede pelo menos uma vez por semana - revela que o acesso aos sites de redes sociais cada vez mais supera a busca por informações em sites e blogs e, principalmente, ultrapassa em muitos casos os meios convencionais, como Tv, rádio e jornal. O site de rede social *Facebook* é a fonte de informação mais citada, 30,8%¹⁶ dos brasileiros utilizam o site não apenas como ferramenta de interação social, mas também para informação e compartilhamento de conteúdos. O uso de dispositivos móveis é crescente no país. Em torno de 48%¹⁷ dos brasileiros entrevistados acessa a internet também por meio de telefones celulares e *tablets* – 40% telefonia celular; 8% *tablets*.

SITES, BLOGS E REDES SOCIAIS MAIS CITADOS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Pergunta – O(A) sr(a). tem o costume de se informar por meio de *sites*, *blogs* ou redes sociais? Qual *site*, *blog* ou rede social o(a) sr(a). costuma acessar para se informar? (Espontânea - 1º + 2º lugares) (%)

¹⁵ Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em <http://blog.planalto.gov.br/pesquisa-brasileira-de-midia-2014/>.

¹⁶ Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em <http://blog.planalto.gov.br/pesquisa-brasileira-de-midia-2014/>.

¹⁷ Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em <http://blog.planalto.gov.br/pesquisa-brasileira-de-midia-2014/>.

Facebook	30,8
Globo.com	6,8
GI	5,0
UOL	4,5
Yahoo	3,3
R7	2,7
Terra	2,1
Youtube	1,4
MSN	1,2
IG	1,1
Baixaki	1,0
Twitter	0,8
Globo Online	0,8

Figura 2: Sites, blogs e redes sociais mais citados como fonte de informação

Fonte: Blog Planalto

Pergunta – Como o(a) sr(a). costuma acessar mais a internet: por computador, pelo *tablet* ou pelo telefone celular? (1º + 2º lugares)

- COMPUTADOR
- TELEFONE CELULAR
- TABLET
- NÃO SABE/NÃO RESPONDEU



Figura 3: Dispositivo de acesso à internet no Brasil

Fonte: Blog Planalto

Estes dados são bastante representativos para entender como ocorreram as manifestações no Brasil em 2013¹⁸. A possibilidade de compartilhamento de informações por meio de dispositivos móveis – telefones celulares, *tablets*, internet sem fio - modificou o cenário do movimento. Mobilizações de grande porte já não haviam sido vistas no país desde as 1992 com o Fora Collor¹⁹, que culminou na impugnação do mandato do então presidente Fernando Collor de Mello. Porém, a grande e fundamental diferença para que estas novas ações pudessem ser desenvolvidas no país é a possibilidade de comunicação ampliada pelas redes sociais na internet juntamente com a utilização e fomentação destas através dos dispositivos móveis. De acordo com a Comscore²⁰ uma pesquisa realizada em fevereiro de 2014 aponta que a audiência da internet no Brasil é de 61,4 milhões de pessoas, demonstrando um crescimento de 11% desde fevereiro de 2013, ocupando a 5ª posição mundial.

Destaca-se também que o uso de dispositivos móveis como o telefone celular cresce junto com o acesso a internet pelos brasileiros. Em janeiro de 2014, havia cerca de 268 milhões de assinaturas móveis ativas no Brasil²¹, superando a

¹⁸ No Brasil, o estopim foi o aumento da tarifa de ônibus na cidade de Porto Alegre, logo todos os 27 estados brasileiros, passaram a realizar algum tipo de manifestação.

¹⁹ Movimento político que reuniu milhares de brasileiros nas ruas exigindo a saída do poder do então Presidente da República Fernando Collor de Mello.

²⁰ A pesquisa completa está disponível em: <http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations-and-Whitepapers/2014/2014-Brazil-Digital-Future-in-Focus-Webinar>

²¹ Pesquisa realizada pelo Global Digital Statistics, 2014.

população, que na época estava em torno de 201 milhões de pessoas. Dentre os pesquisados, o percentual de usuários utilizando a telefonia celular para acesso às mídias sociais era de 59%, e os que utilizavam a telefonia móvel para acessar serviços de localização consciente era de 24%.

Em geral, por meio de computadores ou dispositivos móveis, 98% dos brasileiros utiliza as mídias sociais. O Facebook foi o site de rede social mais acessado:

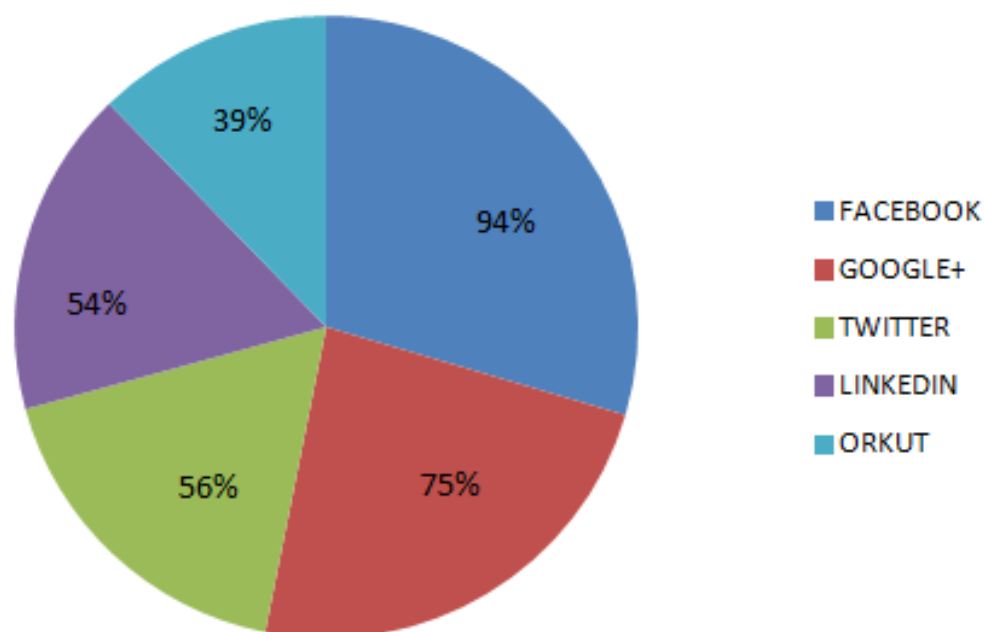


Gráfico 1: Acesso às mídias sociais no Brasil

Fonte: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada pela Global Digital Statistics 2014

Todos estes fatores foram demonstrando que um novo cenário midiático brasileiro estava se formando. No contexto atual, tem-se ciência de que estas mobilizações não ocorreram de forma isolada apenas Brasil em 2013. Mudanças significativas nos movimentos sociais foram percebidas na última década. Por contágio e espalhamento, diversos movimentos em todo mundo inflamaram indivíduos indignados em diferentes continentes. Uma reação em cadeia começou a ser firmada em busca da liberdade e da dignidade na Tunísia. Em seguida a Revolução das Painéis na Islândia reclamava a crise financeira e a atuação do governo, tornando-se uma referência para os demais movimentos sociais europeus.

Estas revoltas foram resultado da crise financeira e da falta de um sistema político que possibilitasse à população participar ativamente dos processos sociais. Elas são apenas alguns exemplos de como as mobilizações estão se disseminando no mundo inteiro. Mas, o que há de comum entre a propagação destas revoluções pelo mundo? A amplitude de distribuição de conteúdo pela internet e a potencialização da mesma através dos dispositivos móveis. O empoderamento dos processos comunicacionais pelos indivíduos não é mais utopia, está cada vez mais concretizado com o uso destas plataformas no cotidiano.

Trata-se de um processo que vai em direção ao que Jenkins, Ford e Green (2014) ressaltam como um novo modelo de cultura participativa, na qual além de consumidor e produtor de mídia, os indivíduos passam a replicar, compartilhar, a fazer circular o conteúdo não de forma isolada, mas em comunidades e redes. Uma forma cada vez mais efetiva de compartilhamento de conteúdo que intenciona o interesse coletivo.

Castells (2013), pesquisador das mudanças e impactos causados com a sociedade em rede, percebe que dentre os movimentos ocorridos pelo mundo, algumas características estão presentes em todas as manifestações:

a) **São conectados em redes de múltiplas formas:** o uso da internet e telefones celulares é fundamental. Inclui redes sociais on e off-line. “Embora os movimentos tenham, em geral, sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet” (CASTELLS, 2013, p. 160).

b) **Eles se tornaram um movimento ao ocupar o espaço urbano:** Os movimentos que, em nosso contexto atual, geralmente tem origem nas redes sociais, tomaram as ruas. Castells remete esse processo a um espaço de anatomia, o qual o movimento reúne a “[...] interação do espaço de fluxos na internet e as redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados [...]” (2012, p. 160) e assim “o espaço da

autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede”. (2013, p. 161).

c) **Os movimentos são simultaneamente locais e globais:** são locais, pois constroem suas próprias redes e seu próprio espaço público de ocupação dos espaços. São globais também, pois, ampliam o debate na internet e convocam a participação contínua, conjunta e simultânea.

d) **Eles geram suas próprias formas de tempo:** o tempo atemporal. Os movimentos vivem o momento dos lugares ocupados, e, ao mesmo tempo o horizonte dos processos contínuos e a projeção de futuro.

e) **Os movimentos são espontâneos,** em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação.

f) **Os movimentos são virais:** seguem a lógica das redes na internet.

g) **A passagem da indignação à esperança** realiza-se por deliberação do espaço de autonomia: movimento autogovernado pelos participantes. As redes horizontais criam companheirismo.

h) **A horizontalidade das redes favorece a cooperação** e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal.

i) **São movimentos profundamente autorreflexivos:** questionam-se permanentemente sobre que tipo de democracia e sociedade estão almejando.

j) **Os movimentos raramente são programáticos;**

k) **São movimentos voltados para a mudança** dos valores da sociedade.

O papel da comunicação é fundamental para a conectividade e ampliação das redes. Nas manifestações sociais não foi diferente, “em nossa sociedade, a

forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio” (SANTAELLA, 2013, p. 130).

Com estas observações, é possível perceber que o uso das tecnologias móveis foi fator fundamental para a ampliação da informação e da formação destas redes de manifestações. As características apontadas acima, nos fazem compreender como se consolidaram estes movimentos sociais durante as manifestações. Para Malini e Antoun (2013) a “[...] atividade militante contínua de ver e difundir fatos em multicanais é reportada por “blogueiros de rua” conectados através da Internet 3G e wireless”, salientando também a importância das tecnologias móveis de comunicação e informação para informar o que estava acontecendo em tempo real nas manifestações ocorridas.

A internet ampliou globalmente as possibilidades de mobilização dos ativistas de forma geral, amparados nas premissas de democratização da informação e liberdade de expressão, e que estão sempre em busca de apoio a causas de diferenciados tipos. Mas, ampliou não apenas as possibilidades de grupos determinados em busca de apoio para alguma causa, ela também ampliou a possibilidade de mobilização da sociedade em geral.

Com os sites de redes sociais, espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet, a interação e a amplitude das possibilidades de comunicação abriu novo espaço para que os indivíduos pudessem produzir e compartilhar informações com outros.

Esta possibilidade foi utilizada de forma ampla nas manifestações ocorridas no Brasil no mês de junho de 2013. As manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus começaram na cidade de Porto Alegre, logo todos os 27 estados brasileiros, passaram a realizar algum tipo de manifestação. Durante o mês de junho, quase 1,5 milhões de pessoas saíram às ruas para protestar.



Figura 4: Somos a rede social

Foto: Jornal *O Globo*

O que antes não era possível, não de forma tão ampla, a internet e as redes sociais conseguiram proporcionar. Antes delas, o sistema de mídia ligava as pessoas a grandes agências e ao centro de poder desta mídia de forma vertical, “mas, nunca uns aos outros. Agora, o fluxo horizontal, de cidadão para cidadão, é tão real e consequente como o vertical” (ROSEN, 2012, p. 14)²².

Essa possibilidade permite que a informação possa ser filtrada, administrada e manipulada por nós. Para Jenkins (2008) isso só é possível, pois, vivemos no mundo da convergência das mídias no qual “toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia” (JENKINS, 2008, p. 27). E, desta forma, a circulação dos conteúdos depende da participação ativa dos consumidores, neste caso, colaboradores.

Enquanto as pessoas buscam sua própria agenda em compartilhar e discutir o conteúdo de mídia, elas estão ajudando a espalhar as sementes - transformando mercadorias em presentes, transformando textos em recursos, e afirmando a sua própria expansão das capacidades comunicação. (JENKINS; FORD; GREEN, 2013, p. 292)

²² Now the horizontal flow, citizen-to-citizen, is as real and consequential as the vertical one.

Esse processo foi perceptível durante as manifestações. Boa parte das informações produzidas e distribuídas nas redes sociais era originária dos indivíduos que estavam nas ruas protestando, ou acompanhando o movimento. E este fato acabou por movimentar as produções de mídias tradicionais, que no início dos protestos manteve-se praticamente calada sobre o que estava acontecendo. Com o volume cada vez mais crescente das manifestações, cerca de 20 mil pessoas no início do mês de junho e mais de 1,5 milhões no final do mesmo mês²³ as mídias não puderam mais fingir que nada estava acontecendo. Com a força das redes sociais, as informações sobre os fatos foram cada vez mais se expandindo entre os indivíduos transformando-se em um conteúdo viral, levando, neste caso, à perda de controle pelas grandes empresas midiáticas. Esse processo, cada vez mais irá se expandir, pois, como ressalta Jenkins, Ford e Green (2013) é algo inerente à nossa cultura em rede.

Com um conteúdo produzido diretamente das ruas e divulgado através de sites de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* em tempo real, e organizadas por meio de *hashtags* - *#vemprarua*, uma das mais fortes – as manifestações passaram a se coordenar e tomar uma amplitude ainda não vista em movimentos organizados por meio da web no Brasil . Esta organização foi fundamental para o crescimento dos protestos. “Plataformas de mídia social podem se tornar colaborativas quando adicionam uma camada extra de coordenação” (HYDE ET AL., 2012 p. 53)²⁴. Elas auxiliam a direcionar o indivíduo à colaboração sobre determinado conteúdo convidando os indivíduos a colaborar com informações.

²³ Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Cidades_participantes_dos_protestos_no_Brasil_em_2013

²⁴ Social media platforms can become collaborative when they add an additional layer of coordination.



Figura 5: Tweets sobre as manifestações no Brasil

Fonte: *Twitter* – 20 de junho de 2013



Figura 6: *Hashtags* mais usadas no *Twitter* – Junho 2013

Fonte: UOL notícias²⁵

Assim como no Brasil, os sites de redes sociais podem ser considerados os grandes impulsionadores das manifestações também ao redor do planeta, como na Turquia, Espanha e EUA. No Brasil a maioria dos eventos foi organizada via *Facebook* e acompanhada pelo *Twitter* em tempo real.

²⁵ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/bbc/2013/07/11/analise-do-uso-do-twitter-revela-mapa-de-protestos-no-brasil.htm#fotoNav=5>.

The image shows a Facebook event page. At the top, there's a Facebook search bar. Below it, a large banner features a man with white face paint and a red smile, resembling a clown or a character from a protest. The text on the banner reads: "OPERAÇÃO PARE O AUMENTO DAS PASSAGENS" in large, bold letters. Below this, it says "EU APOIO" in a red box, followed by "R\$ 2,95 É um ASSALTO!" and "Se a passagem aumentar a roleta eu vou pular!".

Below the banner, the event title is "Manifestação contra o aumento da passagem dos ônibus no Rio de Janeiro." with buttons for "Eventos", "Participar", and "Talvez". It is categorized as "Público" and created by "De Fora Eduardo Paes".

On the left side, there are statistics: "Confirmados (7.185)", "Talvez (2.788)", and "Convidados (76.566)". Below these are small profile pictures of participants and names like "Fernanda Bruno" and "Danilo P Ferreira".

The main content area shows the event details: "Segunda, 3 de junho de 2013" at "16:30". The text reads: "ATENÇÃO DATA INDEFINIDA. PARA QUE NÃO PERCAMOS A MOBILIDADE DE TODOS OBRIGADO !", "S.O.S RIO DE JANEIRO S.O.S", "DIVULGUEM E COMPAREÇAM !", "OBSERVAÇÕES:", "É MUITO IMPORTANTE SUA PRESENÇA, TENHA CONSCIÊNCIA DISSO !!!", "O RIO INTEIRO PRECISA DE UNIÃO E MENOS COMPETIÇÃO.", "Página: <https://www.facebook.com/PareoAumento>", "ASSINE A PETIÇÃO CONTRA O AUMENTO!", and "<http://paneladepressao.org.br/campaigns/244>".

At the bottom, there are sections for "Publicações" (with a "Ver recusas" link) and "Publicação fixada" featuring a post by "Gabriel Moreira" with the text "PRÓXIMO ATO !!!!!!!!" and a link to the event page.

Figura 7: Página do *Facebook* convocando as pessoas para participar das manifestações no RJ.

Fonte: Facebook

O Uso dos celulares durante as manifestações proporcionou uma amplitude na divulgação das informações dos protestos. O professor Fabio Malini (Labic-UFES) destacou em entrevista ao site UOL Notícias²⁶, que o mapa dos *tweets* sobre o protesto - feito com 10% da amostra – continha dados de localização, dados estes muito parecidos com a configuração de acesso a banda larga no país.

O acesso à internet 3G era fundamental para registrar e dar visibilidade ao protesto. Os movimentos sociais aprenderam que a

²⁶ Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/bbc/2013/07/11/analise-do-uso-do-twitter-revela-mapa-de-protestos-no-brasil.htm#fotoNav=5>.

internet é estratégica para dar força de comoção às suas lutas. Em compensação, todo um conjunto de protestos foi eclipsado pela falta de acesso a banda larga e rede 3G de qualidade. (MALINI, *UOL Notícias*, 2013)²⁷

Para driblar o problema de acesso à rede 3G durante os protestos, os manifestantes distribuíram cartazes digitais e pelas ruas das cidades solicitando que as pessoas liberassem o acesso Wi-fi de suas casas para ajudar os manifestantes na divulgação de informação através de seus telefones celulares.



Figura 8: Cartaz solicitando a liberação da rede wi-fi

Fonte: Facebook

²⁷ Entrevista concedida em 11 de julho de 2013 ao site UOL Notícias.



Figura 9: Pessoas liberando o wi-fi de suas casas durante as manifestações em Porto Alegre/RS
Foto: Breno Maciel

Semelhante às demais manifestações, no Brasil, este processo também rompeu, a centralização da informação por parte da mídia tradicional. Os telefones celulares foram os protagonistas neste episódio: Em 21 de junho de 2013, mais de 500 mil fotos com a *hashtag* #vemprarua foram publicadas no *Instagram*, causando, por vezes, congestionamento da rede celular²⁸. De acordo com o IAB Brasil²⁹, mais de 219 mil pessoas mencionaram os protestos em sites de redes sociais do dia 01 ao dia 19 de junho de 2013. O impacto destas menções chegou a 200 milhões de usuários. Estes dados são fundamentais para a percepção da mobilidade destas redes. Como elas são dinâmicas e fluidas houve a necessidade da reciprocidade e da visibilidade dos indivíduos. Foram os grupos informais que constituíram estas redes móveis durante as manifestações, estas relações formadas por uma atração

²⁸ A TIM, prestadora de serviço de telefonia e dados móveis no Brasil, registrou 100% de ocupação da rede durante manifestações em São Paulo na noite de 17 de junho. Disponível em <<http://www.tudocelular.com/tim/noticias/n28906/tim-ocupacao-antenas-manifestacoes-sp.html>>.

²⁹ <http://iabbrasil.net/portal/infograficos/infografico-as-manifestacao-no-brasil-pelas-redes-sociais/>.

mútua, misturaram-se às histórias vividas pelos indivíduos em seu cotidiano constituindo assim um meio para a ação social.

Um dos casos mais recentes ocorreu no presente ano em Hong Kong, na China. A chamada Revolução dos Guarda-chuvas ou movimento Occupy Central – uma referência à proteção utilizada pelos indivíduos contra os efeitos do gás lacrimogêneo – ocorreu em setembro e teve como estopim a busca por um processo eleitoral democrático. Como no Brasil, o espaço social de protesto se manifestou no espaço híbrido utilizando a cidade como ponto de encontro e como parte de uma rede social móvel.

O movimento representou uma das maiores ameaças ao Partido Comunista de Pequim desde a repressão aos estudantes que protestavam pela democracia em 1989 na Praça da Paz Celestial. Paralelo ao crescimento dos protestos, a censura chinesa bloqueou o acesso dos ativistas ao *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* (hashtags utilizadas: #OccupyCentral e #UmbrellaRevolution, com o objetivo de barrar o compartilhamento de fotos e informações sobre as mobilizações. Um dos líderes dos protestos, o ativista estudantil Joshua Wong, temendo o corte do acesso à internet, postou uma mensagem no Facebook incitando as pessoas a fazer o download o FireChat.



Figura 10: Postagem de Joshua Wong no Facebook - 28 de setembro de 2014

Fonte: *Tech in Asia*³⁰

O meio utilizado para que a comunicação pudesse ser reestabelecida entre os manifestantes foi o telefone celular e o aplicativo chamado FireChat, que permite a criação de redes mesh³¹. Com estas redes, as conexões são realizadas entre os dispositivos que estão próximos localmente, cerca de 60 metros, mas cresce

³⁰Disponível em: <https://www.techinasia.com/mobile-messaging-app-firechat-flares-up-in-hong-kong-amid-occupy-central-protests/>.

³¹ Rede mesh ou rede de malha, é uma alternativa de protocolo ao padrão 802.11 para diretrizes de tráfego de dados e voz além das redes a cabo ou infraestrutura wireless.

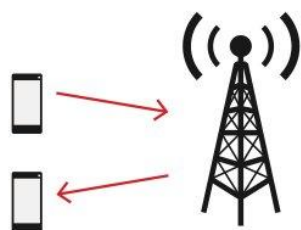
conforme cada indivíduo passe a se conectar. As conexões podem se dar via Bluetooth de cada smartphone ou rede wi-fi.

FireChat used in protests

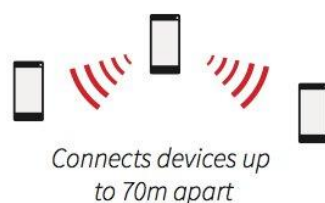
One of the most popular tools for getting around network disruptions during recent mass demonstrations is FireChat, an “off-the-grid” messaging app where users can communicate without being connected to the internet.

HOW FIRECHAT WORKS

- 1 Instead of connecting through a central server to upload and download messages...



- 2 FireChat connects to other devices nearby with Firechat installed through hardware technology such as WiFi or Bluetooth.



- 3 The connected devices build up a “mesh” network, that allows messages to be passed on to other phones within the vicinity.



Source: Open Garden

Staff, 02/10/2014

REUTERS

Figura 11: Uso do FireChat nos protestos

Fonte: Business Insider³²

No mesmo dia em que Joshua Wong solicitou que a população fizesse o download do aplicativo, cerca de 100 mil novos usuários foram registrados em Hong Kong em apenas 22 horas³³.

O FireChat é um aplicativo de fácil acesso e possibilita a troca de mensagens entre os usuários sem a necessidade de conexão com a internet. Ele funciona como um mural, onde os indivíduos podem se comunicar ao mesmo tempo com diversas

³²Disponível em: http://www.businessinsider.sg/heres-a-simplest-explanation-of-the-app-hong-kongers-are-using-to-evade-censorship-2014-10/#.VI8aUtlF_bg.

³³ Disponível em: <https://www.techinasia.com/mobile-messaging-app-firechat-flares-up-in-hong-kong-amid-occupy-central-protests/>

outras pessoas que estão próximas fisicamente. No telefone celular, o aplicativo a categoria chamada “Everyone” permite que todos os usuários possam participar de uma grande sala de bate-papo e trocar mensagens privadas ou conversar em grupo. Já a categoria “Nearby” verifica as pessoas que estão por perto, para o bate-papo.



Figura 12: Interface FireChat – protestos Hong Kong

Fonte: *Tech in Asia*³⁴

³⁴Disponível em: <https://www.techinasia.com/mobile-messaging-app-firechat-flares-up-in-hong-kong-amid-occupy-central-protests/>

Devido ao bloqueio no acesso aos sites de rede social, O *FireChat* transformou os telefones celulares em nós de rede durante os protestos em Hong Kong, formando uma imensa rede móvel no ambiente da cidade. O local onde os protestos estavam acontecendo fizeram parte desta rede, pois, além da união dos indivíduos em grupos, foram fundamentais para que as conexões pudessem ser realizadas e as informações compartilhadas.



Figura 13: Celulares viram novo símbolo da luta pela democracia³⁵

Fonte: Estadão

Estes protestos utilizaram a telefonia celular, os sites de redes sociais e os locais das cidades como espaços de mobilização. Dada a importância deste fenômeno contemporâneo, é fundamental que se perceba que há um processo diferente passa a fazer parte do meio social, há uma união e propagação de ideias e contextos que remetem a uma lógica de rede social, na qual a interação é fator

³⁵ Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/retratos-da-economia/celulares-democracia/>.

fundamental de construção de um novo processo de formação tribal do nômade que se utiliza da possibilidade de compartilhamento de informações com o intuito da propagação de conteúdos pelas redes.

A mobilidade tecnológica possibilitou esse processo, tornando mais amplo esse tipo de coletivo que passou a se formar de maneira inteligente e móvel, não resultam apenas de uma mobilização das competências, mas das vivências de cada indivíduo. É possível observar que o movimento que a tecnologia proporciona transformou a lógica de rede social unindo os espaços virtuais e físicos, como é perceptível nas manifestações que foram descritas. A rede, então, passa a ser o indivíduo em plena mobilidade tecnológica.

Neste capítulo, se procurou delinear perspectivas nas quais a mobilidade influencia e tem impacto direto no meio social, como na relação entre virtualidade e presença dos indivíduos com o movimento possibilitado pelos dispositivos móveis e amplitude dos processos comunicacionais e informacionais que colocam a informação e o conteúdo em constante movimento. O engajamento dos indivíduos também foi destaque neste ponto, pois é parte importante na formação de redes sociais móveis, agrupamentos fundamentais que se manifestam de forma ampla com o auxílio dos sistemas de localização consciente e dos dispositivos que tornam a interação entre os indivíduos fator fundamental para entender as novas tribos que se conectam nos espaços híbridos, espaços estes sociais nos quais os indivíduos se manifestam cotidianamente.

4 ETNOGRAFIA MÓVEL: UMA PROPOSTA DE MÉTODO MÓVEL PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO

A partir de 1920, a experiência de pesquisa em comunidades passa a ter um caráter científico e literário (CLIFFORD, 2014) surgindo então o que se denominou como etnografia, perspectiva voltada às práticas de observação participante que levavam o pesquisador a tornar-se parte do grupo durante um tempo estudando hábitos, ritos, costumes e práticas cotidianas comunitárias, afim de descrever como se desenvolvia aquele ambiente cultural determinado. A autoridade etnográfica, portanto, partia do olhar participante e exaustivo do pesquisador enquanto relator e descritor de todo processo grupal no qual fosse possível capturar objetivamente. Neste momento, a etnografia passa, então, a legitimar a *persona* do pesquisador em campo. Clifford (2014) ressalta que nesse ponto houve uma revolução nas pesquisas antropológicas, sendo até mesmo ditas como “heróicas” por parte dos pesquisadores da época. Técnicas analíticas e profissionalização da pesquisa modificaram a autoridade quando o pesquisador passou a ter uma estadia que raramente excedia dois anos dentro da comunidade, o que, na circunstância, era considerado um período relativamente curto para a participação.

A observação, então, passa a ser a ênfase da nova etnografia e, a descrição do processo de pesquisa, a base para a interpretação. A etnografia, enquanto prática realizada por etnógrafos acadêmicos sofre uma nova apropriação com ênfase na coleta de dados selecionados que tratassem de costumes da comunidade, sem ter que exaustivamente dispende de tempo exaustivo para a pesquisa. Uma abordagem mais estruturalista do todo cultural se propunha. “O objetivo não era contribuir para um completo inventário ou descrição dos costumes, mas sim chegar ao todo por uma ou mais de suas partes” (CLIFFORD, 2014, p. 28). Assim, o novo etnógrafo passava a focar seu trabalho em algumas instituições específicas e “na retórica da nova etnografia, predominantemente fundada na sinédoque, as partes eram concebidas como microcosmos ou analogias do todo”. Tratava-se, então, da observação de um “presente etnográfico”, ou seja, do ato de traçar um perfil, ou padrões de comportamento durante o trabalho de campo. Sendo

assim, essa perspectiva etnográfica passava a tratar a pesquisa qualitativa de uma comunidade em relação aos fenômenos que nela podiam ser identificados.

Após a pesquisa de Bronislaw Malinowski (1922), constatou-se que as questões relativas à observação do pesquisador são tão importantes quanto uma descrição densa da comunidade. O pesquisador passa então a ter a autoridade etnográfica reconhecida e referenciada durante o processo, e, a partir desse momento, a observação participante passa a fazer parte dos diários de campo fazendo surgir uma “nova etnografia” (CLIFFORD, 2014).

Estes aspectos apontavam para novas perspectivas de uma pesquisa menos dispendiosa, mas ainda densa de uma determinada cultura. Essa percepção do método durante o trabalho de campo revelou uma possibilidade de estudo voltado às comunidades e culturas que passam por transformações com o decorrer dos anos.

O investigador etnográfico encontrava-se mais presente na vida da própria comunidade, sua função passa a ser não tanto estudar as pessoas, e sim aprender das pessoas. Estes fenômenos estudados estão fundamentados nos pressupostos fenomenológico-qualitativos que se baseiam na elaboração de significados e interpretações dos fenômenos sociais, buscando sempre descobrir as características culturais da existência e sociabilidade dos indivíduos. É a interpretação do presente vivido pelos grupos que delinea alguns pontos importantes da pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica. Como aponta o fenomenólogo Alfred Schütz (1979), é importante a observação dos fenômenos cotidianos, pois permite que a cultura seja questionada, juntamente com seus modos de apreensão do sentido das coisas fazendo os indivíduos repensarem sua existência no mundo. Triviños (2007) aponta algumas características importantes para entender o contexto fenomenológico no qual a pesquisa etnográfica está inserida. Segundo ele, este tipo de pesquisa ressalta a importância do ambiente para a existência do indivíduo, partindo do fenômeno social concreto. A pesquisa amparada na fenomenologia é essencialmente descritiva, pois a descrição dos fenômenos está coberta de significados que o ambiente lhes concede.

Triviños (2007) ainda aponta que a pesquisa etnográfica está preocupada com o processo e não simplesmente com os resultados, pois a investigação

fenomenológica busca descobrir e interpretar as expectativas do fenômeno. Além disso, a interpretação surge da percepção da autoridade etnográfica em relação ao fenômeno, pois considera que os significados dados aos fenômenos dependem dos pressupostos culturais próprios do meio de sua existência, que, segundo James Clifford (2014), e Clifford Geertz (1989) vão além da experiência, e sim, por meio das interpretações do pesquisador como fonte do conhecimento etnográfico.

Geertz (1989) destaca em *A Interpretação das culturas* as diversas possibilidades de interpretação, ao citar alguns exemplos emprestados de Ryle (1971)³⁶: o piscar de olhos de três meninos pode significar três possibilidades de interpretações diferentes – para um deles é mania; para o outro pode ser um sinal e ter um significado para os outros; e, para o último, pode ser apenas uma imitação, uma repetição irônica - com este exemplo, ele destaca que há inferências e implicações que o etnógrafo deve encontrar e tentar amarrar os dados para poder seguir o seu caminho.

Ambos destacam a densidade necessária da pesquisa, mas apontam a interpretação como uma forma complementar, nas palavras escritas por Clifford (2014, p. 36) “uma alternativa mais sofisticada às afirmações hoje aparentemente ingênuas de autoridade experiencial”. E segue:

A antropologia interpretativa desmistifica muito do que anteriormente passara sem questionamento na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas. Ela contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos (e, num sentido amplo, poéticos) pelos quais os objetos “culturais” são inventados e tratados como significativos (CLIFFORD, 2014, p.36).

Ao ser uma interpretação, a etnografia relaciona-se com o estudo das partes de um contexto cultural que constituem o todo. Este processo é o que podemos chamar de cultura, de fato, segundo Clifford (2014). Geertz (1989) traz o conceito de cultura como um emaranhado de significados tecidos pelo homem, que acabam por formar teias repletas de experiências sociais enigmáticas. Estas teias estão em constante explicação, significação e transformação. Por isso, a etnografia proposta

³⁶ Disponível no texto de Ryle, de 1971 - “*What is le Penseur Doing?*”.

por Geertz (1989, p. 11) trata de um processo apoiado em elementos de significação com ênfase na base social do grupo, “o etnógrafo enfrenta a multiplicidade e complexidade das estruturas, e, para a compreensão é necessário entrelaçar, alinhar os pontos que são definitivamente simultâneos em um grupo estudado”.

Nesse sentido, os autores definem um ponto importante de como é tratada a autoridade etnográfica em uma nova forma de antropologia interpretativa, que passa por uma reestruturação quando vista como método científico. Clifford e Geertz concordam que muito da escrita etnográfica é realizada no campo de pesquisa, durante a descrição, o mapeamento, o diário de campo, os informantes. Mas ela vai além das técnicas aplicadas na busca de compreender o grupo. Há um esforço intelectual na interpretação das narrativas para que se possam compreender as ocorrências significativas desenvolvidas a serem transformadas num corpus textual.

Se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, então a questão determinante para qualquer exemplo dado, seja um diário de campo sarcástico ou uma monografia alentada, do tipo Malinowski, é se ela separa as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas (GEERTZ, 1989, p. 12).

Nesse sentido, Clifford (2014) também ressalta que quando um ritual passa a ser textualizado por parte do etnógrafo, ele deixa de estar apenas ligado àqueles atores sociais, pois passa a ser uma “evidência de um contexto englobante, uma ‘realidade cultural’” (2014, p. 38). Aqui cabe a reflexão do papel do informante, questionada pelo motivo de que a interpretação dos fatos culturais de determinado contexto não passa apenas pela interpretação do etnógrafo, mas dos atores sociais daquele contexto.

É como a representação de uma alegoria etnográfica, termo tomado emprestado de Clifford (2014) para uma argumentação voltada às performances que englobam os acontecimentos culturais tanto relacionados à forma quanto ao conteúdo representado naquele grupo.

Em referência a relação do etnógrafo com o grupo pesquisado, Geertz (1989) salienta a impossibilidade e o fato de ser desnecessária a busca pela inserção completa do pesquisador como parte de tal comunidade, de fato, o que propõe é uma revisitação de seus meios de suas características enquanto grupo, ele inclusive enfatiza que “não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos [...] ou copiá-los. Somente os românticos ou os espões podem achar isso bom” (GEERTZ, 1989, p. 10).

A cultura se define por um conjunto de símbolos interpretáveis e não pode ser considerada como poder, “ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 1989, p. 10).

Geertz (1989) aponta que fazer etnografia é tentar ler um manuscrito sem sinais convencionais, mas com exemplos transitórios que abrangem um comportamento moldado, uma forma representativa.

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente (1989, p.14).

A análise cultural deveria ser uma análise de significados e conjecturas, pois, de fato, não é necessário entender tudo para que se possa compreender algo, (GEERTZ, 1989, p. 14) – o autor então define: “o que faz o etnógrafo?”— ele escreve. E aponta algumas características da descrição etnográfica:

- a. Ela é interpretativa;
- b. Ela interpreta os fluxos do discurso social;
- c. Ao interpretar, busca salvar o que é dito no discurso;
- d. A descrição deve ser microscópica.

[...] vale a pena considerar seriamente o seu pressuposto principal: o de que a experiência do pesquisador pode servir como uma fonte unificadora da autoridade de campo (CLIFFORD, 2014, p. 32).

Há questões que atribuem a autoridade etnográfica ao modelo de experiência, da observação participante descrita pelo pesquisador de forma clara e objetiva do grupo pesquisado, mas da mesma forma outras atribuições de autoridade são baseadas na interpretação como uma alternativa às afirmações experienciais.

4.1 A ETNOGRAFIA E A PESQUISA QUALITATIVA

A etnografia é um método importante de pesquisa nos estudos aplicados à comunicação social, pois por meio dela é possível compreender os processos de interação social de um grupo: seus costumes, ideias e comportamentos. Ela se efetiva na análise descritiva por meio da observação e classificação dos fenômenos sociais. A etnografia é um método de pesquisa qualitativa fundamental para a compreensão de como os indivíduos se desenvolvem em agrupamentos na vida social. Uma das características da pesquisa é a presença do pesquisador *in loco*.

A pesquisa qualitativa teve seu início quando os pesquisadores perceberam que não poderiam quantificar informações, e, portanto, seria necessário interpretar de forma ampla os dados relativos aos modos de vida de um povo. Ela faz frente à atitude positivista de “aplicar ao estudo de ciências humanas, os mesmos princípios e métodos das ciências naturais” (TRIVIÑOS, 2007, p. 116).

Esta pesquisa é direcionada à distinção interpretativa das categorias sociais. A curiosidade sobre a natureza tribal do acontecimento, do campo de ação e dos espectadores que estão sendo observados, remete à reflexão sobre como se desenvolvem as relações sociais entre os sujeitos quando inseridos em situações partilhadas. Trata-se de uma pesquisa social.

Pode-se estudar o campo de ação, e perguntar que acontecimentos estão no campo (o objeto de estudo); pode-se experimentar subjetivamente tal acontecimento - o que está acontecendo, como nos sentimos, e quais os motivos para tal acontecimento.

[...] finalmente nos concentramos na relação sujeito/objeto que brota da comparação da perspectiva do autor e da perspectiva do observador, dentro de um contexto mais amplo e pergunta como os acontecimentos se relacionam às pessoas que os experienciam (GASKELL e BAUER, 2002, p. 18).

A pesquisa qualitativa apoia-se em dados sobre o mundo, construídos nos processos de comunicação. Para os autores (GASKELL e BAUER, 2002), no entanto, não há análise estatística sem interpretação. Na pesquisa qualitativa, interessa ao pesquisador a maneira como as pessoas se expressam e falam sobre o que é importante para elas. Assim, compreende-se que a pesquisa qualitativa está preocupada com o processo social.

Pela tradição antropológica, a pesquisa qualitativa é também conhecida como investigação etnográfica. Foi por meio do pesquisador funcionalista e positivista Bronislaw Malinowski, criador do método etnográfico, que este tipo de pesquisa começou a ser desenvolvida. Compreende-se, desta forma, que “a etnografia baseia suas conclusões nas descrições da real cultura que lhe interessa para tirar delas os significados quem têm para as pessoas que pertencem a essa realidade” (TRIVIÑOS, 2007, p. 121).

Os estudos etnográficos surgiram no final do século XVIII quando o saber científico que torna o homem o objeto do conhecimento, e não apenas a natureza, passou a ser construído. Nesta época tiveram início os estudos que aplicam ao próprio homem os métodos até então utilizados em áreas como a física e a biologia (LAPLANTINE, 2000, p. 13). Esta “ciência do homem” ganhou o nome de Antropologia. A partir de então, passou-se a considerar como antropológica uma abordagem integrativa que possua como objetivo as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade. Desta forma, segundo Laplantine (2000), a antropologia não é senão um olhar específico, que dá enfoque a certos pontos específicos:

- a) O estudo do homem inteiro;
- b) O estudo do homem em todas as sociedades, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as suas épocas.

Os estudos etnográficos se baseiam na participação e observação em áreas culturais particulares, bem como no reconhecimento do emprego e da reflexividade

de quem realiza a pesquisa. A etnografia propriamente dita só começa quando o pesquisador percebe que deve ele mesmo atuar no campo de estudo, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa (LAPLANTINE, 2000).

O investigador etnográfico deve se envolver com a própria comunidade, sua função é não tanto estudar as pessoas, e sim aprender das pessoas. Para Triviños (2007) devem-se salientar dois conjuntos de pressupostos sobre o comportamento humano importantes para a investigação:

Pressupostos ecológicos-naturalistas: destaca a influência do ambiente sobre os atores, não deve-se retirá-los de seu meio habitual, pois será difícil se chegar a conclusões verdadeiras. “O meio, com suas características físicas e sociais, imprime aos sujeitos traços peculiares que são desvendados à luz do entendimento dos significados que ele estabelece” (TRIVIÑOS, 2007, p. 122).

Pressupostos fenomenológicos-qualitativos: elabora significados e interpretações dos fenômenos sociais, e pretende descobrir as características culturais da existência dos sujeitos. “[...] além de salientar a necessidade de observar os sujeitos não em situações isoladas, artificiais, senão na perspectiva de um contexto social, coloca ênfase na ideia dos significados latentes do comportamento do homem” (TRIVIÑOS, 2007, p. 122).

Cabe destacar que a pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica surgiu na década de 1970, com bases teóricas idealistas que buscavam entender a realidade social como uma construção humana, como parte da consciência do sujeito. Para tal contexto, Triviños (2007) aponta algumas características:

1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave: as pesquisas com base fenomenológicas ressaltam a importância do ambiente para a existência do sujeito, pois partem do fenômeno social concreto. Para a fenomenologia o importante é o conteúdo da percepção.

2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva: amparada à fenomenologia é essencialmente descritiva, pois, a descrição dos fenômenos está coberta de significados que o ambiente lhes concede.

3ª) *Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto:* a investigação fenomenológica busca descobrir e interpretar as expectativas do fenômeno, por meio do processo.

4ª) *Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente:* a análise das pesquisas qualitativas começa pela análise do fenômeno social. A pesquisa fenomenológica não tem hipóteses, os significados e a interpretação surgem da percepção do fenômeno.

5ª) *O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa:* O enfoque fenomenológico considera que os significados que os sujeitos dão aos fenômenos dependem dos pressupostos culturais próprios do meio de sua existência.

A etnografia, diante deste contexto, está inserida dentro de um processo fenomenológico-hermenêutico que se funda na relação entre o fenômeno e a essência, o todo e as partes. As pesquisas fenomenológicas confiam no processo de interpretação e de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno estudado. Para este método, é fundamental a busca pela compreensão dos fenômenos nas diversas manifestações (variantes) por meio da cognição (invariante), ou na explicação dos pressupostos (essência) que se fundamentam os fenômenos (GAMBOA, 2002). Para Gamboa (2002, p. 101), “um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma totalidade só é compreendida em função dos elementos que a integram”.

É importante destacar que o interesse cognitivo que comanda as pesquisas é a comunicação e o diálogo. Os pressupostos fenomenológicos estão centralizados na subjetividade, como presença marcante do sujeito na interpretação do objeto. “Esse processo supõe o comando do intérprete que assume a ‘subjetividade fundante do sentido’ e organiza os dados de realidade, tendo como ponto de partida a manutenção e extensão da intersubjetividade” (GAMBOA, 2002, p. 103).

Em seu Manual de Etnografia, Marcel Mauss (1993) orienta alguns aspectos importantes que devem ser considerados nos estudos dos fenômenos sociais de determinado grupo:

- a) Os fenômenos precisam ser observados e classificados;

- b) Os fatos sociais devem ser registrados e publicados com o máximo de certeza;
- c) O etnógrafo deve ter a preocupação de ser exato, completo;
- d) A pesquisa etnográfica é uma ciência de verificação.

Embora Mauss (1993) não tenha deixado vasto legado em publicações de suas observações sobre a prática etnográfica, pois, de fato ele próprio pouco foi a campo para efetivamente realizar a pesquisa, sua contribuição para o desenvolvimento de uma etnologia - ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia, buscando uma apreciação analítica e comparativa - foi essencial para o desenvolvimento dos estudos etnográficos franceses, fundando o Instituto de Etnologia da Universidade de Paris (1925). Sua preocupação sempre foi voltada para a sociologia e o objeto junto a antropologia. A etnologia é a ciência que abarca as pesquisas etnográficas, ela amplia os estudos acerca dos agrupamentos humanos que possuem alguma identificação entre os membros através das interações sociais. A etnologia é ponto fundamental de observação da compreensão dos artefatos reunidos pela pesquisa etnográfica. Nesse ponto de vista, a vivência cotidiana e a realidade são observadas como construções sociais que fazem parte da interação entre os agrupamentos.

4.2 A METRÓPOLE COMO FOCO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

As metrópoles passam a ser o foco das pesquisas antropológicas no final do século XIX, mas surgiram com maior ênfase no início do século XX. Com os estudos direcionados à antropologia e sociologia urbana, trazidos fundamentalmente pelos estudiosos da Escola de Chicago, as ruas das cidades, seus guetos, bairros e particularidades passaram a fazer parte do escopo das pesquisas etnográficas. A ênfase deixou de ser focada apenas em pesquisas realizadas com comunidades rurais, indígenas e muitas vezes isoladas. A partir de então, passou-se a perceber que possuíam características muito comuns entre si, devido ao processo cultural desenvolvido pelo território no qual se localizavam.

Precursora neste contexto, a Escola de Chicago surgiu no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, e passou a desenvolver outros vieses teóricos e empíricos sob a perspectiva da etnografia, influenciando no desenvolvimento e crescimento das cidades. A Escola faz parte dos estudos da sociologia urbana, ou seja, mais voltados à prática social da realidade vivida no cotidiano, em meio a uma perspectiva de que as cidades e seus grupos, guetos, bairros e toda forma de agrupamento da metrópole possa ser estudada de forma a compreender como os indivíduos desenvolvem uma estrutura organizada de forma diferenciada daquela dos estudos dos homens em comunidades territoriais, como fez Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), um dos grandes precursores do método etnográfico.

Um dos influenciadores da Escola de Chicago, Georg Simmel (1973), preocupou-se em entender como a metrópole se acomoda nos ajustamentos às forças externas. Seu estudo sobre o homem na cidade tenta delinear as diferenças individuais que o êxodo trouxe para as formas de interação e individualismo das pessoas, ele ressalta que “a metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente, da que a vida rural extrai” (1973, p. 12).

Ele acentua que há uma mudança na sensibilidade e personalidade diante dos fenômenos metropolitanos, o que altera os processos de sociabilidade e a forma como os indivíduos passam a se agrupar. Para ele o indivíduo é o próprio grupo, a ênfase está no indivíduo, mais diretamente em seu processo de interação. Simmel (2006) denomina esse processo de “sociação”, ou seja, tudo o que está presente no indivíduo de modo a engendrar ou mediatizar sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos mesmos. Os interesses então passam a emergir de impulsos individuais. Simmel foi de extrema importância para os estudos da Escola de Chicago, pois possibilitou um novo olhar sobre a constituição da formação de grupos, e a importância da interação destes nas grandes cidades. A partir de seus pressupostos, o indivíduo passa a ser visto como formador de comunidade. Isto permite o desenvolvimento de pesquisas etnográficas voltadas a compreensão de uma sociedade em que os interesses e os objetivos grupais tomam forma a partir da motivação dos indivíduos.

Assim, com a perspectiva da sociologia urbana a cidade passa a ser um laboratório de pesquisa da vida social. Historiadores, economistas, antropólogos e sociólogos passam a perceber a importância dos estudos sobre a vida nas cidades para uma visão mais ampla da sociedade da época. Em uma sociedade já inserida em tecnologias que impulsionavam o desenvolvimento das cidades desde o início da Revolução Industrial (XVIII-XIX), houve modificações nas estruturas sociais em relação a emprego, moradia e nas relações que as pessoas passaram a ter com os espaços de convivência. Há um reflexo importante nas interações entre os indivíduos e suas condições socioeconômicas, o que de certa forma começou a ampliar as relações sociais. Com todo esse período histórico, as cidades se transformaram, juntamente com o desenvolvimento das grandes guerras mundiais (Primeira Guerra 1914-1918; Segunda Guerra 1939-1945), a inserção de jovens e os conflitos gerados na tomada das grandes cidades, além do amplo desenvolvimento dos transportes e da ampliação da mobilidade nas cidades. Todo esse processo teve como consequência diversas alterações culturais na sociedade que careciam de compreensão.

Com a união da antropologia e da sociologia urbana, temas como a delinquência juvenil, emigrantes, imigrantes e as pesquisas relacionadas ao território tornaram-se destaque naquele momento social. A etnografia foi o método escolhido para o estudo dos grandes centros urbanos, na época iniciados na cidade de Chicago (EUA).

Estes pontos são essenciais para se compreender que as sociedades passam por transformações que se diferenciam ao longo dos anos e que carecem de estudos que reconheçam essas mudanças dando a elas a devida importância de acordo com o tempo e as tecnologias que a sociedade utiliza para criar seu próprio contexto social.

Por exemplo, para os estudiosos da Escola de Chicago a ideia de organização e estrutura social se diferenciava das demais, para eles a base de estudos era a interação social e a organização se dava por meio das ações que as pessoas faziam em conjunto, de maneira semelhante e por algum tempo. Becker (1996, p. 186), um dos alunos e autores importantes da Escola destaca que “interessava eram os modos de interação, especialmente as interações repetitivas

das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos, dia após dia, semana após semana”.

A Escola trouxe para o campo a inserção da pesquisa quantitativa, unida à pesquisa qualitativa como forma de compreender os fenômenos. Dados importantes sobre a distribuição geográfica das pessoas passaram a fazer parte da pesquisa etnográfica. Além dos diversos estudos sobre marginalidade, segregação, prostituição e delinquência, ela foi pioneira nas

[...] várias formas de interação nos espaços públicos, sendo que muitos estudos mostravam também haver uma ‘organização’ ou ‘ordenação’ internas a esses locais ou fenômenos, o que ajudou aos poucos a sublinhar a diversidade constitutiva do contexto urbano (FRÚGOLI Jr., 2005, pp. 137-138)

Os fenômenos comunicacionais, a interação entre os grupos que constituíam o fenômeno urbano passaram a ser o foco principal. Braga e Gastaldo (2009, p.79), realizam um apanhado dos aspectos da Escola e apontam que “centrados em uma perspectiva naturalista, os estudos de Chicago foram pioneiros ao explorar etnograficamente os meandros de uma metrópole multicultural: a Chicago dos anos 1930”. Neste período, as mídias eletrônicas estavam começando a fazer parte da sociedade e contribuíram para novos tipos de pesquisas de nichos que passaram a representar a sociedade como ação coletiva. É deste ponto de ação coletiva que passa a se compreender que outras formas sociais se encontram nas cidades.

Estes pesquisadores observaram a cidade como espaço social importante para o estudo de culturas diferenciadas, partes que formam o todo da grande metrópole. Uma antropologia aliada à sociologia urbana passa a ser proposta como uma estrutura de pesquisa etnográfica para tornar possível a compreensão do modo de viver de guetos, bairros e todos os contrastes que refletem a vida na cidade.

As cidades e suas comunidades passaram a ter sua estrutura repensada por meio da proposta de estudo da Escola de Chicago através de práticas etnográficas urbanas. O pano de fundo das pesquisas eram as grandes metrópoles e seus modos de vida. Partia-se para uma compreensão dos espaços urbanos. Já na década de 1970, a sociologia urbana era foco importante para a pesquisa etnográfica. Raymond Ledrut (1971), destacável pesquisador urbanista buscou

entender quais as condições de existência em uma coletividade urbana, e pode apontar que “a sociedade moderna é aquela que exprimirá e destinará a cultura moderna” (1971, p. 195). O indivíduo está imerso na cidade, encontrando nela experiências diversas para seu desenvolvimento pessoal, “a cidade moderna trouxe novos laços e novos significados” (1971, p. 196).

Desde as décadas de 1970-1980, a própria antropologia, base da etnografia, passou a rever novamente seus estudos em relação a comunidades urbanas, segundo Rifiotis (2010) foi um período importante para as pesquisas antropológicas que abriu espaço para que outras visões metodológicas e teóricas pudessem ser compreendidas, principalmente nos estudos das sociedades complexas (RIFIOTIS, 2010).

Nos anos 1990, o ciberespaço, então passa a se tornar um lugar de instigação para os estudos antropológicos devido à formação de redes e comunidades que interagem e criavam um novo espaço global de conexões. Assim, Rifiotis (2010, p. 17) aponta que “[...] retomamos as interrogações básicas sobre como se dão as relações no espaço. Criam-se então condições para revisitarmos criticamente os conceitos e princípios metodológicos da Antropologia”.

Rifiotis et al. (2009), sobre o debate de perspectivas metodológicas para as pesquisas no ciberespaço, apontam que no início dos anos 1990 os estudos eram mais voltados ao campo textual do que visual devido às ferramentas de interação que se desenvolviam no ciberespaço - o debate era focado no “meio” em relação aos estudos das conexões, e não como as relações desenvolvidas pela internet deveriam ser tratadas, já que havia uma mudança de espaço de interação social. “A experiência de campo no ciberespaço torna-se cada vez mais próxima de uma situação de copresença” (RIFIOTIS, 2010, p. 21). Uma outra conjuntura social passava a se formar e que já necessitava de reflexão metodológica.

A etnografia virtual serviu - e serve - como aporte metodológico importante e precursor nos estudos das redes sociais na internet e comunidades virtuais, quando se deseja entender o processo de interação entre os indivíduos e como eles se identificam com tais grupos.

Muda-se a forma como a pesquisa de campo passa a ser realizada; diálogos com a comunidade estudada passam a ser realizados por meio de *chats*, e a observação participante nas interações mediadas pelo computador se amplia em relação ao acompanhamento das comunidades. O diário de campo continua tendo sua importância, ele continua sendo a insígnia da etnografia (RIFIOTIS, 2010), mas passa a ser tratado para além do relato textual. Outras possibilidades de observação e descrição passam a fazer parte, o que já altera a percepção antropológica destes processos comunicacionais. A etnografia virtual, ou netnografia, utiliza as informações publicamente disponíveis, levando em conta as ações dos atores, o consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 2).

No início dos estudos voltados para a compreensão das relações sociais desenvolvidas pela mediação do computador, como apontou Rifiotis (2009; 2010) diversas indagações de metodologias de pesquisa vindas da antropologia e da sociologia passaram a fazer parte do contexto que auxiliou na amplitude dos estudos existentes atualmente, e que nos permitem compreender, por exemplo, como se desenvolvem as redes sociais na internet (RECUERO, 2009).

No início das pesquisas que tratavam de uma nova abordagem etnográfica voltada para os estudos do ciberespaço, a etnografia virtual, sofria certo preconceito devido à prática antropológica consagrada pelos primeiros etnógrafos que desenvolveram técnicas em que o pesquisador precisava estar presente na comunidade pesquisada por mais de um ano, para que dessa forma fosse possível compreender os aspectos daquele agrupamento. A etnografia virtual surge como uma adaptação da etnografia clássica envolvendo interações e formação de comunidades nunca antes vistas e pesquisadas como reais possibilidades de estruturas sociais.

Christine Hine, precursora nas pesquisas etnográficas virtuais, aponta em seus primeiros estudos que a etnografia se distanciou muito desde os estudos antropológicos realizados por pesquisadores em busca de entender as culturas de lugares distantes. Vimos estas mudanças com os diversos estudos desenvolvidos nas grandes metrópoles. Hine (2004) salienta que a etnografia promete entender

como as pessoas interpretam o mundo que as rodeiam e desta forma como organizam suas vidas. Por isso, realizar um estudo etnográfico não possui fórmulas, deve abordar a riqueza e complexidade da vida social do momento cultural pesquisado (HINE, 2004). O desafio encontrava-se em como provar a autenticidade para tais pesquisas diante do novo objeto e como lidar com os problemas que ele suscita e emerge rapidamente.

Quando Hine e outros pesquisadores iniciaram as pesquisas no espaço virtual, as pessoas “acessavam a internet”, havia quase um processo que levava o indivíduo a tal prática. A relação era mediada pelo computador, havia claramente essa mediação, era preciso um ritual e uma quantidade de artefatos para que as pessoas se conectassem: um computador, fios que ligavam *modens* a internet - inicialmente discada, o que limitava o acesso e o tempo de permanência na conexão - um espaço físico delimitado onde ficavam o computador, os fios, o *modem*, uma mesa, cadeira e o que mais fazia parte de toda aquela composição. As pessoas aguardavam por esse momento. Havia uma vontade de participação em todas as possibilidades que a internet oferecia: sites, fóruns, *chats*, portais - enfim, todo tipo de conexão que ampliasse as relações no espaço virtual. Mas, lembrando, esse espaço era delimitado, mesmo o virtual. Se o indivíduo estivesse a frente de um computador, ele estava no ciberespaço. Desligou a máquina, caiu a conexão: acabaram - talvez por um tempo - as relações mediadas. Sair de casa, ir a parques, viagens e qualquer outro movimento que envolvesse as ruas e locais das cidades, não se conectava ao ciberespaço, nem às relações que nele as pessoas constituíam.

Passou-se então a discutir como entender a comunicação entre as pessoas via ciberespaço, já que as relações face a face, neste caso, haviam sido absorvidas pela tela de um computador. Autores como Hine e Kozinets, embora cunhadores dos termos etnografia virtual e netnografia, respectivamente, também questionaram a necessidade de uma outra aplicação do termo etnografia para as interações mediadas pelo computador. Segundo Fragozo et al. (2015) que fazem uma análise e distinção da aplicação dos termos, apontam que é necessária uma distinção e uma problematização entre as formas de pesquisa e observação em comunidades desenvolvidas online e offline para que o termo “etnografia” possa ser usado. As autoras elaboram uma tabela importante para observação dos critérios de escolha

da etnografia enquanto método. Baseadas em Agrosino (2009) e Boyd (2009), elas propõem a seguinte questão: Por que escolher a etnografia? E a primeira resposta aponta para o estudo dos comportamentos sociais que ainda não são compreendidos, sendo então a etnografia uma forma de auxiliar o pesquisador.

No contexto atual é este processo que se busca compreender com uma proposta de etnografia da mobilidade, que vá além das perspectivas de uma delimitação de campo e território, como se depara com a etnografia virtual, bem como com a etnografia clássica. No contexto desta proposta, os territórios são móveis, há uma quebra da dicotomia entre perto e longe nas relações com o lugar.

As cidades, os espaços e as conexões não são mais as mesmas do início das pesquisas etnográficas com Malinowski e também ultrapassaram os “limites” do ciberespaço. Em tempos nos quais o desenvolvimento das tecnologias móveis é cada vez mais intenso no cotidiano dos indivíduos, é necessário refletir sobre como a comunicação móvel vem se construindo com a possibilidade de tornar os objetos interativos, sencientes e inteligentes. E que de forma invisível, transparente convivem com os indivíduos como se não houvesse a mediação entre objeto, indivíduo e cidade.

Weiser (1991), em seu importante artigo sobre como seriam os computadores no século XXI, já salientava a ausência de uma mediação presente – e apontava a consagração de uma computação ubíqua - no cotidiano das interações humanas com os computadores. Ele destacava que as tecnologias devem fazer parte do ambiente natural do ser humano, fazendo com que os computadores “desapareçam”, ou seja, passem a fazer parte do cotidiano dos indivíduos.

É deste ponto que se compreende a atual conjuntura observada pela ótica de um Paradigma que traz aspectos sobre as conexões comunicacionais geradas pela mobilidade das tecnologias propondo uma perspectiva etnográfica que permita um novo olhar destes novos grupos que, com a rapidez com que se formam se desconstróem ocupando territórios das cidades, e agregando a eles significados que atualmente possuem um caráter que pode revelar como e com que finalidade esta fluidez se processa nos espaços urbanos. Ao propor esta metodologia como estudo quer se salientar a necessidade de compreensão de um novo fenômeno cultural por

meio das experiências das pessoas em mobilidade, por isso a proposta de uma pesquisa etnográfica.

4.3 ETNOGRAFIA MÓVEL: UMA ABORDAGEM MULTILocal

O antropólogo americano George Marcus, em seu importante trabalho desenvolvido em 1995 sobre a etnografia nas novas estruturas culturais contemporâneas, inseriu, diante da perspectiva dos estudos das sociedades, uma outra possibilidade de pesquisa de campo não apenas na área da antropologia, mas nas demais ciências humanas e sociais. Em seu artigo *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography* destaca que outra forma de investigação etnográfica estava surgindo em um “sistema mundo” no qual havia um deslocamento no significado daquilo que se entendia até então por cultura.

Esta etnografía móvil toma trayectorias inesperadas al seguir formaciones culturales a través y dentro de múltiples sitios de actividad que desestabilizan la distinción, por ejemplo, entre mundo de vida y sistemas (2001, pp. 111-112).

Ele chama de etnografia multisituada ou multilocal a pesquisa que poderia ser desenvolvida diante de uma ampla perspectiva econômica e social em um período no qual a globalização era um dos focos de estudo principais tendo como base a abertura de fronteiras, principalmente de capital intelectual.

Para Marcus (2001), uma das grandes questões desta forma de se fazer etnografia está nos limites da pesquisa, nas quais o pesquisador questiona se está construindo o método de acordo com a proposta do campo a qual se propõe, pelo fato deste compreender mais de um local ao mesmo tempo e do pesquisador estar em mobilidade. Para tal, o autor compreende que expandir o campo de pesquisa não compromete a responsabilidade do pesquisador etnográfico com o cotidiano. A etnografia multilocal é um exercício de mapear a cultura produzida em locais diferentes. Seu ponto é sempre salientar que global e local são dimensões

emergentes, sendo importante expandir a conexão entre ambas. Ele, então, faz uma questão importante: este tipo de pesquisa pode ser colocado em prática?

Este é um dos questionamentos que se faz quando se propõem trabalhos com este tipo de metodologia, que envolve mobilidade em múltiplos lugares, pois, o fato de conseguir alcançar do campo aquilo que se procura é mais complicado do que se focalizar em uma localidade única. Quando se procura entender diversas culturas locais há que se compreender que a prática etnográfica se diferencia daquela realizada em uma determinada cultura, como ressalta Marcus (2001).

No entanto, ele maximiza que o importante é alinhar o trabalho no campo, os princípios de seleção e observação. O que deve ser valorizado é a tradução da linguagem cultural do contexto pesquisado. Marcus (2001) ainda salienta que diferentemente pesquisa etnográfica clássica, não há uma diferenciação entre o nós e os outros - pesquisados -, pois há uma matização na prática de traduzir a conexão dos vários locais que a pesquisa explora “na verdade, o poder de persuasão do campo amplo que qualquer etnografia constrói e mapeia reside na sua capacidade de gerar conexões por traduzir e monitorar discursos distintos de local para local” (MARCUS, 2001, p.114).

Há que se considerar que a etnografia tratada por Marcus (2001) atende a mobilidade urbana levada em situações econômicas e sociais nas quais os indivíduos são deslocados de seus contextos de classe, tornando o local um fator fundamental a ser observado para que esse movimento indique um fato importante no contexto político da sociedade. No entanto, esta etnografia multilocal traz indícios de que estes deslocamentos foram fundamentais para mostrar formas diferenciadas de ver a sociedade, desvelando outras perspectivas diferentes daquelas centralizadas em um único espaço e comunidade. As configurações de tempo e espaço foram se modificando e assim causaram uma mudança nas percepções das cidades e suas populações. É importante considerar estes fatores para entender os novos processos comunicacionais que se desenvolveram com e pelos indivíduos durante estes novos contextos.

A etnografia é um excelente método para tal entendimento, mas precisa que se adapte a tal processo, como vimos com Marcus (2001) e demais autores que observaram as mudanças nos contextos culturais ao longo dos anos que sucederam

Malinowski. Como salienta Fradique (2003), a etnografia multilocal ou etnografia móvel faz com que o pesquisador assuma um papel ativista, tendo como base políticas de abordagem do(s) terreno(s), com a *cumplicidade* que permitiria quebrar a *mise-en-scène* tradicional do trabalho de campo. Há um deslocar-se de um paradigma que parte de um local único para um território com múltiplos ancoramentos. O objeto de estudo é móvel e multiplamente localizado (MARCUS, 2001).

Clasificar las relaciones de lo local con lo global es un procedimiento relevante y extendido de conocimiento local que queda por ser reconocido y descubierto en los idiomas y discursos inherentes a cualquier lugar contemporáneo que pueda ser definido por su relación con el sistema mundo. En esta identificación intelectual y cognitiva entre el investigador y varios sujetos situados en el campo emergente de la investigación multilocal, la reflexividad se define de manera más poderosa como dimensión del método, y sirve para desplazar o recontextuar el tipo de discusión metodológica literal que he desarrollado más arriba (MARCUS, 2001, p. 122).

As tecnologias auxiliaram cada vez mais os pesquisadores no desenvolvimento das pesquisas no trabalho de campo. Assim como as tecnologias evoluíram, as cidades também evoluíram com elas e cada vez mais é possível apreender o contexto urbano utilizando recursos tecnológicos para compreender as sociedades atuais. Pode-se entender que hoje a cultura da mobilidade é um dos fatores que influencia a forma como é gerenciada parte do cotidiano social, é a partir dela que se buscará uma perspectiva etnográfica sobre a sociedade contemporânea.

Com as tecnologias móveis, outras percepções culturais passam a recriar formas de sociabilidade e ampliar as conexões entre as pessoas e os espaços urbanos e, conseqüentemente, novas apropriações dos espaços sociais. Estas modificações passam a ser observadas no momento em que os indivíduos estão conectados o tempo todo através de comunicação via internet sem fio. McLuhan (1964) já mostrava que as conseqüências sociais de qualquer meio constituem uma nova extensão de nós mesmos.

Essa extensão se ampara em um novo processo. A atividade no espaço virtual é articulada com o espaço urbano, via localização geográfica, constituindo um

espaço compartilhado, um meio para a atividade coletiva, onde os indivíduos e seu ambiente informacional estão conectados por meio de telefones celulares. Esta possibilidade dá novos significados às cidades, pois aponta que os espaços físicos passam a ter novas apropriações pelos indivíduos quando estes passam a utilizá-los junto ao espaço virtual.

A potencialidade que as tecnologias móveis promovem em novas percepções dos espaços sociais geram uma rede viva de agentes móveis conectados. Esta mobilidade ajuda na formação de redes flexíveis de pessoas em busca de um interesse comum, ou de um sentimento de pertença por um determinado território que acaba sendo permeado de sentido pelo indivíduo, um sentido dado que pode ser fluido e efêmero. O espaço eletrônico está em interface com o espaço urbano, trazendo possibilidade de novas significações para o espaço das metrópoles contemporâneas.

Estas mudanças culturais surgidas ao longo do desenvolvimento das cidades envolvem os estudos relacionados aos processos comunicacionais e a interação social. Quando se observam os pressupostos do Paradigma das mobilidades, constata-se que há a necessidade da concepção de um outro olhar metodológico que possa acompanhar esse processo em constante movimento. É a necessidade do objeto que leva à construção da metodologia apropriada para mostrar os aspectos que envolvem as interações dos indivíduos entre si e com os locais estudados por meio da mobilidade tecnológica. É uma proposta de observar o contexto social por meio de uma perspectiva do movimento. Büscher e Urry (2009) apontam que o pesquisador passa a fazer parte do processo de pesquisa por meio de uma co-presença, uma “sombra” se movendo junto ao objeto ou grupo pesquisado, munido de técnicas de observação para entender como se processa o movimento. Além disso, a etnografia móvel não se baseia nos estudos de um único local, mas de diversos locais ao mesmo tempo.

As tecnologias móveis possibilitam novas formas de nomadismos que podem se referir aos espaços e às relações sociais dos indivíduos, e com isso permite que os mesmos deem novos sentidos aos locais e às relações com outros indivíduos na formação dos grupos.

Desenvolvido de forma ampla nos estudos geográficos para mapear e observar, o termo etnografia móvel foi cunhado por John Urry e Mimi Sheller em 2006. A etnografia móvel é um método que traz consigo as características da etnografia clássica, mas que possui a peculiaridade de estudar o movimento dos indivíduos, não a comunidade territorial estática, seus costumes e conceitos, mas os processos que levam ao movimento. É uma pesquisa que independe da localização geográfica, a análise parte do estudo do indivíduo e suas manifestações nos espaços.

Parte-se para o entendimento sobre os estudos etnográficos, de modo a compreender, *a posteriori*, como a mobilidade pode ser estudada por meio de um método diferenciado, que também surge do estudo a partir do movimento da metodologia. A questão que instiga a pesquisa é como será possível analisar um objeto que não é fixo, que existe por sua mobilidade ou por seu movimento potencial?

Os estudos relacionados ao movimento, diante desta perspectiva, partem da observação das consequências de um imbricamento espacial, percebido principalmente nas estruturas sociais. Sutko e Souza e Silva (2011) apontam que um espaço permeado de aplicativos móveis de localização consciente, como o GPS, que permite a geolocalização de qualquer indivíduo, implica em um aumento da comunicação e da coordenação entre as pessoas - formando grupos - em espaços públicos e aumenta a consciência e imersão da experiência do fenômeno móvel. Pode-se pensar no flâneur descrito por Benjamin (1994) que experienciava a cidade em seu caminhar pelas ruas. O flâneur contemporâneo agora munido das possibilidades que vão além de sua própria experiência, pode registrar e compartilhar instantaneamente com outros a cidade a partir de seu ponto de vista.

Esse processo possibilita a geração de uma camada paralela de conexão e informação entre os espaços virtual e físico deixando rastros digitais por toda parte. Estes rastros são móveis e se alteram, quanto mais se espalham, mais se conectam uns com os outros. Este fenômeno apenas pode ser visto e vivido em uma cultura da mobilidade. Em nenhum outro momento cultural, a possibilidade de encontros de grupos desta forma seria possível, pois havia uma divisão entre os espaços de interação. A partir deste contexto novos sentidos e experiências são realizados

alterando a percepção dos indivíduos em suas relações com os demais e com os territórios culminando na formação de novas formas de agrupamento social. Parte-se, assim, para uma proposta de compreensão destes fenômenos por meio de um estudo etnográfico que compreende a mobilidade como um processo que influencia a cultura e o cotidiano social.

A etnografia móvel é o ponto de partida para a compreensão destes fenômenos móveis, ou seja, das experiências de mobilidade dos indivíduos em um contexto no qual o próprio território de conexão está em plena mobilidade. Desde os estudos da Escola de Chicago (início do século XX) as cidades passam a ser ambientes de pesquisas etnográficas em busca da compreensão de grupos diferenciados, como guetos, bairros e outros agrupamentos. Estes estudos se tornaram fundamentais compreender os contrastes que refletem a vida na cidade nos dias atuais. No início do século, a cultura da grande metrópole tornou-se o ponto de estudo de sociólogos e antropólogos que observaram a necessidade de novas formas de pesquisa etnográfica para entender contextos diferenciados.

Outra ênfase, destacada por Büscher e Urry (2009) como influência nas pesquisas etnográfica das mobilidades são os estudos de Georg Simmel e sua contribuição para a compreensão social sob a perspectiva do movimento. Em seu texto *A metrópole e a vida mental* (1987), Simmel salientou como o movimento, a fragmentação e a diversidade da vida moderna metropolitana influenciaram a sociedade e as interações nas cidades.

É por compreender que se vive em um contexto cultural diferenciado que se propõe um viés para os estudos etnográficos focado nas conexões comunicacionais geradas pela mobilidade das tecnologias em novos e amplos territórios informacionais. Os agrupamentos desenvolvidos em uma cultura móvel se constroem com a rapidez na qual se desconstroem ocupando os territórios das cidades e agregando a eles novos significados. Propõe-se, então, esta metodologia pela necessidade de compreender este novo fenômeno cultural por meio das experiências das pessoas em mobilidade.

A etnografia móvel está embasada na proposta do método etnográfico em si: entender as pessoas e suas redes de significação evidenciando os processos desta cultura vivenciando-a. No entanto, o pesquisador encontra-se em plena mobilidade,

assim como seu foco e os indivíduos estudados. Para Muskat et al. (2013) este método etnográfico torna possível a coleta das informações diretas do indivíduo, pois, este ao mesmo tempo passa a relatar sua observação cotidiana de forma online (em algum aplicativo ou site de rede social) no momento da experiência vivida no próprio local.

Mesmo embasada nos pressupostos do método etnográfico, a proposta da realização de uma etnografia móvel parte da concepção de que os estudos das tecnologias móveis e sua apropriação por parte dos indivíduos, não são possíveis por meio dos fenômenos estáticos, de comunidades centradas em espaços físicos determinados, delineados por uma estrutura imóvel. Tampouco o estudo poderia ser definido apenas em uma etnografia virtual - ou netnografia, pois, embora o ciberespaço permita a mobilidade de comunidades e a formação ampla de redes, as pesquisas que possuem como base a etnografia virtual não tendem a levar em consideração os espaços físicos durante a observação das interações e ações da comunidade, pois esta metodologia busca seus dados no ambiente virtual. Seu meio social é o ciberespaço. Ela também é uma adaptação dos estudos etnográficos, desenvolvida justamente para os estudos das relações sociais ocorridas no espaço virtual (KOZINETS, 2002).

O foco da pesquisa etnográfica móvel, assim como todo o método fenomenológico e suas adaptações, é o estudo dos fenômenos que envolvem os indivíduos em sociedade. Ela utiliza os recursos que permitem ao pesquisador registrar sua pesquisa acompanhando de forma móvel o grupo pesquisado. Os dispositivos utilizados na etnografia móvel, inicialmente, eram câmeras e gravadores de vídeo; atualmente são os *laptops*, telefones celulares e *tablets*, todos conectados a redes wi-fi. Muskat et al. (2013) apontam um fator peculiar entre os pesquisadores etnográficos, ressaltando uma evolução nas pesquisas com o auxílio das tecnologias móveis, “enquanto os etnógrafos clássicos viajavam para locais distantes para participar do destino da sociedade na vida cotidiana para coletar dados, etnógrafos modernos usam a tecnologia moderna para ficar sob a pele do

grupo-alvo”³⁷ (2013, p.59). É um procedimento no qual o pesquisador torna-se uma “sombra” do grupo ou objeto pesquisado (JIRÓN, 2011).

O fundamental desta metodologia está em compreender as experiências de mobilidade vivida pelos grupos e pelos indivíduos e qual os reflexos destas na comunicação e interação social. Sabe-se que o ponto fundamental se constrói pelo uso das tecnologias móveis e sua capacidade de amplitude das vivências móveis cotidianas nas cidades. Por isso, a etnografia móvel está aqui embasada na fenomenologia, pois interessam os contextos, os fenômenos que esta conjuntura representa na sociedade atual. Este fator é de tal importância para as pesquisas das mobilidades, que Jirón (2011, p. 37) aponta “a investigação sobre mobilidade precisa examinar as experiências de práticas de mobilidade, isto é, a maneira como as pessoas promulgam, experienciam e dão sentido às mobilidades na maneira de preparar, encarnar e construí-las diariamente”³⁸.

O Paradigma das mobilidades é a base para se compreender as características da comunicação móvel. Por meio dos estudos de grupos efêmeros que aliam conexões virtuais e físicas, é possível compreender que redes sociais móveis se desenvolvem a partir dos interesses em assuntos e territórios em comum que rapidamente se desfazem na fluidez permitida por este fenômeno móvel. A etnografia móvel, apropriada para os estudos da comunicação, deve partir do estudo das conexões entre o tripé formado pelos indivíduos, os territórios e os dispositivos e como eles se entrelaçam para que os estudos do movimento se tornem possíveis. Novoa (2015) complementa que esta perspectiva etnográfica apoia-se numa dimensão teórica e prática da mobilidade, realizadas de forma simultânea. Ela estuda o imediatismo dos fenômenos, a importância do “estar lá”.

Autores como John Urry, Monika Büscher, Katian Witchger entre outros, vêm buscando desenvolver aportes metodológicos que auxiliem os pesquisadores a trabalhar com pesquisas que envolvam as diversas formas de mobilidades. Diante

³⁷ While classical ethnographers travelled to distant locations to participate in the target society’s everyday life to gather data, modern ethnographers use modern technology to get under the skin of the target group.

³⁸ Research on mobility needs to examine the experiences of mobility practices, that is, the way people enact, experience and give meaning to mobilities in the way they prepare, embody and construct them on a daily basis.

do século XXI, onde a mobilidade é um dos focos de desenvolvimento tecnológico e cada vez mais vem influenciando no contexto social, é necessário que se revise metodologias novas que permitam acompanhar os fenômenos móveis.

Além disso, as tecnologias possibilitam novas formas de nomadismos que podem se referir aos espaços e às relações sociais dos indivíduos, e com isso permite que os mesmos dêem novos sentidos aos locais e às relações com outros na formação dos grupos, que são o foco desta perspectiva etnográfica móvel. As diversas manifestações sociais que ocorreram no mundo (Tunísia, Islândia, Madrid, Brasil, Hong Kong, entre outros), em países diferentes, foram unidas pelo contexto da mobilidade de comunicação e informação formando territórios informacionais que se conectaram entre si. Uma reação, quase que em cadeia, se firmou entre indivíduos que tinham em comum não apenas a possibilidade de participar de um momento político importante em seus países, mas possuíam também a ferramenta para que uma ampla conexão acontecesse. O empoderamento na propagação de conteúdo que a mobilidade tecnológica trouxe aos indivíduos formou um grande grupo com interesses em comum.

Outros casos, como as *smartmobs* e *flash mobs* (RHEINGOLD, 2002) - encontros de grupos em função de um propósito comum que se dispersam rapidamente depois do objetivo almejado - são importantes exemplos de agrupamentos que fazem parte deste fenômeno móvel e que merecem um estudo de suas práticas dentro da cultura da mobilidade, assim como exemplos mostrados com as redes sociais móveis.

Esta metodologia se torna importante pelo fato de estudar outro tipo de fenômeno de sociabilidade tornando fundamental uma leitura do contexto cultural e social do período em que se propõe tal estudo. O que se pretende é contribuir como uma perspectiva metodológica para estes tipos de pesquisas que ultrapassam a comunicação mediada pelo computador, pois são relações tecidas de forma diferenciada. Segata (2014) destaca que a rede tecida, construída é um resultado e não um dado, pois, a descrição de uma rede é uma maneira de dispor os rastros deixados por atores no curso de suas ações. É como seguir os conteúdos deixados como rastros nos espaços híbridos que estão em plena mobilidade. Novoa (2015, p.

100) define etnografia móvel pela sua “observação-participante móvel com um foco particular em fenômenos móveis”.

O imediatismo, as experiências sensoriais, de movimento e espaciais, cresceram com o rápido desenvolvimento da internet. Urry e Scheller (2006) reconhecem que ela se desenvolveu mais rápido que outras tecnologias, o que gerou impacto mundial, possibilitando viagens virtuais, além de ser ampliada significativamente pelo uso dos telefones móveis. Neste ponto eles salientam algo fundamental para entender o contexto móvel na atualidade: essa tecnologia “aparece especialmente para envolver novas maneiras de interagir e comunicar em movimento, de estar em um sentido presente enquanto aparentemente ausente” (2006, p. 207).

A possibilidade de pesquisa se amplia a medida que as próprias pessoas, grupos passam a participar do processo. A adoção de um método que permita interpretar o movimento permite uma maior colaboração, já que as novas tecnologias possibilitam novas formas de coordenação de pessoas, reuniões e eventos, demonstrando outras formas de movimentos refletidos nos espaços. Portanto, o espaço e o percurso são pontos importantes de investigação.

Deve-se destacar que a etnografia sempre proporcionou viagens difíceis. Os etnógrafos, por concepção, estão sempre em mobilidade, acompanhando o grupo durante a pesquisa, nos grupos e comunidades, desde Malinowski o movimento é parte da vida do pesquisador ao observar as questões culturais envolvidas á particularidades dos grupos e seus territórios próprios. Estudiosos dos métodos móveis na atualidade (URRY, SCHELLER, 2006; NOVOA, 2015) questionam-se, dada a importância da mobilidade para o pleno desenvolvimento etnográfico, sobre o motivo pelo qual apenas recentemente, cerca de dez anos, a terminologia móvel foi aderida ao termo etnografia. É o que Novoa critica:

[...] por que é só agora a etnografia móvel, como um conceito, veio à tona? Por que se tornou necessário fazer a palavra móvel explícita, em vez de implícita? A evidência sugere que isso tem a ver com o fato de a própria mobilidade ter apenas, recentemente, dada atenção como um conceito fundamental das ciências sociais e ciências humanas - ou seja, com a ascensão do chamado "novo paradigma das mobilidades" (NOVOA, 2015, p.98).

A proposta de um paradigma das novas mobilidades se traduz no desenvolvimento de novas possibilidades de movimento que se destacam ao longo dos anos. Scheller e Urry enfatizam-nas como uma justificativa do motivo de propor um estudo que não esteja apenas centrado nos impactos e efeitos da mobilidade na vida das pessoas e dos países. Eles propõem o estudo do movimento que leva a estes processos e, então, obviamente, as consequências dessa mobilidade serão refletidas no contexto social, mas o seu processo em si carece de estudos e pesquisas. “Etnografia móvel está praticamente e epistemologicamente ligada à mobilidade. Isto é o que a diferencia de outras abordagens do trabalho etnográfico” (NOVOA, 2015, p.100).

Isso ocorre, pois vivem-se outras formas de mobilidades nas quais tudo se movimenta, migra, circula e se conecta. Há a possibilidade de uma etnografia em que se possa explorar a experiência sinestésica, na qual o corpo e os sentidos interagem cada vez mais com as tecnologias móveis, onipresentes, em um ambiente que assume um papel enquanto personagem e que cria novas sensibilidades permitindo, assim, novas apreensões e apropriações dos espaços. Portanto, trazem-se, aqui, as palavras de Vergunst (2011) para afirmar o ponto central desta metodologia e sua importância de pesquisa não apenas para o grupo, mas para o pesquisador: “a questão central [...] é como uma metodologia etnográfica pode capturar e evocar estes tipos de movimentos e os significados que têm para as pessoas que os executam” (VERGUNST, 2011, p.205).

Outro fator importante para as pesquisas é reorganizado por este tipo de metodologia: “a etnografia móvel também alivia um conjunto de questões éticas complicadas relacionadas à privacidade” (NOVOA, 2015 p 103). Acompanhar a trajetória de um grupo durante uma ou duas semanas não é o mesmo que estar presente durante um período de três ou mais meses. Novoa (2015) ressalta que esta é uma estratégia que torna possível esta forma particular da pesquisa etnográfica. É a possibilidade de estudar as rotinas e ritmos do pesquisado durante o trabalho de campo do grupo em movimento, por um período reduzido, porém bem aproveitado de tempo.

É importante salientar que a mobilidade não surge como estudo com as possibilidades de conexões via internet, mas a compreensão de como essa mobilidade se caracteriza hoje é o que diferencia estas novas propostas de estudo. Cada período tem suas formas de estudar os tipos de mobilidades existentes. Vergunst (2011) descreve a experiência etnográfica a partir das tecnologias que cada época proporciona para que uma cultura seja pesquisada. Ou seja, a importância de estudar os grupos a partir do que fazem com a tecnologia que possuem. Os recursos tecnológicos disponíveis na época da pesquisa influenciam totalmente o registro e os estudos a serem definidos. Vergunst (2011) enfatiza que os etnógrafos estão sempre em busca de novas formas tecnológicas de realizar a pesquisa, devido ao fato de que com o passar dos anos as ferramentas utilizadas passam a ficar obsoletas.

Livros com técnicas etnográficas vão se tornando ultrapassados em relação às tecnologias aplicadas às pesquisas. Cada cultura tem seu tempo e espaço. “O que nós registramos é, de fato, certamente influenciado pela tecnologia que usamos para gravá-la” (VERGUNST, 2011, p. 207). Esse ponto é importante, pois aponta que cada época e período social pesquisado têm suas próprias características, além da cultura, com ela também se modificam as formas de pesquisa, as ferramentas que permitem ao pesquisador observar tal comunidade ou grupo. O autor ainda enfatiza que os etnógrafos sempre foram entusiastas de novas formas de utilizar a tecnologia nas pesquisas de campo, o que permite uma evolução na compreensão das práticas culturais. Atualmente, a internet é uma das importantes possibilidades na pesquisa etnográfica, pois encurta as distâncias entre pesquisador e informante, bem como a possibilidade de acesso a outros tipos de informação disponibilizadas em rede (VERGUNST, 2011).

A particularidade de cada período histórico é também o foco de Merriman (2014) ao apontar que os métodos surgem no momento em que várias formas de mobilidade e comunicação passam a emergir, incitando novas técnicas de pesquisa para a compreensão destes significados na sociedade. Ele concorda que:

existem claramente boas razões para que um investigador possa querer adotar qualquer número, performance, técnicas etnográficas de participação que lhe permita mover-se juntamente com, estar com, ou sentir com os seus sujeitos de pesquisa” (MERRIMAN, 2014, p. 175).

São questões ordinárias e mundanas do cotidiano que inspiram pesquisadores nos mais diversos campos. No entanto, Merriman (2014) discorda de Vergunst (2011) em relação ao entusiasmo referente ao Paradigma das mobilidades. Ele admite que o Paradigma gera nas ciências sociais uma perspectiva metodológica e teórica alternativa, mas propõe que se revise os métodos anteriores já consagrados, pois segundo Merriman (2014), os métodos móveis estão associados à meras questões tecnológicas.

Vergunst (2011) concorda que os objetos não estão dissociados do movimento, há uma questão que interfere na *affordance* deste objeto para definir a qualidade que ele possui e para que tipo de mobilidade ele se propõe. Mas, ressalta que em relação ao movimento deve-se pensar na qualidade do objeto e o que ele possui que permite a configuração do movimento em si, o que leva a outros olhares de pesquisa. Para Vergunst (2011) a mobilidade não é uma multiplicação de instantes, e que se pode descrever o movimento em relação ao mundo circundante. Portanto, é necessária uma observação direta a partir da ótica do movimento e seus significados para as estruturas sociais. Ele aponta a internet como uma das possibilidades que mais garante a validade dos dados observacionais, o que proporciona novas oportunidades de pesquisas locais e globais, além disso amplia o contato com informantes que estejam próximos ou mesmo distantes.

Merriman (2014, p. 170) assume que “a proliferação de telefones móveis, computação vestível e Sistema de Posicionamento Global (GPS) são tecnologias relativamente recentes, que possibilitam novas práticas e padrões de mobilidade e comunicação a surgir”. Quando ele propõe repensar os métodos móveis ele se refere a outras práticas de mobilidade já preestabelecidas há muito tempo na sociedade - mesmo mudando algumas peculiaridades com o passar dos tempos.

A discussão entre a validade da etnografia móvel como metodologia diretamente aplicada aos estudos da mobilidade ainda está em fase embrionária, o que permite que a própria prática, o empírico da metodologia, mostre as suas particularidades e seus pontos positivos e negativos para sua aplicação nos estudos voltados ao processo comunicacional. Como se viu, cada novo método e/ou metodologia que surge para tentar refletir sobre questões de um fenômeno

específico tende a sofrer os impactos dentro de seu campo de estudo. Com a etnografia móvel aplicada à comunicação, a principal preocupação é que a autoridade etnográfica seja colaborativa, ou seja, dada a importância devida aos indivíduos do grupo pesquisado como participantes na construção da prática etnográfica. A etnografia móvel não é uma metodologia totalmente programável, ela depende das experiências daqueles que se movem, além de ser um campo interdisciplinar que traz consigo elementos que envolvem diversos aspectos dos grupos em redes de conexões. Para tal, Vergunst (2011, p. 216) enfatiza “cada viagem cria um tipo de sociabilidade e uma contínua recreação da forma social”.

O etnógrafo da mobilidade tem de explorar os fenômenos móveis. Como aplicar, pensar e fazer são o foco da proposta deste tipo de abordagem. Com as tecnologias móveis, a comunicação altera a geografia da rede de conexão dando suporte a novas práticas e padrões de mobilidade. Com estas tecnologias, há o movimento em si e não uma sensação de mobilidade, o que gera uma manutenção da relação entre os ambientes e as pessoas. Portanto, compreender as práticas móveis parte das experiências qualitativas vividas pelos grupos em rede. Estas experiências serão diferentes umas das outras, mesmo estando em um mesmo grupo, pois os rastros deixados em espaços híbridos serão somados uns aos outros, permitindo a co-presença destes indivíduos. Nesse ponto, é importante destacar que nem tudo se move com a mesma intensidade, cada movimento realizado tem qualidades diferentes. D'Andrea et al., destacam bem este ponto:

[...] mobilidades merecem ser examinadas na sua própria singularidade, centralidade e determinação contingente, como elas podem desestabilizar e recodificar formações sociais e naturais de uma forma que não pode ser devidamente compreendido através das lentes da (sedentária) teoria social clássica (2011. p.150).

Reforçando a importância da etnografia móvel, D'Andrea et al. (2011) apontam que os avanços teóricos e empíricos das mobilidades não foram acompanhados de avanços metodológicos de investigação. Os autores enfatizam que há uma mudança emblemática na pesquisa social, o que marca o movimento em um espaço de fluxos. Isto demonstra a necessidade de pesquisa em vias de um

mundo global e local imbricado (CASTELLS, 1999; APPADURAI, 1996). Este processo define-se em três pontos entrelaçados nas ciências sociais: “virada global”, “virada móvel” e “virada espacial” (D’ANDREA ET AL., 2011, p. 150). Os autores propõem o estudo das mobilidades partindo de um nível micro ao macro. Neste caso, referem-se aos processos econômicos, sociais e estruturais que partem do estudo dos fenômenos às estruturas sociais. São novos desafios colocados pelas mobilidades que surgem com o impacto do movimento nos mais diversos setores da sociedade, assim, “[...] entre as grandes narrativas da mobilidade e aplicações específicas de métodos de móveis, encontra-se uma lacuna que exige articulação sistemática” (D’ANDREA ET AL., 2011, p.156).

Büscher et al. (2011), na obra *Mobile Methods*, trazem exemplos de diversas possibilidades de pesquisa relacionadas às mobilidades e imobilidades que contextualizam de forma corrente a vida contemporânea. Basicamente a obra enfoca em todos os aspectos o método etnográfico, pois retrata uma forma de ver, observar e ouvir o que se passa em relação ao movimento do objeto pesquisado em suas mais diversas formas. Esta é uma perspectiva que remete a importância da etnografia para o estudo do movimento. Além de salientar que as formas de pesquisa devem acompanhar o objeto e, portanto, precisam acompanhar o movimento. Diante deste quadro, a etnografia móvel foi realizada com diversas ferramentas de pesquisa para entender a mobilidade de ideias, objetos, pessoas.

As técnicas de pesquisa, ou mais precisamente, ferramentas de auxílio em busca da observação do movimento destacam-se por trazer consigo um mesmo ponto importante das mobilidades: a interdependência. Assim como as mobilidades estão cada vez mais interdependentes, entende-se que utilizar apenas um aporte metodológico seria renegar uma vasta possibilidade de investigação. Por isso a preocupação com uma diversidade de métodos que se encaixem na pesquisa relacionada às mobilidades permite que o pesquisador se insira cada vez mais no interior do fenômeno estudado. Os estudos relacionados ao movimento dependem muito da ocasião dos processos, isso amplia a possibilidade de uma abordagem etnográfica multilocalizada que busque aclarar os reflexos que esta forma de sociologia orientada pelo movimento causa na sociedade, principalmente quando um objeto passa a aumentar seu valor conforme o grau de mobilidade.

4.4 ETNOGRAFIA MÓVEL E OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO

Os estudos que abordam as questões relacionadas à mobilidade tecnológica possuem desafios que vão além da busca de referenciais teóricos e observações de como se pode estudar o movimento realizado por pessoas, ideias e/ou objetos. Um dos principais está em uma metodologia adequada que dê conta de compreender o processo a partir do viés dos estudos da comunicação. Ao propor uma etnografia móvel para a compreensão da mobilidade nos estudos comunicacionais, parte-se da relação entre as tecnologias móveis, seu uso pelas pessoas e a fluidez de territórios conectados. A geografia das redes de conexão é alterada por um acesso contínuo, o que modifica constantemente o território informacional que liga os grupos.

Os agrupamentos da sociedade atual se diferenciam daqueles estudados no final dos séculos XIX e XX pelos etnógrafos da época. Naquele tempo estudavam-se as comunidades únicas, contínuas que poderiam ser descritas pelos seus hábitos e costumes locais. Atualmente, os estudos relacionados às comunidades estão cada vez mais centrados em agrupamentos que possuem como características a efemeridade e fluidez das relações e dos territórios habitados. A comunidade e o território passaram a fazer parte de um contexto móvel.

Com o ciberespaço, as comunidades adquiriram maior mobilidade, o que possibilitou aos grupos transitarem em um espaço diferenciado. A etnografia virtual é uma metodologia que possibilita os estudos destas mobilidades em redes digitais. No entanto, há uma reorganização atual que une as conexões virtuais e o espaço físico das cidades como pontos de encontro e formação de grupos. A mobilidade tecnológica difundida no cotidiano pelas tecnologias móveis, e utilizada pelas pessoas em uma conexão em tempo real passa a causar um impacto significativo no processo comunicacional e informacional entre os indivíduos e os espaços sociais, desfocando o movimento dos grupos apenas no ciberespaço.

Esse processo gera uma camada paralela de conexão e informação entre os espaços virtual e físico, deixando rastros digitais por toda parte. Estes rastros são móveis, alteram-se, e quanto mais se espalham, mais se conectam uns com os

outros. Este fenômeno somente pode ser visto e vivido em uma cultura da mobilidade. Em outros momentos culturais, a possibilidade de encontros de grupos dentro deste contexto seria impossível, pois havia uma delimitação entre os espaços de interação. A partir deste outro momento cultural, novos sentidos e experiências são realizados alterando a percepção dos indivíduos em suas relações com outros e com os territórios, o que vem culminando na formação de novas formas de agrupamento social. Parte-se, assim, para uma proposta de compreensão destes fenômenos por meio de um estudo etnográfico que compreende a mobilidade como um processo e que influencia diretamente a cultura e o cotidiano social.

É por compreender que atualmente se vive em um contexto cultural diferenciado que se propõe um outro viés dos estudos etnográficos, focado nas conexões comunicacionais geradas pela mobilidade das tecnologias em novos e amplos territórios informacionais. Os agrupamentos desenvolvidos em uma cultura móvel se constroem com a rapidez na qual se desconstroem ocupando os territórios das cidades e agregando a eles significados. Ao propor esta metodologia como estudo quer se dizer que é necessário compreender este novo fenômeno cultural por meio das experiências das pessoas em mobilidade durante o processo comunicacional.

4.4.1 Quadro metodológico: as tecnologias móveis e a comunicação

As tecnologias são fundamentais para a realização de uma etnografia móvel aplicada aos estudos comunicacionais. A internet, a comunicação sem fio e aos sistemas de localização consciente (GPS), todos reunidos em um dispositivo formam tecnologias que promovem o movimento e também são instrumentos que permitem a pesquisa etnográfica das mobilidades.

Como se viu, o espaço torna-se um espaço social híbrido e altera as percepções das relações entre os indivíduos e a cibercultura, ampliando as possibilidades de estudo desta cultura relacionada ao Paradigma das mobilidades que traz uma observação em relação à cultura do homem em movimento com o seu dispositivo tecnológico como forma de ampliar e mapear as relações com os demais e com o espaço. Canevacci (2012, p. 254) aponta que a associação entre as

tecnologias e os espaços acelera, além de possibilitar fluidez e horizontalidade, as relações entre espaço-tempo. Isto potencializa o processo de ubiquidade tecnológica vivido pelos indivíduos em uma cultura da mobilidade. A ubiquidade dos dispositivos promove uma “libertação descentrada de espaços e tempos” (CANEVACCI, 2012).

Em relação às tecnologias, a relação da mobilidade com a ubiquidade torna possível a capacidade de estar em diversos lugares ao mesmo tempo, no sentido de as pessoas e/ou objetos estarem concomitantes em espaços conectados. É uma relação com a qualidade, o *affordance* de um espaço híbrido onde perpassam as comunicações atualmente. Esta ubiquidade tecnológica está interligada à mobilidade, pois é ela que possibilita o deslocamento e as amplas conexões entre os indivíduos e os territórios informacionais, nos quais as cidades e seus movimentos fazem parte.

Para Canevacci (2012), a etnografia une elementos do espaço, conecta várias identidades que podem ser observadas por meio deste tipo de investigação. Segundo ele há uma rota formada por uma rede orgânica denominada de *body-corpse* (corpo-cadáver), um misto de vivos e mortos - corpos e objetos. Por este processo de conexão e hibridização ele aponta a necessidade de uma reconfiguração da etnografia tratando das questões da ubiquidade, na qual a identidade do próprio pesquisador é alterada conforme os diferentes contextos, realizando diversas metodologias em áreas glocais (intersecção entre o global e o local). Com a ubiquidade, as coordenadas espaço-tempo estão em movimento contínuo em relação aos processos comunicacionais. Canevacci (2012) é bastante enfático em salientar que não só o pesquisador, mas o pesquisado, ou seja, o indivíduo se torna multi, multividual, e passa a multiplicar identidades temporárias. A etnografia é um padrão que conecta espaço e tempo, na qual o próprio espaço torna-se performativo e o etnógrafo deve estar atento aos processos sensoriais. Como ele vê todo o processo sob a perspectiva da ubiquidade, denomina estas novas formas de fazer pesquisa de etnografia onipresente ou etnografia ubíqua. “A ubiquidade - cruzando e misturando disciplinas, saberes, espaços/tempos - é uma experiência etnográfica” (CANEVACCI, 2012, p. 259).

Para tal ponto, a internet é uma das possibilidades que mais garante a validade dos dados observacionais, o que proporciona novas oportunidades de pesquisas locais e globais, além disso, amplia o contato com informantes que estejam próximos ou mesmo distantes. Neste tipo de pesquisa torna-se importante observar as relações da vida social com as novas tecnologias móveis, em busca de compreender como os indivíduos fazem uso destas tecnologias no cotidiano de uma forma quase imperceptível. Vergunst (2011) em sua pesquisa sobre a influência das tecnologias na etnografia atenta para o fato de que cada vez mais as tecnologias visuais, com o desenvolvimento de câmeras e - no caso atual de câmeras “acopladas” às tecnologias móveis de uso cotidiano - proporciona uma etnografia visual amplamente acessível. Este ponto ultrapassa as questões meramente técnicas, chegando a influenciar as formas nas quais o pesquisador observa um grupo que utiliza estes artefatos no dia a dia como uma extensão de seu próprio olhar.

São estas experiências cotidianas diante dos fenômenos móveis – e ubíquos - que promovem a simultaneidade interacional entre dispositivos e indivíduos “é uma experiência estética de códigos flutuantes fragmentados entre metrópole e tecnologia” (CANEVACCI, 2012, p. 256). Estas vivências são o foco da pesquisa etnográfica que estuda os processos comunicacionais e sua relação com a mobilidade tecnológica. É de suma importância repensar os processos de coleta de dados e verificação dos significados culturais que fazem parte das relações que os indivíduos possuem cotidianamente com a cultura digital. As experiências individuais somadas aos grupos sociais unem-se nestes espaços híbridos. Canevacci (2012, p. 256) salienta que “uma etnografia aplicada para a cultura digital tem de modificar conceitos, paradigmas, trabalhos de campo, metodologias e escrita”, portanto deve-se ver o processo por uma outra ótica, mudar o paradigma, também modificar ou acrescentar novas formas de observar os contextos. A situação do pesquisador e do pesquisado é de uma copresença durante a experiência de campo. Por isso, identificar as tecnologias que promovem a mobilidade tecnológica em relação aos processos comunicacionais é fundamental para entender essa simultaneidade.

Além disso, é possível observar que a mobilidade está atrelada às relações de status e poder (SHELLER; URRY, 2005), portanto, quanto mais acesso as

ferramentas, comunicacionais neste caso, maior serão as conexões disponíveis ao indivíduo.

4.4.2 Os sistemas de navegação por satélite

O contexto para entender as mobilidades parte das tecnologias móveis e um dos grandes pontos que possibilita compreender o movimento e a hibridização entre os espaços virtual e físico são as tecnologias de localização consciente (location-aware), referenciadas no cenário atual principalmente pelo GPS (Sistema de Posicionamento Global) que compõe os dispositivos móveis.

A localização consciente é a forma na qual se vivencia atualmente as chamadas tecnologias de presença (presence technology), ou seja, tecnologias que tornam possível localizar e identificar um dispositivo móvel assim em que este se conecta a rede. É possível buscar a localização de um dispositivo por meio de três métodos: pelo sistema de navegação via satélite; pela triangulação da torre de celular ou pelo acesso de mídia MAC address³⁹ (Media Access Control) do dispositivo.

O foco de observação será no uso do sistema de navegação por satélite (sat-nav) principalmente em telefones celulares, o que torna possível o processo de localização consciente dos indivíduos nos espaços. Este sistema possibilita o reconhecimento do local e o posicionamento do indivíduo ou de qualquer objeto (que possua um receptor) nos espaços físicos, servindo assim, de forma precisa para identificar o movimento. Ele estabelece o posicionamento geoespacial por meio de satélites artificiais. Existem sistemas sendo desenvolvidos pela União Europeia, como o *Galileo* e na China, como o *Compass*, ambos ainda em fase de aperfeiçoamento, ainda não utilizados cotidianamente. No entanto, dois sistemas são referências mundiais em geolocalização, como o sistema russo *Glonass* e, mais popular, o GPS, desenvolvido pelos Estados Unidos da América.

Os sistemas são inicialmente desenvolvidos para fins militares. O *Glonass* foi criado em 1976 pela extinta União Soviética, porém, com a crise econômica e o fim

³⁹ É um endereço físico associado à interface que conecta o dispositivo à rede. Ele é único e usado para o controle de acesso em redes.

da URSS, os investimentos foram reduzidos e somente voltou a ser revalorizado na década de 2000. Atualmente o sistema já possui alcance global e tem sido utilizado como alternativa ao *GPS*, sistema norte-americano. Embora o GPS ainda possua maior alcance global, o *Glonass* é considerado uma opção ao controle da operação deste tipo de sistema por parte dos EUA.

4.4.2.1 O GPS - Sistema de Posicionamento Global

Em função de seu amplo desenvolvimento, o GPS tornou-se um dispositivo de baixo custo e praticamente já está inserido no contexto social das pessoas, pois faz parte da telefonia celular de última geração. Para ilustrar de forma didática seu funcionamento em telefones celulares, traz-se um infográfico produzido pelo jornal O Estado de S. Paulo de 18 de janeiro de 2010 que mostra em detalhes ilustrativos como esse dispositivo funciona no dia a dia:

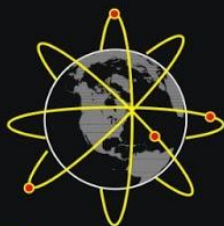
SAIBA COMO

Como os eletrônicos sabem onde você está?

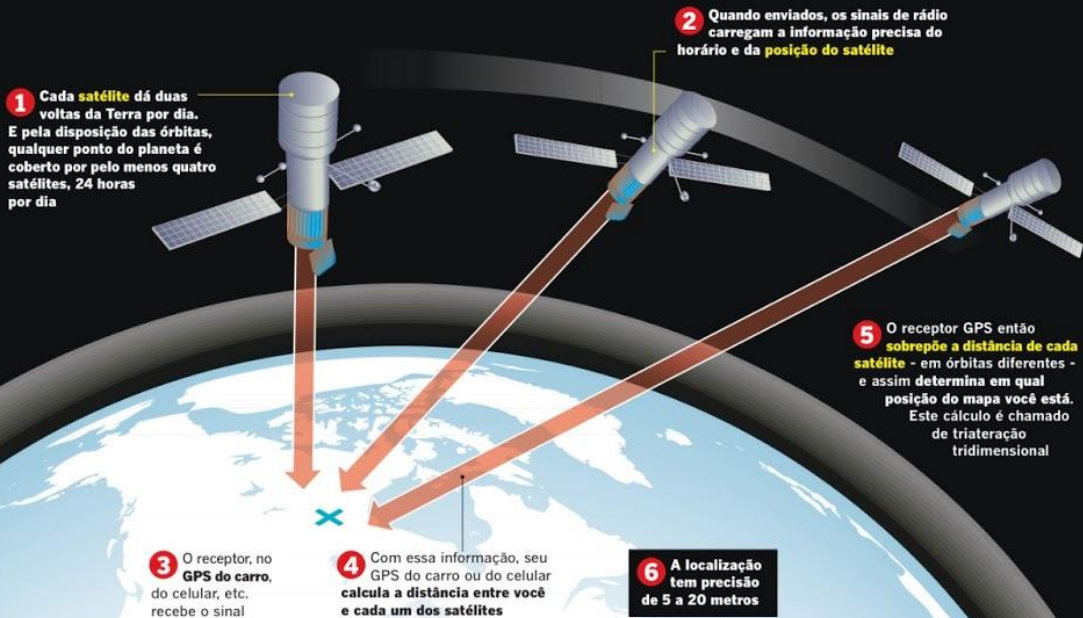
A localização está tomando conta dos gadgets. Celulares, carros e até computadores em pouco tempo irão determinar o serviço que você precisa de acordo com a sua posição no mapa-múndi.

GPS

O Sistema de Posicionamento Global (GPS, na sigla em inglês) foi desenvolvido e é controlado pelo governo dos Estados Unidos

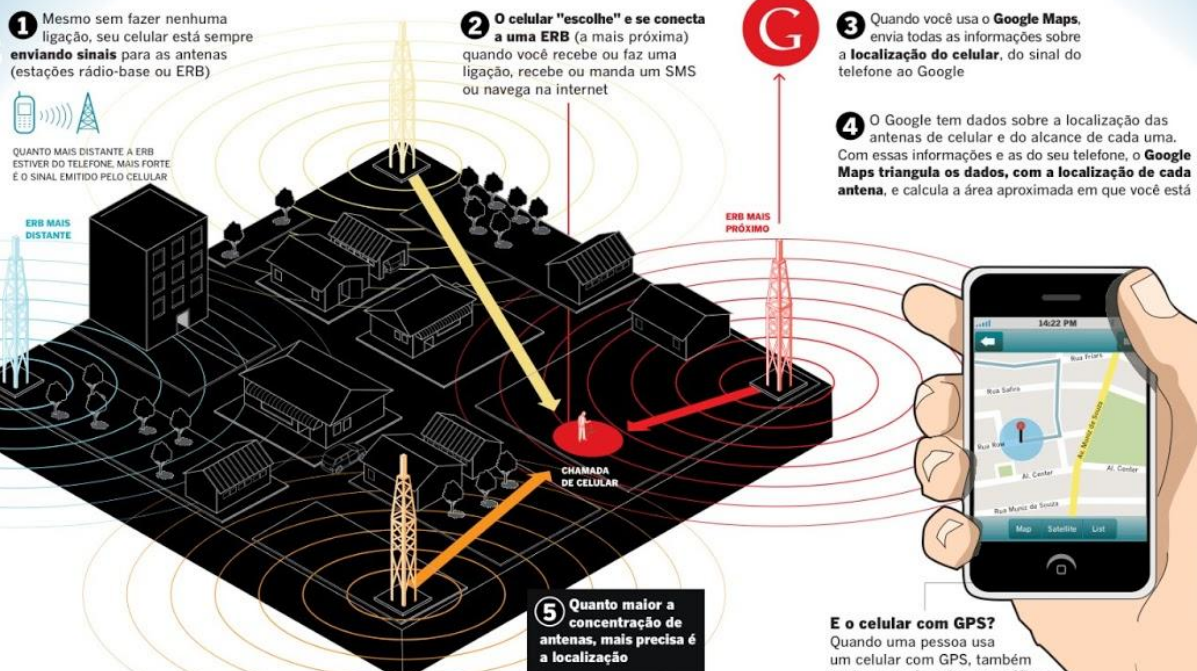


24 satélites orbitam a 19,3 mil quilômetros da Terra enviando sinais de rádio para a superfície



PELAS ANTENAS DE CELULAR

O sistema, usado principalmente pelo Google Maps, permite localizar qualquer telefone celular, mesmo que ele não tenha um receptor GPS



E o celular com GPS?
Quando uma pessoa usa um celular com GPS, também envia as coordenadas geográficas, além da identificação da antena de celular pela qual está conectado

Figura 14: Infográfico funcionamento do GPS em telefones celulares

Fonte: O Estado de S. Paulo - Infográfico⁴⁰

O infográfico baseia-se em serviços de geolocalização como o Google Maps, mas atualmente diversos sites, redes sociais e outros serviços utilizam essa possibilidade enquanto agregador e potencializador de informações sobre a localização dos indivíduos. Alguns inclusive nascem com essa finalidade inicial como impulsionadores de redes sociais na internet.

Estes tipos de aplicações de localização consciente permitem que informações virtuais sejam agregadas ao espaço físico permitindo por meio de telefones celulares e redes de acesso à internet sem fio que qualquer indivíduo, munido destes dispositivos, possa compartilhar em rede onde está. Essas informações além de possibilitar encontros entre amigos ao compartilhar a localização em sites de rede social, pode ampliar as ações de marketing, pois agrega aos locais (restaurantes, lojas, estádios de futebol, feiras ecológicas, etc) informações importantes que podem partir diretamente do local e que por meio da fomentação de conteúdo informativo e compartilhado por parte do usuário pode gerar novos recursos de publicidade e propaganda.

Como a informação é agregada aos locais, o jornalismo é também uma área que se beneficia destes dispositivos. A possibilidade de construção de mapas dos acontecimentos na cidade desenvolvidos potencialmente pelas pessoas que frequentam os locais é apenas uma das formas colaborativas de construção de notícias atualmente. O Projeto *Onde fui roubado*⁴¹ serve para ilustrar e mostrar como essa colaboração é importante:

⁴⁰ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20100118-42461-nac-49-inf-l3-not>

⁴¹ Disponível em: <http://www.ondefuirobado.com.br/porto-alegre/RS>

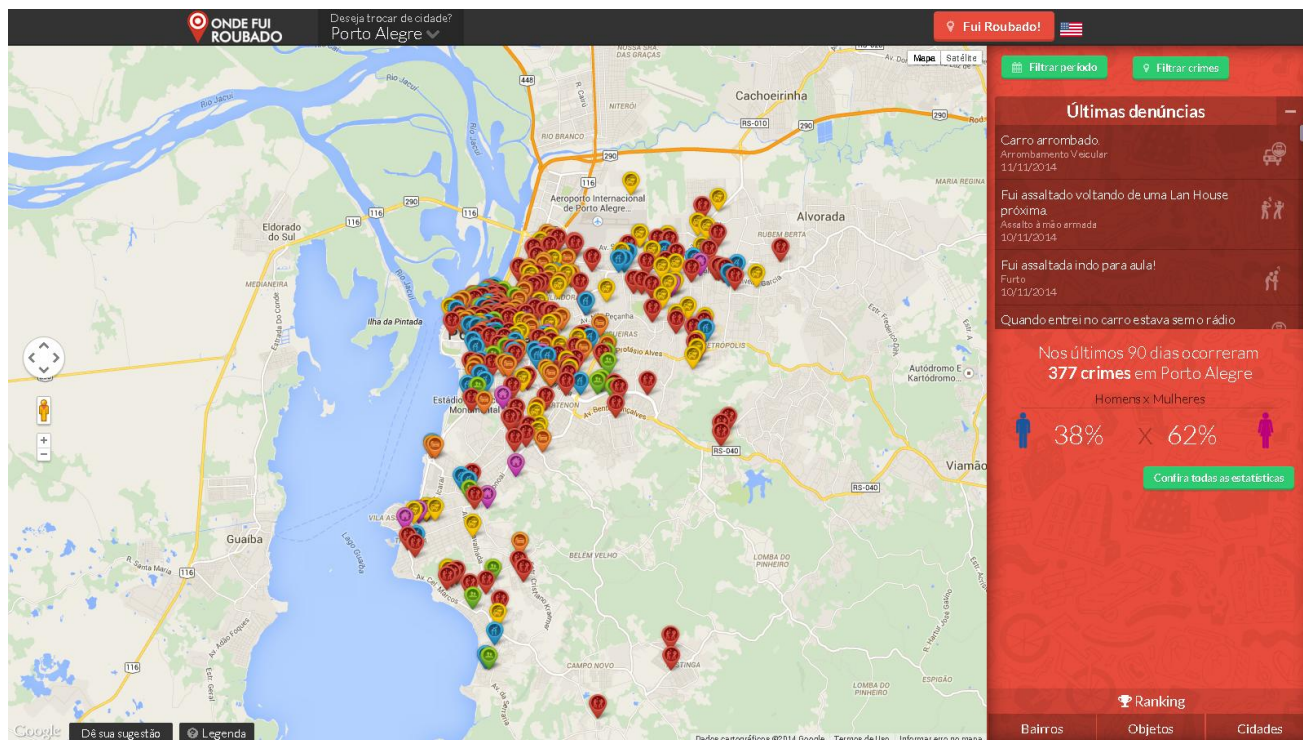


Figura 15: Projeto Onde fui roubado

Fonte: Site do Projeto⁴²

Este é apenas um exemplo de ambiente on-line com informações mapeadas de acontecimentos em espaços físicos. A plataforma é construída coletivamente pelos indivíduos que sofreram algum tipo de crime nos locais da cidade, e é uma das mais populares neste segmento com mais de 30 mil acessos diários. *Onde fui roubado* foi desenvolvido por dois estudantes e, além do mapa, mostra estatística e *ranking* de objetos roubados em tempo real. Este caso serve como exemplo de que as informações mapeadas e compartilhadas na rede podem gerar e ampliar processos colaborativos entre os indivíduos. Os locais são fundamentais para que as informações sejam referenciadas do ponto onde surgiram. Estas plataformas tornam-se importantes fontes de notícias para os jornalistas.

O movimento dos indivíduos pelos espaços urbanos gera experiências. Isto não é nenhuma novidade e faz parte do ser humano enquanto ser social. O que nos pontua uma diferença é que antes estas experiências eram apenas compartilhadas com um ciclo próximo de amigos ou conhecidos e muitas vezes, com ninguém por

⁴² Disponível em: <http://www.ondefuiroubado.com.br/porto-alegre/RS>

tratar-se de algo cotidiano como o caminho para o trabalho, ou o exercício de corrida matinal. O que era vivido naqueles locais ficava unicamente para o registro do indivíduo. Com os recursos dos dispositivos móveis e a localização consciente, estas experiências podem ser agregadas aos locais frequentados por meio das informações deixadas ao publicar nos sites de redes sociais. Quando se registra a mobilidade, deixam-se espalhados rastros pelos territórios.

O GPS pode ser um aliado nas pesquisas com os “walkers”, como ressalta Vergunst (2011). Num grupo de pessoas durante um caminho, muitas vezes depender do sistema pode não garantir bons momentos. Um deles é o problema com o mau tempo que instabiliza a área de mapeamento do GPS, principalmente quando ele é utilizado como mapa e direção. Outro ponto é o papel simbólico (VERGUNST, 2011) que ele obtém quando o indivíduo consegue chegar a algum lugar, ou até mesmo identificar lugares para os outros. A geolocalização é uma forma simbólica de mostrar que um local foi alcançado, “desbravado”, “conquistado”, e que passará a fazer parte da história da pessoa que por ali passou. Vergunst (2011) ainda destaca que muitas vezes no caso do GPS, por exemplo, o que importa na pesquisa etnográfica não é em si o resultado, mas a forma como as pessoas interagem com os objetos e paisagens. Nesse ponto, destaca-se a importância em compreender como as pessoas usam e “vestem” estas tecnologias durante os processos de movimento, apontando para a direção de um outro processo metodológico, o autor destaca “que esta seja a justificação de invocar a tecnologia tanto quanto uma forma de engajamento etnográfico e um tema dentro investigação etnográfica” (VERGUNST, 2001, p.210).

O GPS é utilizado para capturar momentos significativos e intrínsecos aos aspectos relacionados ao movimento, marcando as relações entre ambiente e os indivíduos. Seu uso para identificar um local torna aparente esta relação e auxilia na aplicação de técnicas de estudo que surgem para compreender como estudar a etnografia móvel nos objetos da comunicação social.

4.5. A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA - ETNOGRAFIA MÓVEL NA COMUNICAÇÃO

As relações com as tecnologias móveis referenciadas até aqui podem ser vistas em diversos contextos da sociedade e das vivências cotidianas dos indivíduos. A imperceptibilidade destes processos requer um olhar mais detalhado do uso destas tecnologias enquanto potencializadoras do processo de comunicação e propagação de informações. A forma proposta para esta observação parte da perspectiva etnográfica que vise aclarar estes contextos para que se possa entender a utilização destas tecnologias móveis no cotidiano social. George Marcus (2001) propõe que este estudo seja focado em relacionamentos, linguagem e objetivos das perspectivas dos grupos reunidos em locais, posições e significados culturais diferentes. Esta proposta parte de uma etnografia multilocal (multisituada) - uma etnografia móvel - que abarca o sistema mundo, um sistema que trata do contexto contemporâneo pós-moderno. Esta perspectiva se traduz naquilo que Augé (2010) destaca como um processo de mundialização, também entendido como globalização, um fenômeno de tradução espacial, na qual há uma extensão do mercado liberal e um amplo desenvolvimento dos meios de circulação e comunicação, além de uma consciência planetária ecológica e social. Embora com anos de distância entre as percepções dos dois autores, o que ambos destacam é que esta é uma época de observação da paisagem urbana, da periferia, do centro, de foco nos locais e nas trocas simbólicas entre indivíduos e grupos que fazem parte deste processo.

Marcus (2001) aponta para uma nova onda de pesquisa etnográfica de locais de pesquisa não convencionais, multisituados, na qual o campo de pesquisa é a circulação de significados, objetos e identidades culturais em um tempo-espaço difuso de um novo sistema mundo. Este ponto parte da evolução do objeto de estudo, no qual a abordagem etnográfica acompanha o desenvolvimento deste objeto no sistema mundo. Em um mundo onde tudo parece estar em mobilidade, o objeto se move, e, portanto, o campo e o percurso de pesquisa também se deslocam, instigando o pesquisador a seguir esse novo ambiente.

É importante destacar que existem dificuldades nessa abordagem etnográfica, devido ao fato da etnografia estar convencionalmente voltada ao estudo de comunidades a partir de um único território, com características próprias e território determinado, conquistado. Nesta proposta aborda-se a perspectiva que alia o macro, observando em determinados pontos características globais e, ao mesmo tempo, o micro referente aos significados locais de uma cultura desenvolvida em um espaço mais específico. No contexto atual, estas concepções sociais muitas vezes fazem parte de um mesmo construto cultural.

A partir destes apontamentos, destacam-se algumas possibilidades de execução desta perspectiva de pesquisa etnográfica nos agrupamentos encontrados na sociedade atualmente:

1) Definir os limites da etnografia

Uma das dificuldades é definir os limites de uma etnografia que, como permite a abordagem de estudo em diversos locais, torna confusa essa dimensão. Este é um dos exercícios do etnógrafo: mapear um território a partir de sua proposta de pesquisa. O mapear é um dos objetivos desta perspectiva multilocal, tanto em relação ao movimento, quanto aos locais. A etnografia unilocal ou convencional já vem com o local pré-determinado para a pesquisa, o que difere esta proposta metodológica.

2) Redução do trabalho de campo

Com a etnografia multilocal há uma redução no trabalho de campo comparado ao da etnografia convencional. Devido à mobilidade, nem todos os locais são tratados com a mesma intensidade e possuem o mesmo conjunto de pesquisas. Esta etapa requer oportunidades de conhecer um tipo particular de práticas, partindo do produto de conhecimento de várias intensidades e qualidades. Propõe-se, então, combinar vários locais no mesmo contexto, apenas lembrando que um ponto de dificuldade neste campo de estudo pode ser a acessibilidade.

3) A perda do sujeito subalterno

Com a etnografia multilocal ou móvel, o foco deixa de ser unicamente no sujeito localizado, e no sujeito posicionado pela dominação sistêmica, o denominado sujeito subalterno, subordinado. Este foi um dos centros da etnografia clássica em muitos casos de pesquisa dos sujeitos à margem da sociedade. A etnografia multilocal centra-se em outros domínios de produção cultural que também devem ser observados no contexto atual. Mapeia-se um novo campo no qual as narrativas prévias situam os objetos como resistência na paisagem etnográfica.

Marcus (2001) aponta algumas formas de se aplicar os estudos etnográficos a partir do contexto local móvel, ou seja, algumas etapas que podem ser seguidas na observação do campo estudado:

a) Seguir as pessoas

- Estudos etnográficos sobre a migração são os mais usuais nesse caso, pois, preocupam-se em entender a movimentação de entrada e saída de indivíduos e grupos das cidades. É um estudo relacionado ao deslocamento entre países e locais diferentes;
- Movimento simples de pessoas de um lugar a outro;
- Seguir as pessoas realizando um retrato etnográfico dos sujeitos e suas relações com outros lugares e com seus lugares de origem.

b) Seguir os objetos

- Utiliza-se como campo a circulação de objetos através de diferentes contextos;
- Surgiu nos estudos contemporâneos de arte e estética;
- Tem seus estudos centrados nas áreas das ciências e tecnologias;
- Há uma sensibilidade mais metafórica e material em relação aos objetos que rastreia.

c) Seguir a metáfora

- Seguir o âmbito do discurso, pensamento, circulação de signos, símbolos e metáforas;
- Estabelece relações entre meios visuais e impressos - e digitais - por meio da linguagem.

d) Seguir a trama, a história ou a alegoria

- Campo de estudo etnográfico dos locais a partir das histórias e das narrativas;
- Desenvolvimento de uma inovadora leitura das relações sociais;
- Utiliza-se da memória social como fonte de conexão e associação para estudo de objetos multilocais.

e) Seguir a vida ou a biografia

- Seguir a história de vida é uma maneira de gerar dados etnográficos;
- Revela uma justaposição de locais e contextos sociais diante das expectativas narradas.

f) Seguir o conflito

- Seguir as diferentes partes de um grupo em conflito delinea um terreno multilocal de investigação;
- Os assuntos mais debatidos refletem estas esferas cotidianas e contribuem para o estudo.

g) Etnografia estrategicamente situada (unilocal)

- Serve para entender o sistema em termos etnográficos situados e ao mesmo tempo os sujeitos locais;
- É diferente da etnografia clássica. Entende-se que o contexto é multilocal, mas por estratégia situa-se um local para que seja possível uma comunicação ampla;
- Cabe a este tipo de enfoque entender um fenômeno que explique a sensibilidade entre os sujeitos situados.

Assim, George Marcus (2001) aponta algumas possibilidades de pesquisa de campo da etnografia multilocal ou móvel, os quais servem como guia para tentar compreender as formas possíveis de direcionar os rumos do estudo. São as formas de seguir os movimentos em locais tanto de pessoas, grupos, objetos e símbolos de maneiras estratégicas que se diferenciam daquelas que nas quais se compreendia a etnografia já consagrada por outros autores/pesquisadores. De certa forma, esta proposta não se desvia do âmbito principal da abordagem etnográfica que é a compreensão do cotidiano social. Mas, a partir de uma nova perspectiva, passa-se a compreender que um novo olhar é necessário, e possível, ao perceber os novos rumos tomados com o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Observa-se que, quando Marcus destaca estes pressupostos de pesquisa, ele não trata de uma proposição por meio de uma concepção do desenvolvimento das tecnologias. Sua proposta parte de um sistema mundo que foi desenvolvido pela globalização das cidades e comunidades e dos acessos às comunicações e, desta forma, deixa uma brecha para que seja possível pensar as tecnologias móveis, grandes aliadas neste processo no decorrer dos tempos.

Parte-se então à observação das formas possíveis de ir ao campo de estudo. Algumas direções já estão inseridas dentro de um Paradigma das mobilidades para observação das mobilidades contemporâneas, e que, juntamente aos pressupostos da etnografia multisituada, tornam-se importantes instrumentos para nortear os estudos diante do contexto atual. Marcus (2001) não revela como traçar este mapa, mas indícios da direção. Para tal, serão traçados alguns procedimentos aplicados por pesquisadores contemporâneos dos métodos móveis para que se torne possível

definir um percurso de pesquisa para a etnografia móvel, ou na concepção de Marcus (2001), multilocal.

O livro *Mobile Methods* (2011) organizado por Monika Büscher, John Urry and Katian Witchger, traz formas de pesquisas realizadas na área das mobilidades e seus efeitos na sociedade. Com autores de diversas áreas, o que certifica a interdisciplinaridade deste tipo de pesquisa, traz diversas formas de aplicação e amplo uso de recursos tecnológicos utilizados nos mais diversos objetos de estudo, propondo um outro olhar para as mobilidades contemporâneas. Estas perspectivas serão apresentadas e irão nortear a pesquisa:

1) Observação - Following the things

A Observação é uma técnica de acompanhamento dos “corpos móveis”, objetos que se movimentam por todas as partes. Este tipo de metodologia se utiliza de métodos evidentes ou secretos de “sombreamento”. É semelhante ao *Seguir o objeto* de Marcus (2001), pois também se baseia nas questões da globalização e comércio mundial. Tenta entender as finalidades de movimentação de tal circulação dos objetos e seu valor no deslocamento enquanto significado cultural. Neste ponto há uma questão importante para as técnicas de coleta de recursos comunicacionais que é o uso do *social positioning*, por meio do GPS ao realizar um mapeamento digital. Com esse procedimento pode-se ter noção de tempo-espaco do movimento de objetos e pessoas pelos locais das cidades. O rastreamento é fator determinante para mapear as questões etnográficas que envolvam as mobilidades. Em especial com a Observação pretende-se entender como as pessoas interagem umas com as outras, com lugares e objetos, em relações face a face, ou desenvolvem outra forma de interação.

2) Participação - Walking with

O pesquisador deve participar do processo, imergindo nas formas de movimento observado, podendo revelar suas opiniões e estabelecendo uma relação emocional com o objeto e com o estilo de vida e atividade pesquisada, o que tende

a ampliar suas formas de registro. Neste ponto traz-se, novamente, a questão fundamental de Clifford (2014) referente ao pesquisador como parte do campo de pesquisa etnográfico, não sendo apenas um mero descritor do processo. O mais importante na Participação é o engajamento do pesquisador no processo, na visão de mundo. Há nesta técnica a copresença do pesquisador no movimento estudado. O pesquisador pode participar dos padrões de movimento do grupo e depois entrevistá-los como complemento de pesquisa.

3) Antecipar o seguinte/ Etnografia de vídeo - Anticipatory following/ Video ethnography

É uma técnica de antecipação dos movimentos como a realização de um filme da movimentação das pessoas, suas ações, de como elas interagem com as demais. Os registros audiovisuais do cotidiano são uma importante forma de captar o movimento para entender a utilização dos espaços e como eles são referenciados pelas pessoas. Isto ocorre não apenas em forma de vídeo, mas também por meio de registro fotográfico, tornando-se, assim, uma ferramenta importante para imprimir e demonstrar o significado que os indivíduos apontam aos locais. É uma forma de apontar os rastros deixados através do movimento das pessoas pelas cidades.

4) Diários de tempo-espaço - Time-space diaries

O pesquisador utiliza uma técnica bastante interessante que atribui ao pesquisado a função de ele próprio gravar o que está fazendo no local registrando seu movimento. A forma como isto pode ser feito isto é através de texto, fotografia, áudio, vídeo, e vai depender daquilo que o pesquisador necessite para a pesquisa etnográfica. É o movimento do cotidiano do próprio indivíduo que vai sendo registrado por ele. Estes tipos de diários permitem aos pesquisadores traçarem a mobilidade e execução das atividades do grupo através do espaço-tempo em movimento.

O uso de telefone celular pode ser um aliado como um diário através do correio de voz ou do uso de câmeras, permitindo que indivíduos não interrompam

suas atividades móveis para refletir e anotarem seus atos. Essa informação pode ser registrada no diário audiovisual em movimento. Portanto, nesta proposta há a colaboração direta dos sujeitos da pesquisa.

5) Etnografia multisituada

A etnografia multisituada de Marcus (2001) é utilizada como um método móvel para entender a mobilidade virtual de mensagens de texto, websites, grupos de discussão, blogs, etc. Entende-se que ela é muito mais do que uma técnica, mas ela também pode ser utilizada para entender o contexto entre a intersecção global/local de conexão entre as pessoas como foi realizado na obra de Buscher et al. (2011). Neste contexto, serve como técnica de combinação de experiências etnográficas como forma de rastrear espaços geográficos e sociais entre aqueles que colaboram de forma móvel. É uma possibilidade de estudo das geografias fragmentadas que, em alguns casos, por meio da comunicação e movimentos em espaços virtuais de sujeitos de pesquisa, não estão facilmente disponíveis ao pesquisador. Este tipo de técnica de registro de atividades digitais, em combinação com análise de experiências etnográficas, proporciona uma forma de rastreamento multilocalizado coletivo ou colaborativo com o pesquisado.

6) Intervenções urbanas

A arte e o design se utilizam dos métodos móveis para as intervenções urbanas em busca do movimento da imaginação. Rastreadores de posição, tecnologias sensíveis, jogos baseados em localização e gerenciamento de eventos, são utilizados para observar o efeito social lúdico de participação e repensar as viagens imaginativas.

7) Métodos de posicionamento móvel - Mobile positioning methods

Os telefones celulares são fundamentais para o desenvolvimento desta técnica devido sua capacidade de capturar a posição dos indivíduos nos espaços.

Ela oferece a capacidade de observar o comportamento cotidiano em tempo real, além do deslocamento espacial das pessoas. É utilizada para uma ampla diversidade de pesquisas sociais etnográficas a respeito do movimento diário das pessoas nas mais diversas formas. As pesquisas na área da comunicação, de forma geral, são grandes beneficiárias desta técnica, pois podem entender onde (local), em qual momento, e qual o melhor público para desenvolver suas ações estratégicas. O campo de monitoramento de experiências em mobilidade é uma área em ampla expansão.

8) Capturando atmosfera - Capturing atmosphere

Envolve antecipar ou experimentar o movimento de uma atmosfera. Trata-se do movimento da viagem imaginativa de que Urry (2007) aponta nas formas de mobilidades. É observar a natureza da atmosfera do local a ser pesquisado em busca de desenvolver múltiplos procedimentos qualitativos de movimentos de experimentação e investigação literária, artística e imaginativa.

9) Desempenho de memória - Performance of memory

É uma técnica que entende a memória como um constante processo em movimento. Para entender muitos processos traz à tona a memória, as histórias das pessoas, lugares para recriar um contexto, um novo movimento. As memórias podem assombrar lugares, pessoas, reuniões, e com esta técnica é possível recuperá-las e remontá-las. Em Buscher et al (2011), sugere-se examinar as maneiras que lembretes visuais de pessoas e lugares são amplamente distribuídos em sites de redes sociais.

10) Locais de movimento - Places of movement

Para entender essa técnica, primeiramente, é preciso salientar que lugares reais nem sempre são fixos, podendo ser móveis e dinâmicos. Com sistemas híbridos, os lugares estão em movimento em uma rede de agentes humanos e não

humanos, assim, há a necessidade de uma técnica que estude estes locais em movimento nestes espaços híbridos. Tais sistemas híbridos produzem lugares distintos impulsionando métodos de exame que através da rede e documentos, buscam monitorar e justapor lugares em movimento.

11) Análise de conversação - Analysis conversation

Os discursos e conversas são pontos importantes para entender o movimento das pessoas e os significados que elas atribuem aos movimentos e aos locais que imprimem seus rastros. É uma forma de entender a mobilização de recursos atribuída durante o movimento. Segundo Buscher et al. (2011), este tipo de proposta é importante, pois, serve de ajuda às investigações de como as pessoas alimentam descrições verbais, visuais, cartográficas, gráficas, textuais, bem como informação tecnológica: como coordenadas de GPS; de forma a auxiliar na compreensão de estratégias de mobilidade.

12) Interespaço – Interspace

É a técnica que monitora os rastros deixados pelas pessoas enquanto se movimentam. Trata-se de uma forma de vigilância, policiamento das agências nos territórios. Porém, é mais uma técnica de compreensão de utilização destes espaços seja em mobilidade ou em imobilidade. É o espaço utilizado por algum momento no qual se realiza alguma ação e que, por meio deste procedimento, está sendo monitorado, no caso de uma pesquisa científica, para entender as relações entre indivíduo - espaço - movimento. Essa pesquisa é importante pelo engajamento e inovação social.

Todos estes caminhos apontados dão uma importante configuração de como é possível trabalhar as questões das mobilidades nas mais diversas áreas. As técnicas trabalhadas pelos autores no livro *Mobile Methods* (2011) não são voltadas para os estudos da Comunicação Social, portanto, o que cabe aqui é trazer para o campo esse procedimento metodológico para que ele também possa ser aplicado aos estudos da mobilidade da informação, às tecnologias móveis e suas influências

no cotidiano da interação social, observando sua utilização enquanto meio de comunicação inserido no contexto social.

Cabe aqui salientar que a proposta é demonstrar a possibilidade de aplicação de uma metodologia transformadora para estudos deste porte, que envolvam estudos inter e transdisciplinares, assim como é o mote geral dos estudos da comunicação social. O intuito é desvelar uma noção de que uma etnografia móvel é possível de ser estruturada para os estudos da comunicação quando se trata dos contextos observados em um mundo digital, no qual o local, o espaço físico teve seu sentido reconfigurado por meio desta cultura da mobilidade propagada pelos meios digitais de comunicação. Portanto, acredita-se que este contexto necessita de uma metodologia própria, de um novo olhar, embora salientando que não esta proposta não se distancia dos princípios básicos do viés etnográfico do olhar cotidiano, tampouco deixa de lado a observação da importância determinante do meio de comunicação para os estudos do campo. O que motiva é, justamente, este entrelaçamento de contextos.

Para tal, este estudo se empara em dois grupos distintos pelas suas propostas, mas que estão unidos pelos usos das plataformas de conexão e mobilidade de informação. A plataforma de comunicação que, *a priori*, procurou-se entender estas redes foi o Instagram, e que serviu de base para a pesquisa. Ele é o elo condutor do projeto de estudo etnográfico, mas, não isso não impediu que fossem observados outros sites de redes sociais, caso a pesquisa com os grupos levasse a outras plataformas. Como já foi destaque, a proposta trata de aplicação metodológica, o que permite ir um pouco mais além.

4.5.1. A imagem como experiência da cidade – Por que o Instagram?

O Instagram é um aplicativo de rede móvel que permite ao usuário compartilhar fotografias e vídeos, aplicar filtros e compartilhar em sites de redes sociais. Ele é uma rede nativa móvel criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, e tornou-se popular rapidamente pela facilidade na publicação e compartilhamento de conteúdo, chegando a mais de 100 milhões de usuários em 2

anos. Com o alcance, neste mesmo ano, o Instagram foi comprado pelo Facebook por US\$ 1 bilhão.

A possibilidade de curtir e comentar as fotos e vídeos de outras pessoas transforma o Instagram em um aplicativo de rede social destacável, pois, além da estética fotográfica que atrai outros indivíduos, há a possibilidade de compartilhar imagens também em outros sites de rede social como Facebook e Twitter. Além disso, as *hashtags* são *tags* que foram apropriadas pelos usuários do Instagram de forma considerável. Utilizadas como indexadores potencializam o conteúdo e as imagens publicadas ampliando as conexões entre os usuários.

A geolocalização faz parte do Instagram desde 2012, quando um mapa foi inserido para que as pessoas pudessem associar suas publicações aos locais e, desde então, basta, antes de publicar, adicioná-las ao mapa. A rede móvel é um aplicativo voltado para as questões relativas à mobilidade, sua possibilidade fotográfica de interação entre os indivíduos e os locais. Isso remete a uma rede social móvel na qual há uma conexão direta entre as pessoas e os espaços híbridos. Caso o usuário não queira registrar o local da fotografia, a própria rede o faz e mapeia mostrando seu rastro por meio de registro audiovisual. Este recurso pode ser desativado pelo usuário, mas ele já está pré-disponível pelo aplicativo. O fato de ele ser de fácil utilização e estar para download em telefones celulares também ajuda na potencialização do mesmo, como nas demais redes sociais. É possível seguir os usuários e suas postagens curtindo os conteúdos e, portanto, assim, potencializar uma rede de conexão. Estas redes são móveis, pois além de associadas a espaços de mobilidade, estão totalmente associadas aos locais das cidades. Por isso o Instagram se encaixa nas redes sociais através da publicação de imagens: permite capturar os instantes cotidianos e divulgá-los, podendo utilizar diversos filtros nas fotografias. Os indivíduos podem se sentir como “profissionais” diante dos recursos oferecidos.

A geolocalização, ou seja, a possibilidade de georreferenciar a localização onde o conteúdo é compartilhado é também uma forma de almejar visibilidade perante a rede, além de criar uma espécie de diário de viagem para o usuário do Instagram, pois, por disponibilizar as fotos em um mapa, tende a organizar um roteiro dos locais onde o conteúdo foi postado.

O Instagram pode ser tratado como uma rede social móvel na qual se observa a figura do flâneur, descrito poeticamente na obra de Charles Baudelaire (2001) e apontado por Walter Benjamin (1994) sobre o indivíduo que tinha um prazer em observar as pessoas e seu cotidiano nas cidades. Aquele que caminhava e refletia tentando entender o panorama urbano por meio da paixão que tinha pela cidade e pela multidão. O verbo “flâner” vem do francês e traduzido significa “passear”. O flâneur é aquele que anda pela cidade buscando experimentá-la. Para Benjamin, ele é um produto da vida moderna, do que é transitório e se alimenta desta transitoriedade. É um observador da beleza do fenômeno.

É a partir destes pontos de vista destes fenômenos que se compreende o Instagram. Cada postagem trata-se de um olhar diferente sobre um contexto que é público, mas que tem a particularidade da captação da imagem através do ponto de vista particular. O flâneur de hoje além de experienciar a cidade compartilha esse olhar com a multidão, troca e estabelece conexões por meio desta experiência. A cidade e a multidão se amplificam por meio desta ótica ampliando significados culturais e referenciando espaços antes localizados em espaços híbridos e fluidos pertencentes a uma ampla rede de contatos.

4.6 A COLETA DE DADOS - IFTTT- IF THIS THEN THAT

A partir das propostas de entender estas relações entre os indivíduos e as mobilidades através da comunicação com as novas tecnologias, partiu-se, em janeiro de 2015, para a compreensão de como se davam os fluxos de conexão para tentar explicar as formações de redes sociais móveis nos espaços sociais considerados flúidos, nos quais as pessoas apenas transitavam, e que aparentemente não atribuíam significados por justamente se tratarem de locais de passagem. Este primeiro teste foi feito no Aeroporto Internacional Salgado Filho e na Estação Rodoviária de Porto Alegre. Para tal, utilizou-se como ferramenta de coleta de dados o serviço IFTTT (If This Then That) que possuía a proposta de “colocar a internet para trabalhar para você”. O serviço criado em dezembro de 2010 permite a organização de dados por meio de filtros programados a partir da escolha

do usuário por meio de palavras-chave que serão orientadas à busca em forma de “triggers” e “actions” que conectam diversas ferramentas digitais e aplicações móveis. A proposta principal é automatizar diferentes funções do smartphone. Com isso, o usuário cria uma espécie de roteiro chamado de “recipes” que são acionados com base em outros serviços na web - os canais (Google, Gmail, Instagram, Twitter, entre outros). Para o criador do IFTTT, Linden Tibbets, “[...] a chave para desbloquear o potencial criativo de nossas ferramentas digitais existentes pode ser a construção de um serviço que simplifica e consolida o modo como essas ferramentas podem ser conectadas”⁴³.

O IFTTT funciona da seguinte forma: é necessário criar uma conta para poder gerar os próprios “Recipes”. Em seguida, passa-se à configuração dos “Recipes”. Nesse momento, o “This” possibilita a escolha do canal em seguida do “Trigger”. Os canais são blocos construídos com uma série de dados de outros serviços da web, ou de aplicativos (API).

The screenshot shows the IFTTT website interface. At the top left is the IFTTT logo. To the right are navigation links: "My Recipes", "Browse", "Channels", and a user profile "sandrahenriques" with a dropdown arrow. Below this is a large grey button labeled "Create a Recipe". The main heading "iftthisthen that" is displayed in a large, light blue font. Below the heading, it says "Choose Trigger Channel" followed by "step 1 of 7". Underneath, it reads "Showing Channels that provide at least one Trigger. [View all Channels](#)". There is a search bar with the word "Search" inside. At the bottom, there is a row of six icons: a black square with "500", a green smartphone, a green location pin, a green telephone handset, a green calendar, and a green speech bubble.

⁴³ [...] the key to unlocking the creative potential of our existing digital tools might be to build a service that simplifies and consolidates the way those tools can be connected. Disponível em: <http://blog.ifttt.com/post/2316021241/ifttt-the-beginning>.

Figura 16: Create a Recipe – “This”

Fonte: site IFTTT

Após a escolha do canal, o próximo passo é a seleção do “trigger”, ele é o “This” do “Recipe”. É com ele que será desencadeado o gatilho de um evento no canal escolhido. O caso abaixo apresenta alguns “triggers” da rede social Instagram, mas cada canal possui possibilidades diferentes de criação de eventos.

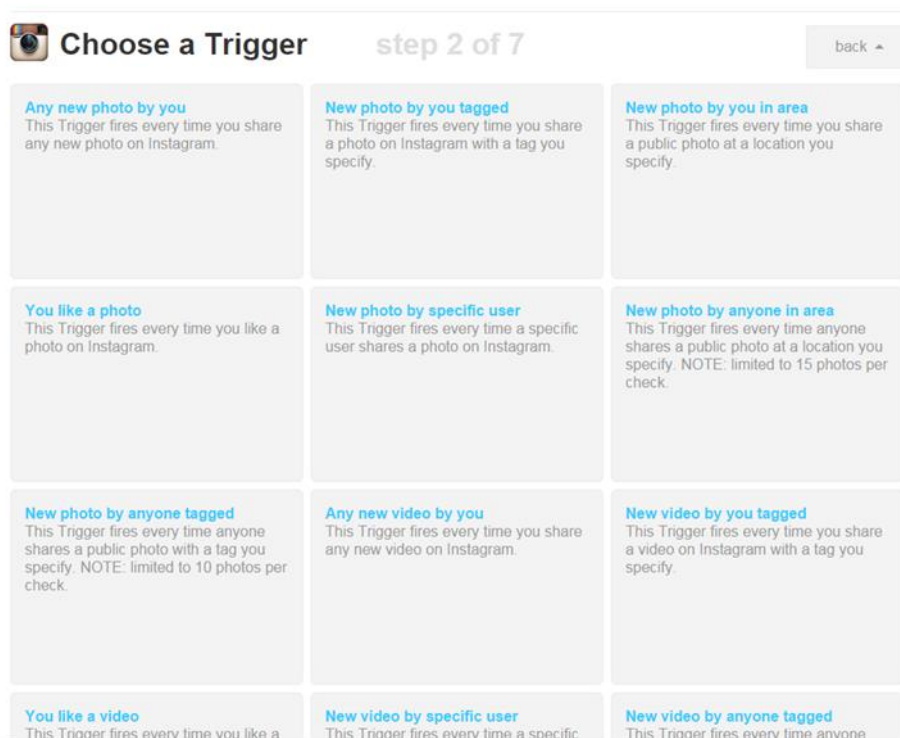


Figura 17: Chose a Trigger

Fonte: site IFTTT

Neste “Recipe” é possível escolher no mapa a área na qual deseja que a pesquisa seja realizada. Este ponto é importante, pois relaciona o local no qual a publicação será realizada.

New photo by anyone in area

 Locate an area

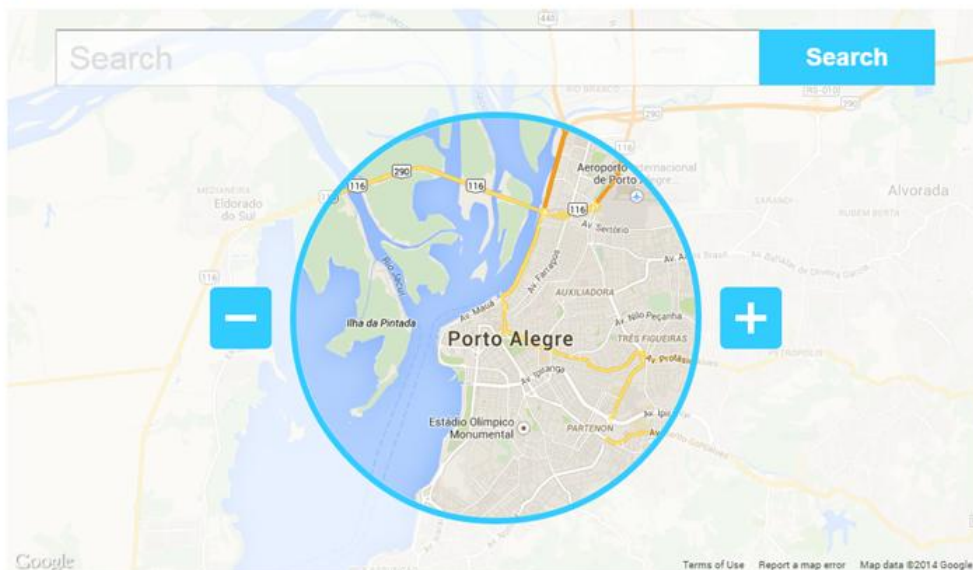


Figura 18: New photo by anyone in area

Fonte: site IFTTT

Após identificar a localização desejada, passa-se ao “That”, ou seja, onde será organizado o “Recipe” criado. É a consequência do “Recipe” desenvolvido, tendo como uma de suas possibilidades salvar as informações em arquivos no Google Drive, ou despertar uma espécie de alarme em algum outro canal quando houver um “Recipe”.

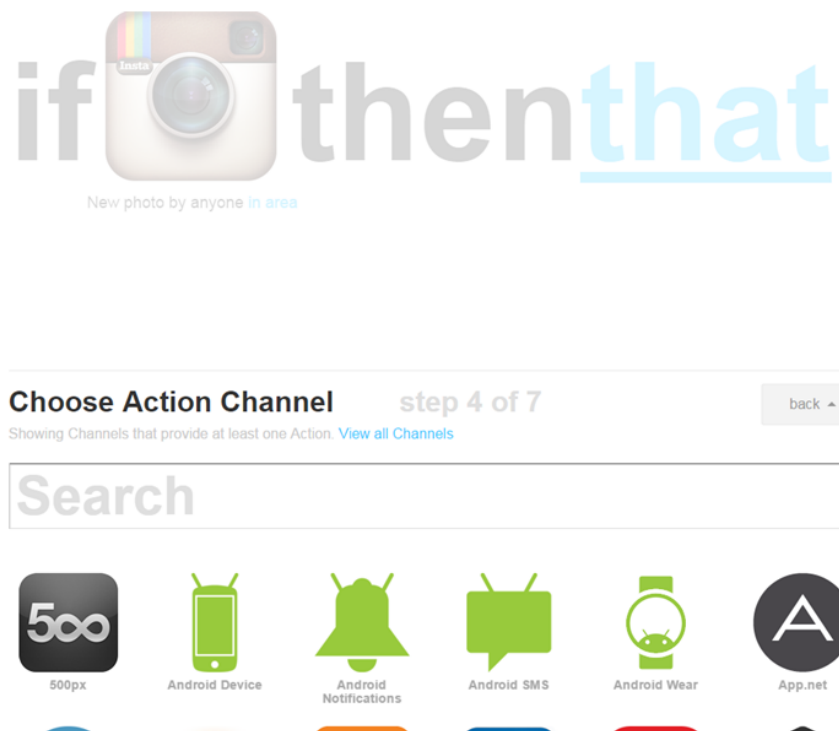


Figura 19: Chose Action Channel – “That”

Fonte: site IFTTT

O IFTTT é um aplicativo que auxilia no desenvolvimento da Internet das Coisas (Internet Of Things – IoT), pois, pode, a partir da “Recipe” programada pelo indivíduo, coordenar os objetos inteligentes. Alguns exemplos são apontados pelo site do IFTTT:

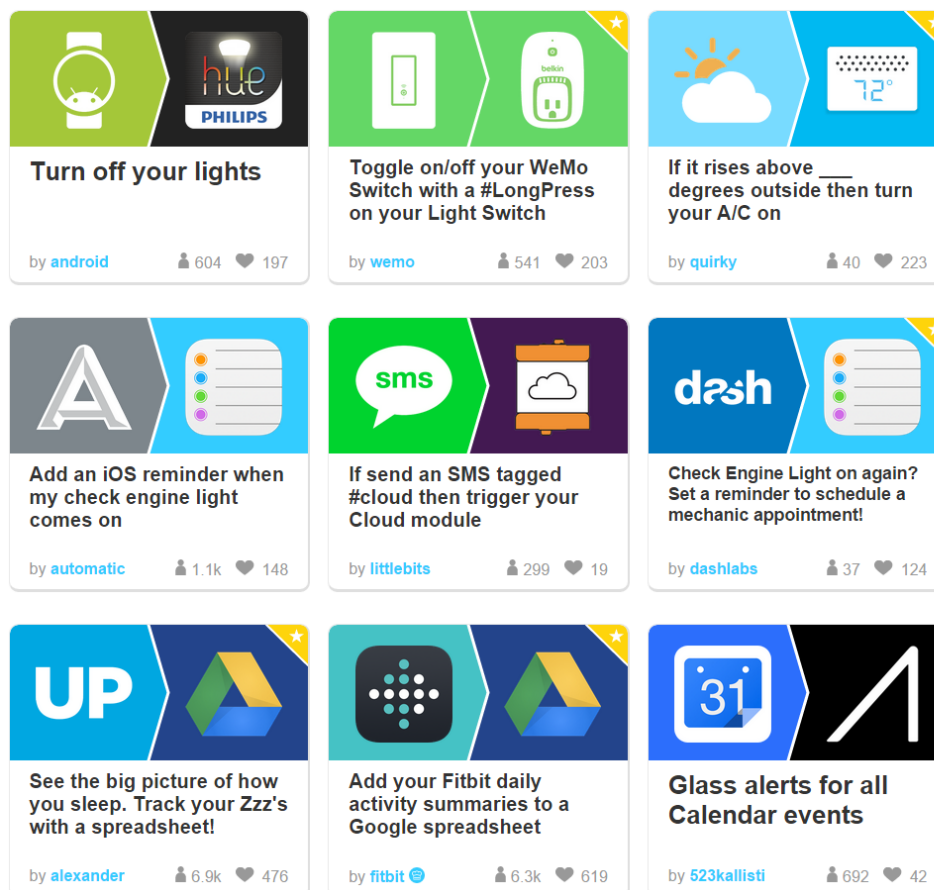


Figura 20: IFTTT e Internet das Coisas

Fonte: site IFTTT

Em 2014, o IFTTT recebeu um investimento de U\$ 30 milhões das empresas Norwest Venture Partners e Andreessen Horowitz. Esse investimento se justifica devido ao crescimento do acesso e utilização do aplicativo em diversos países:

Visitors by Country








Country	Percent of Visitors	Rank in Country
 United States	44.8%	1,317
 India	9.1%	2,696
 Brazil	3.2%	2,360
 Canada	2.9%	1,973
 United Kingdom	2.8%	2,832

Figura 21: Crescimento IFTTT em 2014

Fonte: Alexa⁴⁴

Assim, este serviço foi escolhido para que o estudo sobre a mobilidade nos locais seja observado, a partir do significado que os indivíduos atribuíam aos locais, na época, pré-determinados para a pesquisa. A proposta foi compreender a relação que as pessoas atribuem aos locais quando publicam e compartilham um conteúdo na rede. Para tal, foram criados “Recipes” no aplicativo IFTTT que envolviam dois lugares importantes da cidade de Porto Alegre/RS como ponto de partida para o entendimento dos fluxos, dos movimentos dos indivíduos – o Aeroporto Internacional Salgado Filho e a Estação Rodoviária de Porto Alegre.

⁴⁴Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/ifttt.com>

É fundamental destacar que com os espaços híbridos os locais passam a ter novos significados contendo camadas de informação que permanecem e são compartilhadas pelos indivíduos. É o caso da pesquisa realizada através do IFTTT via Instagram⁴⁵, nos locais mencionados. Ainda que de forma inicial, é possível ver que os significados agregados aos locais passam a ter outro sentido do que apenas pontos de passagem. Rastros de informação são deixados pelos indivíduos em movimento nestes locais.

A rodoviária e o aeroporto de uma cidade são espaços de experimentação coletiva e, com a utilização dos dispositivos móveis e os sistemas de localização consciente é possível documentar e compartilhar o movimento realizado.

Um ponto importante de observação são as *hashtags* (#), indexadores que viram *hiperlinks* dentro da rede. Sendo assim, outros usuários podem acessá-las conectando-os a todos que compartilharam uma informação - com o uso disseminado pelos indivíduos nos sites e aplicativos de rede sociais, como no caso do Twitter e Instagram as pessoas identificam determinadas palavras-chave que marcam e influenciam de forma direta a possibilidade de interação com as demais. As *hashtags* que referenciam locais são pontos de conexão que possibilitam entender os efeitos do movimento a partir do conteúdo agregado ao local.

Podemos salientar que dentre as possibilidades apontadas por Marcus (2001), a proposta inicial, na qual esta tese foi qualificada, partiu de uma **Etnografia móvel Estrategicamente situada**. O Paradigma das mobilidades permite esta investigação a partir dos locais, assim como a proposta metodológica referente à etnografia móvel. No entanto, observou-se que havia uma “sensação de mobilidade” a qual foi difícil demonstrá-la, embora o serviço IFTTT tenha permitido toda a coleta de material de estudo. O que se pode perceber foram pessoas atribuindo significados aos locais, mas a mobilidade estava mais direcionada ao próprio contexto do local que permitia este fluxo, do que diretamente na propagação de conteúdos que apresentassem pontos definidos desta comunicação móvel. Apesar de muitas *hashtags* darem algum indício, e também alguns *checkins* que indicam o

⁴⁵ Há uma margem de erro no sistema. Não são todos os eventos que são captados. Trata-se de uma amostra.

movimento agregado ao local e ao fluxo para outro território. Neste momento, sentiu-se a dificuldade de estudos empíricos com tal objeto de estudo. Para demonstrar tal dificuldade traz-se um exemplo do percurso da pesquisa realizado naquele momento.

Para a pesquisa realizada no aeroporto e na rodoviária, ambos da cidade de Porto Alegre (RS), o processo de configuração do “Receipe” no aplicativo IFTTT se deu a partir do gatilho “New photo by anyone in area” (Nova foto por qualquer pessoa na área) no Aeroporto Internacional Salgado Filho e na Estação Rodoviária de Porto Alegre, no período de 05 a 10 de dezembro de 2014.

Na área de abrangência do Aeroporto Internacional Salgado Filho, foram postados 499 conteúdos no Instagram durante estes dias. O que se verificou foi a vinculação de outros locais que ficam ao redor do aeroporto e que, por consequência do mapa, foram captados pelo aplicativo. Como a proposta foi observar a mobilidade e seu contexto no Aeroporto, os demais locais - e postagens – foram retirados da pesquisa para que o foco estivesse no local definido a priori. Assim, foram filtradas 126 postagens que possuem alguma referência ao Aeroporto Internacional Salgado Filho.

Os filtros se deram pelas imagens publicadas no aplicativo de rede social e pelo discurso dos usuários quando agregavam conteúdo ao local. Para o discurso, elencaram-se algumas palavras-chave que foram surgindo a partir da publicação das postagens. Assim, buscou-se compreender a importância que o local representou a cada um dos usuários da rede, como será observado, alguns associam o conteúdo direto ao local, outros o associam a postagem.

AEROPORTO INTERNACIONAL SALGADO FILHO

DATA: 06/12/2014

December 06, 2014 at 02:59AM	Grande Mestre das pistas!!! Grande Homenagem!!! Orgulho!!! #senna #erj190 #azultec
------------------------------------	---

	#azullinhasaereas #poa
December 06, 2014 at 10:26AM	I'll miss more than anything! #mybabies #baby #cat #love
December 06, 2014 at 11:01AM	bom dia Porto Alegre...
December 06, 2014 at 11:16AM	Sempre juntos, sempre PTA! <3 #enfimférias #partiuFAPA #agoraÉFTA #eternaPTA #osprofsmaisparceiros #quesigaassimateofinal
December 06, 2014 at 11:26AM	Obrigado por me proporcionar o MELHOR dia da minha vida, tu é demais!! Valeu a pena ficar no sol desdas 8:00 com fome/sede/calor te esperando no aeroporto e tu pegar meu cartaz e fazer um carinho em minha mão. Meu deus foi inacreditável, desabei em choro!! O show na noite foi lindo, melhor impossível e como sempre deixou o gostinho de "quero mais" . Após o show tu foi nos ver na saída e novamente pegou na minha mão, Luan tu tem noção do que é esperar 5 anos pra sentir teu toque, teu cheiro, teu abraço?? Pois então. O abraço fica pra próxima, tenho fé! Obrigado por existir , eu tchê vivo meu gurizinho. @luansantana
December 06, 2014 at 11:29AM	Quem me fez acordar cedo?!?! □□□□ #poa #nightrun #brother #friends #family #beard #azul
December 06, 2014 at 12:06AM	"Depois de 16hrs , trabalhada , partiu #Casa #Exausto ... □□□
December 06, 2014 at 12:20PM	Waiting..
December 06, 2014 at 12:29PM	✈ □
December 06, 2014 at 12:41PM	#portoalegre
December 06, 2014 at 12:43PM	Que bom estar de volta
December 06,	Graças a Deus chegamos bem, agora é descansar que amanhã já tem

2014 at 12:44PM	estréia Goiás x Atlético MG pelo campeonato brasileiro sub20. Obrigado meu Deus por mais essa oportunidade ➔ □□□□
--------------------	---

DATA: 07/12/2014

December 07, 2014 at 02:35PM	#partiu Porto Alegre / Caxias do Sul
December 07, 2014 at 02:44PM	Despedida da nossa ruiva!!! Te amamos demais! Aproveita amada! Tu merece tudo de melhor!!!
December 07, 2014 at 02:52PM	Manaaaaaaaaa □□ ➔ □□♥□♥□♥□♥□ Aproveita demais! No meio do ano estou aí!!!! Te amo!!!
December 07, 2014 at 03:00PM	Ruivaaaa! Maaaana! O coração ta apertado!!!!!! ♥□♥□♥□♥□ aproveita, dona francesa!
December 07, 2014 at 03:09PM	Porto Alegre ✓ □ Próxima parada: Fortaleza #circuitobb #open #voleidepraia #cbv
December 07, 2014 at 03:31PM	Despedida da nossa ruivinha linda! ♥□
December 07, 2014 at 03:41AM	Olha a situação do elenco da Cia Loucos por Teatro #dormindonoaeropoortoatéahoradoembarque ... #podeissoprodução ???
December 07, 2014 at 03:47PM	Mas tarde partiu arena grêmio...
December 07, 2014 at 03:57PM	Adios Burnos Aires...
December 07, 2014 at 04:50PM	E tamo assim largado no saguão, enquanto não chega a hora de partir pra mais uma semana de trabalho e estudo . □□□ ➔ □ #vamo #working #study #sumemo #largado
December 07, 2014 at 04:53PM	Trip !

December 07, 2014 at 05:00PM	Next stop, Hellcifeeee! But first, a beer break with my little bear Bru Bru!
December 07, 2014 at 05:12PM	freebordin @ forno alegre #portoalegre #trips #bmfstyle #lifestylile #freebordbrasil #freebord #sun #instagram #brazil #downhill #bmfstyle #summer
December 07, 2014 at 05:43AM	Hora de voltar...rumo ao RJ.
December 07, 2014 at 05:45AM	#selfie com produtores e metade do elenco que ainda estão bem humorados resistindo ao sono incontrolável às 05:45 da manhã!! :)
December 07, 2014 at 06:02AM	Mortaaaaaaaaa Mas Vamos Lá!!! Saindo de Porto Alegre com Destino ao RJ Para a Gravação do #esquentaaovivo ☐☐☐☐➔☐
December 07, 2014 at 06:30AM	Bom dia POA! Foi tri legal estar aqui ☐ #landscape #nice #beautiful #morning #sun #instagood #instadaily
December 07, 2014 at 06:39AM	Morto com farofa @leozinhoawe fim de mais um trabalho aqui no sul !!!! Vamos com Deus galera !
December 07, 2014 at 07:00AM	let's go to the beach, each #vsco #vscocam #sun #sunrise
December 07, 2014 at 07:12AM	#Blame #CalvinHarris #JohnNewman #SamsungCameraApp @spotify #Spotify Start work #Spotify playlist offline :D
December 07, 2014 at 07:20AM	Café da manhã dos campeões ☐ pronto para o after ☐☐ #vscocam #mcdonalds
December 07, 2014 at 07:33AM	#pixel #pampaGaucha #Spotify #TheNights #Avicii @spotify #SamsungHDR #HDR #RioGrandeDoSul #Brasil
December 07, 2014 at 08:01AM	Ontem em Água Santa RS #joanetoefrederico2014 #ultimadose #prestopouco #AVID_S3Lx
December 07, 2014 at	E começa a maratona do domingo...

08:05AM	
December 07, 2014 at 08:05PM	Avião sem asa Fogueira sem brasa Sou eu, assim, sem você
December 07, 2014 at 08:12PM	Vammm??
December 07, 2014 at 08:12PM	Agitamos cedo hoje no Aero, depois de 22 anos grudadas, hoje ela levantou voô pra vida, vai minha filha linda, vai q o mundo é teu! Mistura de sentimentos e coração apertado, mas... #melhorfilhaFIFA #tiamu #familia #amigos melhor do mundo ☐♥☐
December 07, 2014 at 08:13AM	Hora de voltar pra casa. Dever cumprido. Maratona do Rio Grande do Sul ✓☐check
December 07, 2014 at 08:16AM	Mochileiro das #Acustic #Spotify #Radio #GalaxyAnimation #NetWifi #10Mbps #PortoAlegre und #Cablemodem
December 07, 2014 at 08:34AM	#Natal
December 07, 2014 at 08:35AM	Self com Noel
December 07, 2014 at 08:39AM	Bom dia POA! ☀
December 07, 2014 at 09:25PM	#igersrs #igerspoa #IG_4every1 #instachimas #ig_treasures #ig_riograndedosul_ #look_art #loves_architecture
December 07, 2014 at 10:15AM	E olha nós aiii equipe top aqui no aeroporto de porto alegre RS só na luxúria rrsrs com os parças @robsonmartins_jnef @wendelluz #eniel @caduallves_ @goncalvesclayton..! Equipe @joaonetoefrederico !.
December 07, 2014 at 10:19AM	Olha a turma ai, daqui a pouco estamos em casa. ✈✈✈ #BomDia gente !! ☐☐👉☐ #EquipeJNeF #TMJ
December 07, 2014 at	Despedida das minhas gatinhas, amo muito! #bettioletsinboston ☐♥☐☐☐✈☐

11:41PM	
December 07, 2014 at 11:43PM	Já estamos no aeroporto! ✈️👉 coraçõezinhos apertados 👉
December 07, 2014 at 12:27PM	"Passamos muito tempo, brincando de perfeição esquecemos o que somos, simples de coração! #selfie #expectativa #happy
December 07, 2014 at 12:28PM	Só uma coisa para dizer: #PorraMichelle Dublin vai ser pequena pra ti, o mundo repito é pequeno para o teu enorme coração, vamos sentir saudade? Vamos. Cada um de nos. Mas o amor vai estar aqui sempre! ❤️👉 #VoaBichaaaaa #GaiolaDasLoucas São km e não barreira!
December 07, 2014 at 12:35PM	Chegou a hora de voltar pra casa! 📺✈️ Forças renovadas! 📺 Que venham os estudos com força total!!! 📺📺📺📺 #voltandopracasa #estudaquepassa #estudaratépassar #estudo #estudar #dedicação #foco #força #fé #concurseira #concurso #concursopúblico #malas #voo #viajarépreciso #adoro_viajar #foconomeação #Deusmeajude #euposso #euconsigo #euamoviajar

DATA: 08/12/2014

December 08, 2014 at 01:27PM	Bye bye POA
December 08, 2014 at 04:42PM	Boa Tarde Porto Alegre :) #riograndedosul #portoalegre #viajar #brasil
December 08, 2014 at 04:55PM	Partindo para Lins. #follmann #gremio #linense
December 08, 2014 at 05:10PM	Check in... Vishe deu ruim!
December 08, 2014 at 05:13PM	Mais que voar...ser feliz! A gente continua em Campinas! #queromaisvooscomvc #rindoprasempre #vcqueéfeitodeazul #azul #voeazul #crewlife #cabincrew #blueangels #lovemyjob #InstaSize @val_e_junior
December 08, 2014 at 06:23AM	Peru, here we go!!! 📺📺📺📺❤️ #buenosdías #Peru #Cusco #MachuPicchu #tofeliz #toamando #gratidão

December 08, 2014 06:25AM	at	Acordar cedo tem sim as suas vantagens... Bom dia! #sunrise
December 08, 2014 06:27AM	at	Asas para voar #nofilter #momentosalexmuner #momentosbyalexmuner
December 08, 2014 06:35AM	at	Good Morning #NoFilter
December 08, 2014 06:39AM	at	
December 08, 2014 06:39AM	at	A lua não quer ir embora. Nem eu.
December 08, 2014 06:53AM	at	#bomdia #work #job #SãoPaulo #MaisumDia #Foco #sucesso #BoraLá #Felicidade #Getnet #PlanejamentoComercial #AzulLinhasAéreas
December 08, 2014 07:04AM	at	Voa semana
December 08, 2014 07:32AM	at	Depois de um delicioso finde em POA, voltando pra casa com ótimas lembranças! Hasta la vista gauchada!!!
December 08, 2014 07:49AM	at	#passelivresna #sna
December 08, 2014 09:10AM	at	#partiuferias
December 08, 2014 09:28AM	at	Missão apoio ao haiti.
December 08, 2014 09:34AM	at	#brasil #southbrazil #portoalegre #airport #tam FLIGHT TAM 3166 PORTO ALEGRE - SÃO PAULO.
December 08, 2014	at	Se despedindo da minha veia...♥

10:03AM	
December 08, 2014 at 10:10AM	Amoo ✈️👉👉👉 #Avianca #A318
December 08, 2014 at 10:15AM	#Buenos dias #Partiuluademel #buenosaires ❤️
December 08, 2014 at 10:47AM	Chegando ao destino 📦
December 08, 2014 at 10:54AM	Até 2015!! 🌟
December 08, 2014 at 10:55AM	Embarcando uhhhul
December 08, 2014 at 11:03AM	Hora de voltar pra casa ✈️👉👉
December 08, 2014 at 11:07AM	#Godisgood ✈️📦
December 08, 2014 at 11:13AM	Hora de voltar para a casa ✈️📦 Porto Alegre - Piracicaba/SP
December 08, 2014 at 11:17AM	De saída para Campo Grande!!! 📦
December 08, 2014 at 11:31PM	Indo encontrar a galera da Rede 300..... muito feliz pois vou rever a todos novamente mesmo que seja por um curto período de tempo mais vale muito a pena..... Obrigado Deus.
December 08, 2014 at 12:12AM	Esse dia foi muito emocionante, o retorno dos guris! Ficamos muito orgulhosos de vocês, parabéns!!!

DATA: 09/12/2014

December 09, 2014 at	Esperando...❤️ ✈️📦 #Mamica #MamiPoderosa #ZeroOnze #CincoUm #SPRS
----------------------	---

01:31PM	
December 09, 2014 at 05:24AM	❤️➡️☐
December 09, 2014 at 05:37AM	E a jornada começou!! #newlife #brasiliatoindo
December 09, 2014 at 05:39AM	#rumoaohaiti(missãodepaz)
December 09, 2014 at 05:52AM	De porto alegre curitiba casaaa lar doce lar aleluiaaaaa ver meu filhaooo aleluia ou nao ?
December 09, 2014 at 06:09AM	O dia amanhecendo em Porto Alegre.
December 09, 2014 at 07:28AM	#selfieintheplane #colombia #aquivoy #casa #cominghome #acaba2014 #saudadesdoMEbrasileiro
December 09, 2014 at 07:31AM	Partiu CWB. #POA #work
December 09, 2014 at 07:35AM	"Mesmo os céus cinzentos me faz sorrir..." Partiu #MT #voeazul
December 09, 2014 at 07:56AM	Morning! Welcome aboard! Hoping for better skies today! ☐ #crewlife #crewfie #tam #picoftheday #hopeful
December 09, 2014 at 09:00PM	Foi, mais um #aviation #aircraftmaintenance #avgeek #avporn #airbus #a330 #mechanic #maintenance
December 09, 2014 at 09:17AM	#riodejaneiro
December 09, 2014 at 09:18AM	#floripa

December 09, 2014 at 09:39AM	
December 09, 2014 at 09:41AM	Partiu! ✈️ 📷❤️ #trip #family
December 09, 2014 at 10:44AM	<p>Meu Orgulho</p> <p>Estou tão feliz e orgulhosa por você meu amor, hoje inicia-se mais uma etapa na sua vida, e estou tendo o prazer de poder estar vivendo junto com você este momento. Desde a primeira ligação nas nossas férias, posteriormente os treinamentos, os medos, as incertezas, a falta de tempo, de paciência, as dúvidas, as cobranças por atenção, pois é foram tantas sensações divididas... Hoje eu lhe desejo uma Ótima Missão, que tudo dê certo e que tu volte renovado, com a sensação de dever cumprido, e lógico que eu estarei aqui contando os dias para te sentir de novo no meu abraço e poder dizer o quanto eu te amo, agora é aprender a conviver com a saudade, pois pra quem passava quase 24hrs com você, 6 meses sim parece uma eternidade ,mas sei que passará rapidinho e logo voce estará retornando.TE AMO MUITO #MyLove #Love #Boyfriend #ILoveYou #Beautiful #Soldier #PeaceMissionHaiti</p>
December 09, 2014 at 10:57AM	Tava precisando disso já 📷 Que Deus nos Proteja 📷 See you soon ✈️
December 09, 2014 at 11:27AM	Partiu São Paulo, que Deus nos abençoe.. Alô @pezinhofirmenarocha a patota do @grupodobola ta chegando!! 📷📷 #dvd2015 #BRASIL #Deusnafrente
December 09, 2014 at 11:30AM	Partiu São Paulo alo mestre @pezinhofirmenarocha estamos chegando Deus no comando bom dia!!!!📷📷📷✈️
December 09, 2014 at 12:27PM	Depois de 12 despedidas, perder um voo e esquecer as passagens em casa, ele se foi! Por essas e por muitas outras tu é um mito mano. Tamo junto sempre, nos vemos em julho! #imaginanaaustralia 📷 📷

DATA: 10/12/2014

December 10, 2014 at 05:41PM	In the sky!!! 📷✈️ 📷 #travel #sp #selvadepedra #clouds
December 10, 2014 at 05:43PM	Ja estou com saudades!! #20dias #amorsemigual #minhavidia

December 10, 2014 at 05:55PM	Viajei com o Rambo. Huahuhahu
December 10, 2014 at 06:04PM	"Meu coração é pequeno Porque Deus me fez assim O Rio Grande é bem maior Mas cabe dentro de mim"
December 10, 2014 at 06:17PM	"...eu tenho tido a alegria como dom e em cada canto eu vejo o lado bom..."
December 10, 2014 at 06:27AM	Partiu Goiás ☐☐➔
December 10, 2014 at 06:36AM	Agora vaaai hein! #cuzco #arequipa #macchupicchu #lima #viagemdoaspira
December 10, 2014 at 06:38AM	#paz
December 10, 2014 at 06:54AM	
December 10, 2014 at 07:25AM	Viagens longas exigem as tais palavras cruzadas hahah #sqn #bukowski #partiucuzco
December 10, 2014 at 07:46AM	O cara não precisa de mais nada né haha #mc #cafe
December 10, 2014 at 08:10PM	➔ ☐ ☐☐ ☐☐
December 10, 2014 at 08:30AM	Partiu Rj ! Bom Dia #TEAMKIM
December 10, 2014 at 08:31AM	#Ferias #FamiliaToChegando# #vacation #me #instagood #thksgod
December	Hj é o dia dela minha surpresa boa de 2014 que chegou devagarinho mas q

10, 2014 at 08:41AM	hj em dia ocupa um lugar enorme no meu coração...minha amiga mais apaixonada, cheia de planos sonhos, uma mãe admirável sem contar que é linda!! Amiga tudo de melhor pra ti sempre muita saúde paz amor e sucesso!!! Que este novo ano traga só coisas boas inclusive aquela que tu quer muito heehhee!!! Amo tu cereja ☐ ☐☐☐☐
December 10, 2014 at 08:48AM	#Partiu #Bomdia
December 10, 2014 at 09:17AM	#TripLifeStyle #viajeimasnaogastei #trip #road #onroad #vacation #ferias #picoftheday #photooftheday #travel #instapic
December 10, 2014 at 09:17AM	Finalizando a obra, 34C - Salgado Filho Poa/RS
December 10, 2014 at 10:25AM	Agora é a vez de Buenos Aires. Se prepara @ninhaceolin, estamos chegando! #artimagemembsas #artimagem #casamentoninhaeignacio
December 10, 2014 at 10:38AM	Meu trabalho me fez nômade esse ano. Pronta pra embarcar pra última de 2014, rumo a Cidade Maravilhosa! ❤️
December 10, 2014 at 11:12AM	Rumo a Cancun! ☐☐☐☐
December 10, 2014 at 11:12AM	✈️ ✈️ To Curitiba #dropdeadpro2014 ☐☐☐ @_freedayskate @lixashood @santacruzbr #tic #lam #inst #

As palavras-chave predominantes que identificam o conteúdo agregado ao Aeroporto Internacional Salgado Filho estão diretamente vinculadas à cidade: POA / Porto Alegre. O conteúdo, como é possível observar nas tabelas, é bastante diverso, mas se relacionam diretamente à mobilidade dos indivíduos.

O que se pode perceber é o uso constante de *hashtags* nas postagens. Durante os dias pesquisados, 249 hashtags foram publicadas com os mais diversos contextos, e boa parte delas foi utilizada apenas uma vez. Aquelas que mais foram usadas e, que se relacionam com a mobilidade e o local, são:

TOTAL	HASHTAGS	CONTEÚDO
8	#poa / #portoalegre	Remete o conteúdo ao local da postagem ou ao destino.
6	#travel / #viagem / #viajar / #trip	É o movimento realizado a partir daquele local que caracteriza estas hashtags nos conteúdos publicados.
4	#vacation / #ferias	Representa o motivo de estar ali no local, o sentimento que levou o indivíduo a publicar o conteúdo agregado ao ambiente.

As *hashtags*, no caso do Instagram, são possibilidades de observar o padrão de movimento dos indivíduos nos espaços, pois, pode-se perceber que elas agregam valor ao local e por sua potencialidade original de indexação de uma informação, elas podem fomentar uma discussão e conseqüentemente à interação e formação de redes a partir dos espaços. Elas evidenciam os rastros deixados pelos indivíduos naqueles espaços híbridos, e permanecem para que outros tenham acesso, assim como as imagens publicadas.

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE PORTO ALEGRE

Durante o mesmo período, 05 a 10 de dezembro de 2014, a pesquisa foi realizada também na Estação Rodoviária de Porto Alegre, assim como no Aeroporto, foram pesquisados os conteúdos publicados no aplicativo móvel Instagram, nestes dias, apenas 22 publicações foram detectadas como associadas ao local, e 19 hashtags relacionada aos conteúdos.

DATAS: 05, 06 e 07/12/2014

December 05, 2014 at 07:50PM	Tô indo amor eheheheh @amandavascc
December 05, 2014 at 09:56PM	Próxima parada... Punta Del Este... Playa Vik.

December 06, 2014 at 01:34PM	Tô indo ♥♥
December 06, 2014 at 02:40PM	Partiu viagem com o lovezão amo <input type="checkbox"/> ✓ <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
December 06, 2014 at 03:10PM	Cheguei Porto Alegre!!! Pronta pra outra pq hj tem @fabricadesantos!!! Bora??? #djanalu #festatop #tonight <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
December 06, 2014 at 04:09PM	Go Home! #partiu #byeboa #newhair #guipir #lookoftheday
December 06, 2014 at 08:10AM	#PartiuPraia #NaCIAdaVó
December 06, 2014 at 08:44AM	Good morning, POA!
December 06, 2014 at 09:26AM	Vaxi!
December 06, 2014 at 10:16AM	Se a felicidade te bater, apanhe! #portoalegre #partiu #gramado
December 07, 2014 at 07:10AM	SAMPA lá vamos nós.

DATAS: 08, 09 e 10/12/2014

December 08, 2014 at 06:01AM	E lá vamos nós pra mais uma semana na Capital :)
December 08, 2014 at 07:08PM	Alô sul do estado! Estamos quase chegando hhahah≡≡
December 08, 2014 at 08:55PM	Ir pra barrinha no finde com a mais linda mamãe de todas não tem preço
December 08, 2014 at 09:34PM	Fim de mais uma jornada... Cheios de historias pra contar, sempre nós ne @gaucharss ...
December 09, 2014 at 04:15AM	Partiu palmeira...
December 09, 2014 at 08:20PM	Partiu casa . Com a mamis.
December 09, 2014 at	#portoalgrers chegandona noite

08:31PM	
December 10, 2014 at 08:22PM	#partiucasa#saltoestamoschegando
December 10, 2014 at 08:36PM	Nina e eu ☐. #ninaandolfo #poa
December 10, 2014 at 09:14PM	A espera é longa, mas é aí? Tá só começando! #éférias #partiusantiago
December 10, 2014 at 11:41AM	Pelotas, aí vamos nós !

A palavra-chave que mais se destacou nos conteúdos observados foi “partir” (e suas conjugações). Em seu termo mais popular “partiu” é bastante utilizado pelos indivíduos como gíria para pontuar o início do movimento, do deslocamento para outro local. O conteúdo é vinculado ao local, neste caso, como um ponto de partida. As 19 *hashtags* encontradas são as seguintes:

TOTAL	HASHTAGS
1	#djanalu
1	#festatop
1	#tonight
2	#partiu
1	#byeboa
1	#newhair
1	#guipir
1	#lookoftheday
1	#PartiuPraia
1	#NaClAdaVó

2	#portoalegre / #poa
1	#gramado
1	#partiucasa
1	#saltoestamoschegando
1	#ninapandolfo
1	#éférias
1	#partiusantiago

Como é possível perceber, as *hashtags* indicam o ponto de partida “#poa/ #portoalegre” ou “#partiu” não representam um movimento claro de deslocamento, é apenas um indício. Neste início de pesquisa, acreditou-se que haveria uma maior representação de um significado cultural nestes espaços, devido ao fato deles serem os locais que mais representam a fluidez, a circulação espacial. Mas, o que se percebeu é que para que tais locais pudessem ser estudados desta forma seria necessário um procedimento metodológico que fosse mais complexo do que medido apenas por meio de um serviço como o IFTTT, mesmo que este venha a servir, etnograficamente, como ferramenta importante para outras pesquisas na área da mobilidade.

Assim, detalhou-se até o momento o percurso desenvolvido neste estudo de caso, até mesmo sem o ponto principal do Instagram que são as imagens, devido ao fato de que, nestes casos particularmente, elas pouco representam o local e o movimento, pois continham em sua maioria fotos pessoais (selfies). No entanto, com estudo como base para a construção da caminhada acadêmica, constatou-se que estes procedimentos foram fundamentais para demonstrar que, às vezes, é necessário mudar o foco metodológico da pesquisa quando se sente a necessidade de aportes e ferramentas diferenciadas das já testadas para a compreensão do objeto de estudo.

Este estudo serviu para compreender que um novo paradigma necessita de novos métodos, para que traga resultados concretos de pesquisa e que não seja apenas uma mera aplicação de uma metodologia já consagrada em um objeto novo. Desta forma, buscaram-se modelos e obras que permitissem entender como as estruturas móveis pudessem ser estudadas e compreendidas no contexto atual. Embora, nos estudos da comunicação ainda sejam pouco estudadas possibilidades metodológicas aplicadas às comunicações móveis, acredita-se que ao tentar entender melhor alguns procedimentos, mesmo estes não sendo específicos para a aplicação na área, seja possível contribuir com novos estudos metodológicos na área da mobilidade da comunicação e informação para a compreensão destes fenômenos na sociedade atual.

Desta forma, a partir desta primeira pesquisa, percebeu-se que seria importante observar outras formas de mobilidade para compreender o processo pelo viés da comunicação social. Nos dois locais estudados *a priori* - aeroporto e rodoviária – pode-se entender a partir destes novos parâmetros, que os mesmos poderiam ser estudados com a técnica que Marcus (2001) aponta como **Etnografia Estrategicamente situada**, na qual o pesquisador poderia buscar as informações através do serviço IFTTT, assim como foi feito, mas ao mesmo tempo deveria tentar estar no local e investigar visualmente os sujeitos situados naquele contexto multilocal e híbrido de investigação, buscando uma ponte entre a pesquisa local e a digital como forma de compreender a sensibilidade destes indivíduos naquele instante, no ponto de partida e chegada do movimento.

Após estas constatações, parte-se, então, para outros rumos da pesquisa ao buscar entender os agrupamentos e como eles se movimentam pelos espaços híbridos. O foco principal sempre foi as redes sociais móveis, e após compreender como estas se formam, se buscará estudá-las a partir das reuniões em determinados locais e motivações para tais encontros. Observou-se até este ponto, que estudar esses movimentos a partir dos locais limitava os estudos da mobilidade tecnológica, e até mesmo da mobilidade da informação. Assim, parte-se à reflexão e proposta de algumas formas de aplicação das técnicas desenvolvidas como métodos móveis nos estudos de agrupamentos desenvolvidos diante do Paradigma das mobilidades para que seja possível compreender melhor estes processos.

4.6.1 A comunidade Instagramers

Criada em 20 de janeiro de 2011 pelo espanhol Philippe Gonzalez, a comunidade Instagramers.com surgiu com a finalidade de promover a troca de ideias e o contato entre as pessoas que participavam de sites de redes sociais como o Facebook, Twitter e o IGer Blog, desenvolvido pelas cidades participantes e, claro, o Instagram. O slogan da comunidade trata o Instagram semelhante ao Twitter, mas com a diferença de ter seu foco em imagens, e a peculiaridade de que na rede social móvel há um lado mais fluido e criativo. A comunidade atenta para que os participantes possam “colocar para fora” um lado mais inventivo nas imagens postadas na rede. A proposta da comunidade, que é internacional e existe em diversos países e cidades, é a de compartilhar a vida, os sentimentos e experiências salientando a multiculturalidade.

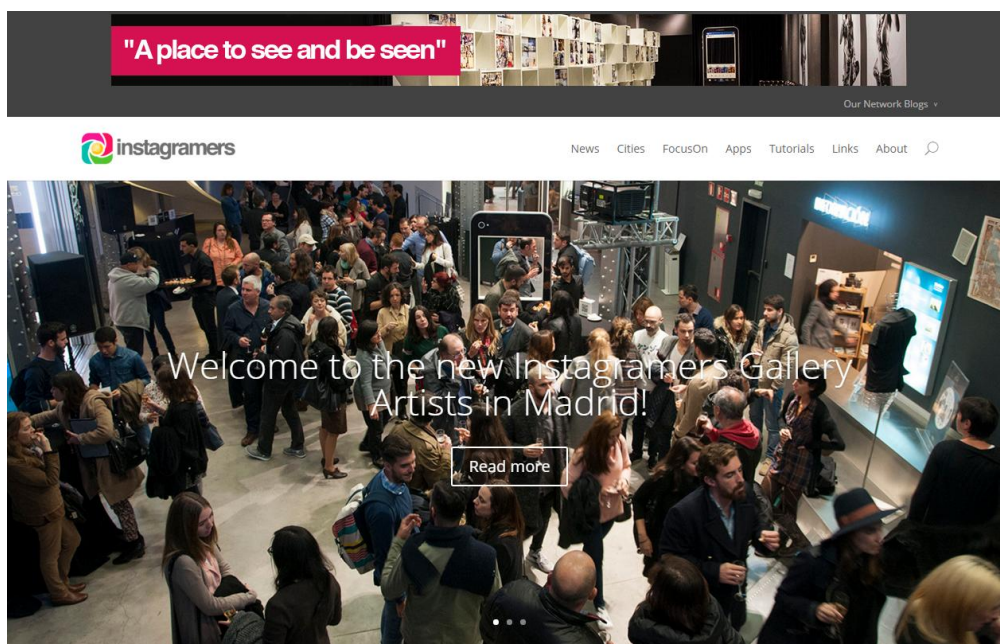


Figura 22: Site Grupo Instagramers

Fonte: Instagramers.com



Figura 23: Existem 520 Grupos Instagramers pelo mundo

Fonte: Instagramers.com

Em Porto Alegre, o *Instagramers Poa* foi fundado em maio de 2011, e a cidade foi a segunda a aderir ao Blog no Brasil. A proposta do grupo é promover a interação entre os usuários do *Instagram* e organizar eventos para grupos de discussão e rotas de descobrimento com o *Instawalk* ou *Instameet*.

A comunidade, em sua página no Facebook, descreve sua proposta da seguinte forma: “trazemos uma forma simplificada de apresentar e transformar lugares fascinantes e seus amigos virtuais em realidade. Conheça, descubra, interaja!” (*Instagramers Poa*, Página Facebook).

Instagramers Porto Alegre

Sandra Página inicial 13

Instagramers Porto Alegre
Site de artes/humanas

Curtiu Mensagem

Linha do Tempo Sobre Fotos Instagram feed Mais

2.583 pessoas curtiram isso
Loilita Fernanda Magni e outros 5 amigos

Convidar amigos para curtir esta Página

SOBRE

- www.instagram.com/gerspoa
Siga-nos no Instagram: @gerspoa
- <http://www.instagramers.com/>

APLICATIVOS

We're on Instagram Instagram feed

Status Foto/Vídeo

Escreva algo nesta Página...

Instagramers Porto Alegre
20 h ·

- Porto Alegre por @filipoandreolla
- Localização: BarraShoppingSul... Ver mais

Figura 24: Página do Instagramers Poa no Facebook

Fonte: Facebook

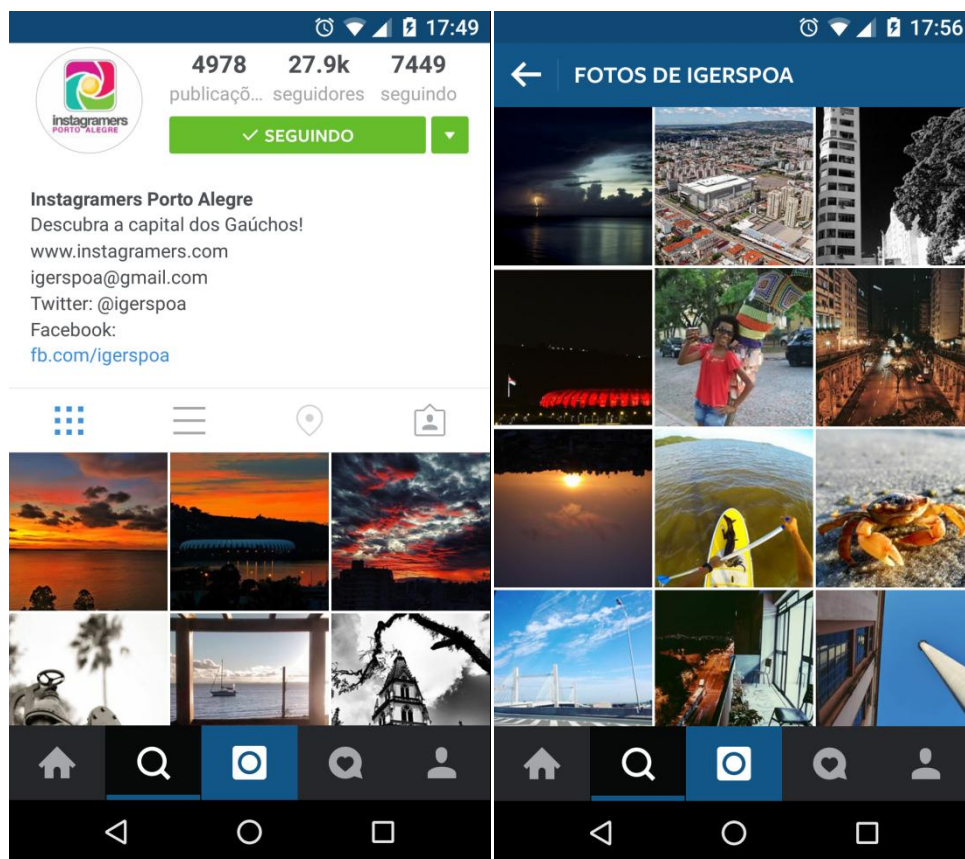


Figura 25: Captura de tela do perfil do Igerspoa no aplicativo móvel do Instagram

Fonte: aplicativo Instagram

Um dos *instameets* esperados anualmente pelo grupo é o Encontro Mundial do Instagram, que comemora o aniversário da rede social móvel no mês de outubro. Em todo mundo, os participantes se reúnem em locais das cidades para se conhecer, publicar imagens e contribuir com a *hashtag* #Wwin12 como uma forma de parabenizar o aplicativo. Em Porto Alegre, em outubro de 2015, o grupo se reuniu no Jardim Botânico para a publicação de fotografias e interação no local.

Neste dia, observou-se como o grupo se desenvolvia e interagiu além da plataforma virtual. Este foi um dos pontos importantes que se pode enfatizar e que proporcionou estar presente e acompanhar o movimento ressaltando a abordagem etnográfica móvel, a partir da perspectiva proposta por George Marcus (2001):



Neste caso é possível estudar etnograficamente de duas formas:




Seguir as pessoas: Como se trata de um grupo, acompanhou-se os passos antes e no dia, no local da reunião convocado por meio do *Instagram* e de outros sites de rede social. Embora Marcus (2001) sugira como ponto principal desta etapa os estudos de migração, e o sentido da palavra seja de deslocamento de um país a outro, pode-se compreender esse deslocamento de um território da comunidade de um espaço virtual a um espaço urbano para uma reunião em prol de um contexto. Essa proposta se deu em comemoração ao aniversário de 12 anos do *Instagram* que foi comemorado no mundo inteiro no dia 3 de outubro de 2015. Em Porto Alegre, o grupo se reuniu no Jardim Botânico para registrar o dia através de fotografias e vídeos e para conhecer pessoalmente aqueles que já tinham contato através da comunidade Igerspoa (*InstagramersPOA*), grupo de pessoas que registram fotografias da cidade de Porto Alegre e as identificam através da *#igerspoa* e além desta identificação trocam informações e lançam desafios fotográficos como uma forma de estarem sempre conectados através da rede social móvel.








Seguir a metáfora: Também se pode utilizar esta etapa proposta por Marcus (2001) neste estudo etnográfico. O fato de seguir a *hashtag* oficial do encontro do grupo *#wwin12_poa* é como seguir um símbolo apropriado e propagado pelo grupo como forma de conversação e conexão em rede. É uma forma de identificação entre eles, um significado cultural remetido a este determinado contexto. No caso do estudo da comunidade construída no *Instagram*, um meio digital que se propõe a um encontro em um local da cidade, a relação entre o meio digital e o espaço físico contribui para uma observação da mobilidade do grupo.



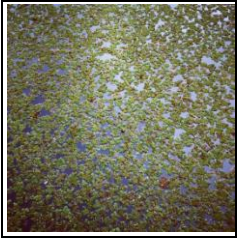



Para entender como as técnicas de estudo da etnografia móvel, neste caso, poderiam ser aplicadas, juntamente com a observação do grupo durante o encontro - o *Instameet* - no local estabelecido, o Jardim Botânico de Porto Alegre, realizou-se o mapeamento das postagens feitas no *Instagram* no dia 03 de outubro de 2015, com a *hashtag* *#wwin12_poa*, através do serviço IF This Then That, ponto de partida para a captura das postagens não apenas neste caso, mas nas demais apresentadas. Ele serve de guia geral para entender as conversações que podem indicar a mobilidade nas interações e postagens.








DATA	INSTAGRAMER	POSTAGEM	FOTO
------	-------------	----------	------

<p>October 03, 2015 at 10:59AM</p>	<p>micuadrado</p>	<p>Que dilema! O #wwim12 é hoje, os brindes estão prontos e não conseguimos resolver nossa vontade de dar um presentinho a cada instagramer... Que tal assim: □ um mimo para cada organizador do @igerspoa porque eles merecem muito, né? @kaliqedias @ruduit @lucasfranckbro. □ um cuadrado grande sorteado depois da foto oficial entre todos que se registrarem lá hoje. □ 12 minis especiais com frase e identidade do encontro na caixinha de acrílico para os 12 primeiros que comentarem este post e marcarem 2 amigos que vc ache que vão curtir a @micuadrado (esperamos das 14 às 15h os que comentarem, depois distribuiremos entre os seguintes ou os presentes)</p> <p>Queríamos muito presentear aqueles que sempre curtem nossos posts e encontrá-los ao vivo!</p> <p>Tá valendo! Nos vemos daqui a pouco no Jardim Botânico!</p> <p>#wwim12_poa #instameetkit #micuadrado □□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□</p>	
<p>ctober 03, 2015 at 11:03AM</p>	<p>ninecopetti</p>	<p>Bom dia □□! Bora aproveitar o finde!?</p> <p>Hoje tem #wwim12_poa e #euvou!!! Chuva, fique bem longe, ok? □□□□</p> <p>@luanajacoby Lu, viciiei nesse English Breakfast! ♥ □ @paulabarista guardei o bigodón do Duque!!! □□ #cafedamanha #chadamanha #englishbreakfast #twinings #loveit #breakfast #tealover #morning #bomdia #buenosdias #buongiorno #bonjour #goodmorning #gutenmorgen #hyväähuomenta #saturdaymorning #weekend</p>	

<p>October 03, 2015 at 01:51PM</p>	<p>hevertonflores</p>	<p>Partiu #wwim12_poa Louco para conhecer os Instamigos. #igerspoa #igersrs #igersbrasil #igers #portoalegre #ig_riograndedosul_ #ig_brazil_ #doleitorZH #brstreet #streetphoto_brasil #bestnatureshot #bd_brazil #great_captures_brasil #click_n_share #cameraemfoco #icu_brazil #instadozamigos #braznu #respirofotografia #brasil_greatshots #olharesemimagens #brasildosmeusolhos_ #apreciadores_natureza #brasilbr55_rs #brasil_na_foto #brazil_repost</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:13PM</p>	<p>fabio_fx</p>	<p>Começou o WWIM12! Obrigado pelo lindo presente @micuadrado e @vicky_poa!!! #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:16PM</p>	<p>fabio_fx</p>	<p>#wwim12_poa #wwim12 #igerspoa</p>	



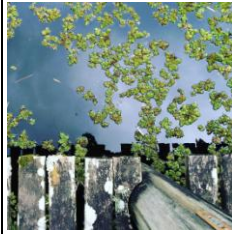

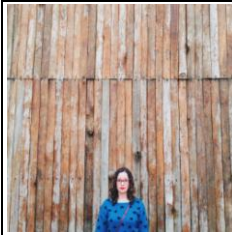


<p>October 03, 2015 at 02:19PM</p>	<p>glacymachado</p>	<p>#wwim12_poa #wwim12</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:23PM</p>	<p>glacymachado</p>	<p>#wwim12 #wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:25PM</p>	<p>ccastalon</p>	<p>#wwim12_poa #wwim12 #igers #igersrs #igerspoa #ig_riograndedosul_ #jardimbotanico</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:44PM</p>	<p>faborade</p>	<p>#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #portoalegre #igerspoa_natureza #igerspoa_árvore #instagramers</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:46PM</p>	<p>alex130869</p>	<p>#wwim12_poa #wwim12</p>	
<p>October 03, 2015 at 02:50PM</p>	<p>paulinha55</p>	<p>#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:05PM</p>	<p>fufelizaqui</p>	<p>☐ ☺ ☐ ☐ #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #instameet</p>	


October 03, 2015 at 03:06PM	micuadrado	#wwim12 #wwim12_poa Mais de 50 Instagramers na foto oficial desta edição!	
October 03, 2015 at 03:09PM	janabopp	Cadê? #wwim12_poa #instmeet #igerspoa #PortoAlegre	
October 03, 2015 at 03:10PM	fabio_fx	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa	
October 03, 2015 at 03:11PM	ze_fernandoo	#wwim12_poa	
October 03, 2015 at 03:21PM	fabiorade	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igerspoa_natureza #jardimbotanico #portoalegreoficial #instagram	
October 03, 2015 at 03:23PM	fuifelizaqui	□□□□ #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #instameet	
October 03, 2015 at 03:23PM	fabio_fx	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa	
October 03, 2015 at 02:42PM	viniciusvogel	Instameet #photooftheday #picoftheday #pictureoftheday #phototag_it #instagram #instagood #instagoodmyphoto #ig_worldclub #under3kyo #quietthechaos #colorful #igpowerclub #ig_today #ig_mood	






		#ig_exquisite #tip#iphone6 #mobgrafia #iphone #instameet #instameetpoa #instameet2015 #jardimbotanico	
October 03, 2015 at 03:25PM	glacymachado	#wwim12 #wwim12_poa	
October 03, 2015 at 03:27PM	fabio_fx	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #Instagramers Pic by @rodrigo_rodrigues	
October 03, 2015 at 03:29PM	glacymachado	#wwim12 #wwim12_poa	
October 03, 2015 at 03:30PM	fuifelizaqui	Não é bonitinha a bandeira oficial do #instameet ?! #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa	
October 03, 2015 at 03:31PM	fabiorade	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #instagram #portoalegre #jardimbotanico #igerspoa_natureza #arvores #minhalente #fotografia	
October 03, 2015 at 03:32PM	giomangia	<3 #wwim12_poa #igerspoa #wwim12	
October 03, 2015 at 03:35PM	giomangia	Momento formando o S do Insta rrsr #wwim12_poa #wwim12_poa #igerspoa	




<p>October 03, 2015 at 03:36PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>#igerspoa #igersbrasil #ig_riograndedosul #portoalegre #wwim12_poa #wwim12 #vscocam</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:43PM</p>	<p>alex130869</p>	<p>#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:44PM</p>	<p>sandra_henriques</p>	<p>Insta 360° #wwim12 #wwim_poa #wwim12_poa #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:49PM</p>	<p>fuifelizaqui</p>	<p>INSTA Foto 360°! #fuifelizaqui #Repost @thomaserh360 . . . Worldwide Instameet 12 #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:49PM</p>	<p>viniciusvogel</p>	<p>Instameet #photooftheday #picoftheday #pictureoftheday #phototag_it #instagram #instagood #instagoodmyphoto #ig_worldclub #under3kyo #quietthechaos #colorful #igpowerclub #ig_today #ig_mood #ig_exquisite #igerspoa #igersrs #portoalegre #igersbrasil #portoalegripictures #riograndedosul #iphone6 #mobgrafia #iphone #wwim12_poa #bnw #blackandwhite #360</p>	
<p>October 03, 2015 at 03:50PM</p>	<p>isabeldepauli</p>	<p>Oi #wwim12_poa</p>	


October 03, 2015 at 03:50PM	coleccionandoviagens	Encontro de instagrammers em Porto Alegre! #wwim12_poa #portoalegre #poa	 @thomaserh360
October 03, 2015 at 03:51PM	santigonzaga	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa @micuadrado	
October 03, 2015 at 03:51PM	alex130869	TOP PHOTO!!!! #Repost @thomaserh360 with @repostapp. . . . Worldwide Instameet 12 #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa	
October 03, 2015 at 03:51PM	lucasfranckbro	#WWIM12 #WWIM12_poa @instagram @instagrambrasil	
October 03, 2015 at 03:53PM	fabio_fx	@Regrann from @thomaserh360 - Worldwide Instameet 12 #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #insta #Instagramers #Regrann	
October 03, 2015 at 03:57PM	sahcarvalh0	#wwim12_poa #igerspoa #igersrs	
October 03, 2015 at 03:57PM	vs.aline	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #vscocam #vsco	

October 03, 2015 at 03:59PM	sandra_henriques	#wwim12 #wwim_poa #wwim12_POA #instameetpoa #igerspoa	
October 03, 2015 at 03:59PM	ccastalon	#wwim12 #wwim12_poa #igers #igersrs #igerspoa #ig_riograndedosul_	
October 03, 2015 at 03:59PM	nynecopetti	Instameet PoA tá rolando no Jardim Botânico! Tá lindo! ❤️ #wwim12_poa #instapoa #instameetpoa #igersbrasil #igerspoa #jardimbotanico #picoftoday #photograpy #botanicalgardens	
October 03, 2015 at 04:02PM	gdarolt_	#wwim12_poa #portoalegre #riograndedosul #igersPoa #igersrs #igersbrasil	
October 03, 2015 at 04:03PM	vs.aline	#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #vscocam #vsco	
October 03, 2015 at 04:06PM	diana_ferreira199 3	#wwim12_poa Mega bom...	
October 03, 2015 at 04:10PM	sandra_henriques	#wwim12_POA #wwim12 #wwim_poa	






<p>October 03, 2015 at 04:12PM</p>	<p>sahcarvalh0</p>	<p>#wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #vscocam #vsco #nature</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:15PM</p>	<p>viniciusvogel</p>	<p>Instameet! #wwim12 #wwim12_poa #photooftheday #picoftheday #pictureoftheday #phototag_it #instagram #instagood #instagoodmyphoto #ig_worldclub #under3kyo #quietthechaos #colorful #igpowerclub #ig_today #ig_mood #ig_exquisite #igerspoa #igersrs #portoalegre #igersbrasil #portoalegrepictures #riograndedosul @thomaserh360</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:16PM</p>	<p>giomangia</p>	<p>#wwim12_poa #wwim12 #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:20PM</p>	<p>ninecopetti</p>	<p>Primeira vez no Jardim Botânico de Porto Alegre! E num encontro pra lá de bacana! □□□□❤️ #wwim12_poa #instameetpoa #instagramers #igerspoa #igersbrasil #instapoa #jardimbotanico #portoalegre</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:23PM</p>	<p>lucasfranckbro</p>	<p>#todayimet Elin! #WWIM12_poa #WWIM12</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:23PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>#igerspoa #igersbrasil #ig_riograndedosul #portoalegre #wwim12_poa #wwim12 #vscocam</p>	



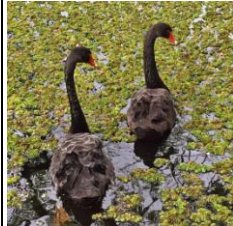


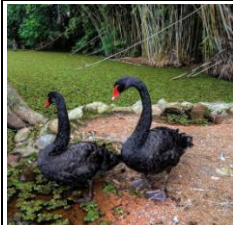

<p>October 03, 2015 at 04:24PM</p>	<p>isabeldepauli</p>	<p>#wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 04:28PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>#igerspoa #igersbrasil #ig_riograndedosul #portoalegre #wwim12_poa #wwim12 #vscocam</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:10PM</p>	<p>fernando_berthold</p>	<p>Sempre ao seu lado! ❤️❤️❤️</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:11PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>Galera do Instagram #Repost @thomaserh360 with @repostapp. . . . Worldwide Instameet 12 #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:16PM</p>	<p>hevertonflores</p>	<p>Organizadores Instameet Porto Alegre. Valeu pessoal! Vocês são demais!!! . #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #igers #portoalegre #achadosdasemana #ig_riograndedosul_ #ig_brazil_ #doleitorZH #brstreet #streetphoto_brasil #bestnatureshot #bd_brazil #great_captures_brasil</p>	







		<p>#click_n_share #cameraemfoco #icu_brazil #insta_pensadores #instadozamigos #braznu #respirofotografia #brasil_greatshots #olharesemimagens #brasildosmeusolhos_ #apreciadores_natureza #brasilbr55_rs #brasil_na_foto #brazil_repost</p>	
October 03, 2015 at 05:17PM	igerspoa	<p>. Nosso encontro foi incrível! Mais uma vez! . Muito obrigado pela presença de todos! . Esteve no Instameet? Use a tag #wwim12_poa e #wwim12 para concorrer às seleções locais e internacionais. . Foto por @thomaserh360 . Breve publicaremos mais!</p>	
October 03, 2015 at 05:17PM	fernando_berthold	<p>#wwim12_poa #wwim12</p>	
October 03, 2015 at 05:19PM	ninecopetti	<p>Muita coisa boa em um só dia, muito amor em uma só foto! ❤️ @elingodois e @mary_poulain gurias queridas, adorei conhecer vocês! Pena que tive que fugir! Que a gente possa tomar um café com brigadeiro logo, logo! ☺️☺️☺️ Instameet Poa rolando no Jardim Botânico! ☺️☺️☺️ #wwim12_poa #instameetpoa</p>	




		#instagramers #jardimbotanico #portoalegre #instapoa #igerspoa	
October 03, 2015 at 05:21PM	hevertonflores	Foi demais, amizades fortalecidas e outras novas. . #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #igers #portoalegre #achadosdasemana #ig_riograndedosul_ #ig_brazil_ #doleitorZH #brstreet #streetphoto_brasil #bestnatureshot #bd_brazil #great_captures_brasil #click_n_share #cameraemfoco #icu_brazil #insta_pensadores #instadozamigos #braznu #respirofotografia #brasil_greatshots #olharesemimagens #brasildosmeusolhos_ #apreciadores_natureza #brasilbr55_rs #brasil_na_foto #brazil_repost	


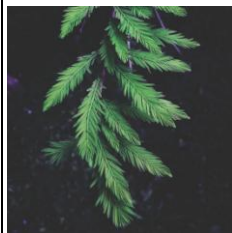
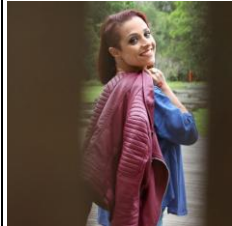
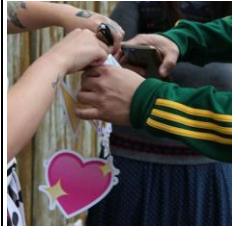

<p>October 03, 2015 at 05:22PM</p>	<p>ninecopetti</p>	<p>Yey!!! Nós no Instameet 2015 em Porto Alegre!!! Uhuuu!!! Amei essa foto!!! □□□♥ □□👉□□ #igerspoa #igersbrasil #wwim12_poa #instameetpoa #portoalegre #jardimbotanico</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:26PM</p>	<p>ninecopetti</p>	<p>Caraca, muleque!!! Bom demais esse #wwim12_poa! Novos amigos embalados pelo Insta! □♥ Gurias... Esqueci o nome do nosso amiguinho, me ajudem!!! □ #instapoa #instameetpoa #wwim12_poa #igerspoa #igersbrasil #portoalegre #jardimbotanico</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:31PM</p>	<p>ninecopetti</p>	<p>Um nome para esses lindos? □□ #wwim12_poa #instameetpoa #igerspoa #igersbrasil #instapoa #instagramerspoa</p>	
<p>October 03, 2015 at 05:33PM</p>	<p>allexrp.rs</p>	<p>Instameet POA. Muito massa. □□□□ #Repost @igerspoa with @repostapp Nosso encontro foi incrível! Mais uma vez! . Muito obrigado pela presença de todos! . Esteve no Instameet? Use a tag #wwim12_poa e #wwim12 para concorrer às seleções locais e internacionais. . Foto por @thomaserh360 . Breve publicaremos mais!</p>	
<p>October 03, 2015 at 06:25PM</p>	<p>leoalbuquerquepoa</p>	<p>. #wwim12_poa</p>	









<p>October 03, 2015 at 06:27PM</p>	<p>lulualves</p>	<p>Instameet Poa /Jardim Botânico #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #instagram #instameet #portoalegre #360 ☆ Foto de @thomaserh360</p>	
<p>October 03, 2015 at 06:28PM</p>	<p>fabio_fx</p>	<p>#PortoAlegre #Brazil #PortoAlegrePB #BNW_Planet #igerspoa #DoLeitorZH #PortoAlegreOficial #igerspoa_pb #supertarz_bw #Love_BNW #BRBW #Amateurs_BNW #BNW_Magazine #wwim12_poa #igerspoa_pb #polarisbnw_arts #Braznu #Amateurs_BNW #ICU_BW #bnw_life #ig_contrast_bnw #BNW_Society #match_bw #BNW_Captures #ae_bnw #bnw_rose #bw_divine #click_n_share #Instagramers</p>	
<p>October 03, 2015 at 06:29PM</p>	<p>fabbiomota</p>	<p>Foi demais! #wwim12_poa #wwim12 #instameet #igerspoa #portoalegre #arte Photo by @thomaserh360</p>	
<p>October 03, 2015 at 06:29PM</p>	<p>vitorbisch</p>	<p>☐INSTAMEET☐ O sol não apareceu hoje, mas o encontro foi demais! Um prazer imenso conhecer pessoas tão talentosas! Valeu @igerspoa @instagram . #wwim12 #wwim12_poa #portoalegre #portoalegrefictures #portoalegreoficial #doleitorzh</p>	
<p>October 03, 2015 at 06:32PM</p>	<p>elingodois</p>	<p>@fuifelizaqui ❤️ #wwim12_poa #wwim12</p>	

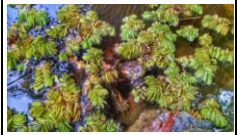





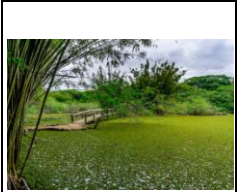

October 03, 2015 at 06:33PM	faborade	Muito show!!! #instagram #igerspoa #portoalegre #wwim12 #wwim12_poa #foto360 by @thomaserh360	
October 03, 2015 at 06:36PM	mmbradshaw	#wwim12_poa #igerspoa #wwinstagram	
October 03, 2015 at 06:37PM	alex130869	Nado sincronizado !! #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa	
October 03, 2015 at 06:37PM	alexrp.rs	Instameet POA. #wwim12 #wwim12_poa	
October 03, 2015 at 06:38PM	viniciusborg	Parabéns para toda equipe e envolvidos! Principalmente aos que fizeram as letras □□□ eu fazia parte do grupo "N" #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #instameetkit #igersoftheday #igersbrasil #igersworldwide #igers #photo360 #360 #insta #jardimbotanicors #jardimbotanico #poa #group #photographer	
October 03, 2015 at 07:00PM	viniciusborg	#igers #igerspoa #igersbrasil #wwim12_poa #wwim #wwim12 #instameet #animals #jardimbotanico	
October 03, 2015 at 07:02PM	fabio_fx	#PortoAlegre #Brazil #PortoAlegrePB #BNW_Planet #igerspoa #DoLeitorZH #PortoAlegreOficial #igerspoa_pb #wwim12_poa #supertarz_bw #Love_BNW #BRBW #Amateurs_BNW #BNW_Magazine	





		#igerspoa_pb #polarisbnw_arts #Braznu #Amateurs_BNW #ICU_BW #bnw_life #ig_contrast_bnw #BNW_Society #match_bw #BNW_Captures #ae_bnw #bnw_rose #bw_divine #click_n_share #Instagramers	
October 03, 2015 at 07:06PM	viniciusborg	#jardimbotanico #wwim12_poa #instameet #wwim12 #wwim #grey #igerspoa #igers #igersbrasil	
October 03, 2015 at 07:08PM	rafacm2	Valeu hein! ☐ . . . Encontro dos TOP fotógrafos do INSTAGRAM Porto Alegre #instameet #instameetr #wwim12_poa	
October 03, 2015 at 07:11PM	fabbiomota	#instameet #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #portoalegre #vscocam #vscogram #vscogrid	
October 03, 2015 at 07:12PM	fernando_berthold	#wwim12_poa #wwim12 #igerspoa	
October 03, 2015 at 07:13PM	sahcarvalh0	Perdi algumas fotos do meu celular (#triste) mas ganhei essa linda aqui do @gmribeiro_ com o @fuifelizaqui. ADOREI! Sucesso, amigos! ☐ #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #fuifelizaqui	
October 03, 2015 at 07:16PM	vitorbisch	Ainda sobre hoje Em contato com a natureza, mas sem contato! ☐☐☐ . . . [Instameet]	

		<p>. #wwim12 #wwim12_poa #doleitorzh #greenpicture #arteemfoco #descubrar #great_photoworld #ig_riograndedosul_ #igersrs #igerspoa #instagrambrasil #instapensadores #landscape #my_flagrants #nomeuolhar #olhareseimagens #portoalegre #waterart #sayhitothewater #portoalegripictures #communityfirst #respirofotografia #vsco #vscocam #naturelover</p>	
October 03, 2015 at 07:16PM	amandadigiorgio	deboanalagoa #wwim12_poa #wwim12	
October 03, 2015 at 07:21PM	fabbiomota	<p>Clássica. #wwim12_poa #wwim12_poa #igerspoa #instameet #vsco #vscogrid #vscogram #portoalegre</p>	
October 03, 2015 at 07:22PM	sandra_henriques	<p>#wwim12_POA #wwim12 #wwim_poa #igerspoa #instameetpoa</p>	
October 03, 2015 at 07:26PM	sandra_henriques	<p>#wwim12_POA #wwim12 #wwim_poa #igerspoa #instameetpoa</p>	
October 03, 2015 at 08:49PM	nanymayer	<p>Jump ! Click @venicafb #wwim12 #wwim12_poa #fuifelizaqui</p>	

<p>October 03, 2015 at 08:51PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>1, 2, 3 e já! Click @venicafb #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #fuifelizaqui</p>	
<p>October 03, 2015 at 08:54PM</p>	<p>vitorbisch</p>	<p>SIMPLICIDADE! . [#INSTAMEET] . [□] . #super_brazil #doleitorzh #wwim12 #wwim12_poa #greenpicture #arteemfoco #bd_brazil #best_photogram #brasil_greatshots #descubras #great_photoworld #ig_riograndedosul_ #vsco #great_captures_Brasil #igersrs #igerspoa #instagrambrasil #instapensadores #landscape #my_flagrants #nomeuolhar #olhareseimagens #pixmania #portoalegre #portoalegrepictures #communityfirst #respirofotografia #super_shotz #vscocam</p>	
<p>October 03, 2015 at 08:56PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>Pq ela é Musa! @venicafb #wwim12_poa #wwim12</p>	
<p>October 03, 2015 at 08:57PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>□ #wwim12 #wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 08:58PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>□ #wwim12 #wwim12_poa</p>	

<p>October 03, 2015 at 09:07PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>#igerspoa #igersbrasil #ig_riograndedosul #portoalegre #wwim12_poa #wwim12 #vscocam</p>	
<p>October 03, 2015 at 09:13PM</p>	<p>rafacm2</p>	<p>Teve filme tbm. #instameet #instameetrs #wwim12_poa #photofilm</p>	
<p>October 03, 2015 at 09:25PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>Rafael ! #wwim12 #wwim12_poa #fuifelizaqui</p>	
<p>October 03, 2015 at 09:34PM</p>	<p>gmribeiro_</p>	<p>@fuifelizaqui com @igerspoa #igerspoa #igersbrasil #ig_riograndedosul #portoalegre #wwim12_poa #wwim12 #vscocam #fuifelizaqui</p>	
<p>October 03, 2015 at 09:36PM</p>	<p>alexrp.rs</p>	<p>Instameet POA. #wwim12 #wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 10:49PM</p>	<p>jp_almeid</p>	<p>☐ A máscara sabe. <3 #wwim12 #instameetpoa #wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 10:49PM</p>	<p>nanymayer</p>	<p>#wwim12 #wwim12_poa</p>	
<p>October 03, 2015 at 10:51PM</p>	<p>jp_almeid</p>	<p>A beleza natural ☐ #wwim12_poa #wwim12</p>	

October 03, 2015 at 10:52PM	jp_almeid	Tuga ☐ #wwim12_poa #wwim12 #jardimbotanico	
October 03, 2015 at 10:54PM	jp_almeid	☐☐☐☐ #wwim12 #wwim12_poa #jardimbotanico	
October 03, 2015 at 10:57PM	nadiapoa	#amigersbr #click_n_share #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #ig_riograndedosul_ #instagramers #instameet	
October 03, 2015 at 11:01PM	nadiapoa	#insta #instagramers #instameet #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #ig_riograndedosul_	
October 03, 2015 at 11:11PM	ninecopetti	New tatoo {1} especialmente feita para o #wwim12_poa! ❤️ 🙌☐☐	
October 03, 2015 at 11:30PM	jamithbermudez	Instameet POA. #landscape #lake #green #bamboo #nature #wwim12 #wwim12_poa #igersbrasil #igerspoa #igersrs #brasiliangallery #sony #mirrorless #a6000	
October 03, 2015 at 11:32PM	jamithbermudez	Instameet POA. #landscape #lake #green #bamboo #nature #wwim12 #wwim12_poa #igersbrasil #igerspoa #igersrs #brasiliangallery #sony #mirrorless #a6000	
October 03, 2015 at 11:35PM	mauriciothomsen	"Uma foto 360 ou morte!" #hojeeuconheci @thomaserh360 #wwim12_poa #WWIM12 #todayimet	

October 03, 2015 at 11:40PM	jamithbermudez	Instameet POA. #red #fruit #pitanga # #braziliancherry #nature #wwim12 #wwim12_poa #igersbrasil #igerspoa #igersrs #brasiliangallery #sony #mirrorless #a6000 #pocket_dof	
October 03, 2015 at 11:49PM	mary_poulain	❤️ Clique: @gmribeiro_ #wwim12 #wwim12_poa #instagrambrasil #igersrs #igerspoa	
October 03, 2015 at 11:55PM	giomangia	Valeu @micuadrado e o @igerspoa pelo que presente que ganhei no evento \o/ #wwim12_poa #wwim12 #instameet #igerspoa	
October 03, 2015 at 11:56PM	lulualves	By @byelix #travelgirl #instameet #wwim12_poa #wwim12 #igerspoa #instagram #whoifollow #cuadrado #iloveu #i♥️#i♥️u	

As técnicas podem ser utilizadas nessa abordagem etnográfica partem primeiramente daquela que compreendemos ser uma das principais formas de exploração da metodologia etnográfica, tanto em relação a sua origem clássica quanto na proposta de uma etnografia móvel.

OBSERVAÇÃO

A observação do objeto de estudo é fundamental para que se questione como será possível *a posteriori* a compreensão do campo. Em sua característica para os métodos móveis, a observação é como uma sombra que o pesquisador constrói em função daquilo que será pesquisado. Como a proposta de procedimento metodológico é para os estudos da comunicação social, e principalmente para uma

comunicação móvel, parte-se da observação de como este grupo começou a se mobilizar através da rede social móvel Instagram, que é o foco como viés de ferramenta de estudo metodológico. Como já se salientou, tenta-se promover uma nova metodologia, o que permite trazer outras ferramentas para descrever no diário de pesquisa sem prejuízo do foco principal.

Um recurso aliado à observação é o *social positioning*, que através do GPS permite verificar o local onde são realizadas as postagens, ou seja, permite ver o deslocamento dos indivíduos em um território. No caso do *instameet* do Wwin12_poa os indivíduos combinaram previamente de se encontrar em um determinado local para a realização do encontro - no caso o Jardim Botânico de Porto Alegre. Porém, este evento é um encontro de uma comunidade maior que foi observada anteriormente, o Igerspoa – Instagramers Poa, grupo que foi o organizador do encontro em comemoração ao aniversário do Instagram.

Além do #Wwin12_poa se observou o grupo em sua proposta enquanto comunidade, para compreender como a circulação de publicações de imagens poderia representar um significado cultural enquanto recurso móvel. O que se pode perceber diante desta observação é que a mobilidade da informação se dá por meio da representação dos locais que são apontados em todas as imagens publicadas pelos usuários. É uma comunidade que busca representar a cidade a partir de imagens apontando suas potencialidades. Além disso, periodicamente são lançados desafios fotográficos pelos tutores do grupo, isto além de potencializar a interação, também organiza um rastro dos locais de Porto Alegre que passam a ter um significado maior perante esta comunidade. Após o desafio, há a escolha da imagem, ou das imagens de destaque, o que incentiva o grupo na produção.

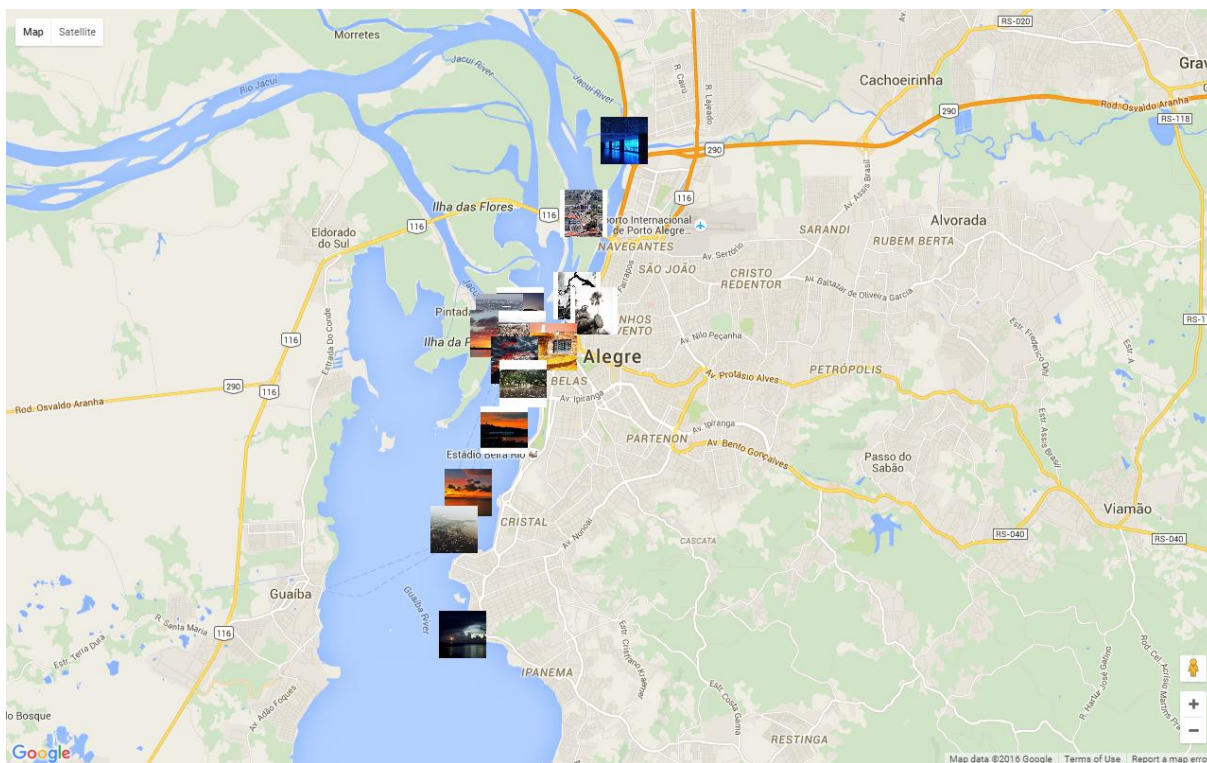


Figura 26: O rastreamento das hashtags ajudou na percepção de como se alinhou esse mapa de postagens entre os participantes.

Fonte: Mapa produzido pela autora

PARTICIPAÇÃO

A participação mais direta concretizou-se na vinculação da pesquisadora como participante do grupo como InstagramersPoa, observando, publicando imagens e colaborando com as postagens alimentando, assim, a comunidade. É uma forma de imersão na comunidade enquanto pesquisador, construindo a interação e participando do processo. No caso destes tipos de grupos que se formam em espaços híbridos utilizando os espaços digitais e urbanos das cidades, é possível que o pesquisador passe a fazer parte como integrante de forma mais aprofundada, tornando-se um integrante participativo do grupo, devido justamente a fluidez destes espaços, da circulação de integrantes e da mobilidade de troca de informações que se configura. Estas redes sociais móveis possuem estas características, de fluidez e movimento, o que não descaracteriza a fortificação de sua proposta.

Nesta técnica, não se chegou a realizar uma entrevista, nem durante o encontro do aniversário do Instagram, o *instameet* Wwin12_poa, mesmo estando presente, devido à adaptação da metodologia e à configuração dos participantes enquanto grupo. No entanto, a participação durante o evento realizado no Jardim Botânico e na comunidade Igerspoa no Instagram, permite entender que o movimento gerado cria uma rede de conexão fortificada pelos locais nos quais as imagens são publicadas. São os locais postados que geram conexões entre os participantes, o que leva a entender que há uma ressignificação dos territórios quando passam a fazer parte deste grupo no Instagram.

No caso do *instameet* em outubro de 2015, embora um local tenha sido escolhido para a reunião do grupo, o caminhar pelo espaço e o fato de experimentá-lo em imagens era o fator mais importante para a demonstração de homenagem ao aniversário da rede social móvel Instagram. Estes pontos foram percebidos ao circular junto aos participantes durante a reunião e observar as trocas de mapas do local, adesivos, sorteio de brindes e organização do grupo em diversos pontos do Jardim Botânico de Porto Alegre para a tirada de fotografias em grupo.

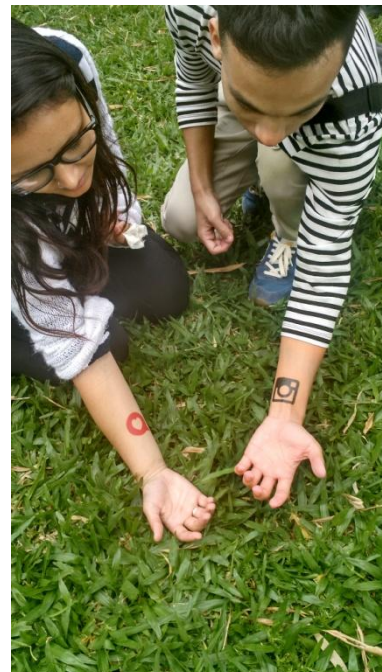




Figura 27: Imagens do Instameet realizado no #Wwin12_POA

Fonte: A autora

Estas publicações fazem parte do diário de pesquisa, construído através de imagens. A participação se deu a partir do momento em que se acompanhou não apenas o momento de encontro presencial do grupo e suas postagens no dia da comemoração do aniversário do Instagram, mas do acompanhamento do evento antes, durante e depois de sua realização.

ETNOGRAFIA MULTISITUADA

Como já se observou a etnografia multisituada é mais que uma técnica. Ela é um pressuposto que ampara a etnografia móvel proposta por George Marcus (2001)

como diretriz para entender como base esta proposta de procedimento metodológico diante do Paradigma das mobilidades, método que embasa a tese de doutorado. No entanto, ela também é utilizada como uma técnica para compreensão das mensagens produzidas e trocadas por um grupo em locais diferenciados, tendo como foco a observação do movimento, principalmente no que se refere à virtualidade das conversações. O grupo InstagramersPoa utiliza a rede social móvel Instagram como plataforma de sua interação e conexão de rede entre os indivíduos para referenciar os locais e interagir entre si a partir de suas postagens. A etnografia multisituada pode ser estudada a partir destas postagens e das *hashtags*.

Ao observar a tabela, acima, do Instameet Wwin12_poa, compreende-se que as *hashtags* são mais voltadas à identificação do evento e do grupo Igerspoa, além disso, o local é referenciado apenas em algumas postagens, citando a cidade de Porto Alegre, o estado do Rio Grande do Sul e o local do encontro, o Jardim Botânico. Isso representa o local e o movimento que é gerado mesmo que o evento tenha sido realizado em um lugar específico. Neste caso, o espaço geográfico é menos referenciado, e o mais destacável é o movimento realizado no espaço virtual, no caso o Instagram e a mobilidade da informação gerada pelo grupo a partir do local.

Para ilustrar, trazem-se algumas conversações da tabela referenciada acima, referentes à mobilidade da informação por meio das *hashtags* que envolviam além da indicação do evento #Wwin12_poa, outras que promoviam o movimento na conexão entre a rede.

<p>October 03, 2015 at 01:51PM</p>	<p>hevertonflores</p>	<p>Partiu #wwim12_poa Louco para conhecer os Instamigos. #igerspoa #igersrs #igersbrasil #igers #portoalegre #ig_riograndedosul_ #ig_brazil_ #doleitorZH #brstreet</p>
--	-----------------------	--

		<p>#streetphoto_brasil #bestnatureshot #bd_brazil #great_captures_brasil #click_n_share #cameraemfoco #icu_brazil #instadozamigos #braznu #respirofotografia #brasil_greatshots #olharesemimagens #brasildosmeusolhos_ #apreciadores_natureza #brasilbr55_rs #brasil_na_foto #brazil_repost</p>
October 03, 2015 at 02:25PM	Ccastalon	<p>#wwim12_poa #wwim12 #igers #igersrs #igerspoa #ig_riograndedosul_ #jardimbotanico</p>
October 03, 2015 at 03:21PM	Fabiorade	<p>#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igerspoa_natureza #jardimbotanico #portoalegreoficial #instagram</p>
October 03, 2015 at 02:42PM	Viniciusvogel	<p>Instameet #photooftheday #picoftheday #pictureoftheday #phototag_it #instagram #instagood #instagoodmyphoto #ig_worldclub #under3kyo #quietthechaos #colorful #igpowerclub #ig_today #ig_mood #ig_exquisite #tip#iphone6 #mobgrafia #iphone #instameet #instameetpoa #instameet2015 #jardimbotanico</p>
October 03, 2015 at 03:31PM	fabiorade	<p>#wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #instagram #portoalegre #jardimbotanico #igerspoa_natureza #arvores #minhalente #fotografia</p>
October 03, 2015 at 03:59PM	ninecopetti	<p>Instameet PoA tá rolando no Jardim Botânico! Tá lindo! ❤️ #wwim12_poa #instapoa #instameetpoa #igersbrasil #igerspoa #jardimbotanico #picoftheday #photograpy #botanicalgardens</p>
October 03, 2015 at 04:20PM	ninecopetti	<p>Primeira vez no Jardim Botânico de Porto Alegre! E num encontro pra lá de bacana!☐☐☐☐❤️ #wwim12_poa #instameetpoa #instagramers #igerspoa #igersbrasil #instapoa #jardimbotanico #portoalegre</p>

<p>October 03, 2015 at 05:16PM</p>	<p>hevertonflores</p>	<p>Organizadores Instameet Porto Alegre. Valeu pessoal! Vocês são demais!!! . #wwim12 #wwim12_poa #igerspoa #igersrs #igersbrasil #igers #portoalegre #achadosdasemana #ig_riograndedosul_ #ig_brazil_ #doleitorZH #brstreet #streetphoto_brasil #bestnatureshot #bd_brazil #great_captures_brasil #click_n_share #cameraemfoco #icu_brazil #insta_pensadores #instadozamigos #braznu #respirofotografia #brasil_greatshots #olharesemimagens #brasildosmeusolhos_ #apreciadores_natureza #brasilbr55_rs #brasil_na_foto #brazil_repost</p>
--	-----------------------	---

Abaixo, uma representação do mapeamento de algumas imagens produzidas pelo grupo InstagramersPOA no dia do *instameet* do Wwin12_Poa. Este mapa apenas ilustra algumas das fotografias realizadas no Jardim Botânico em Porto Alegre.

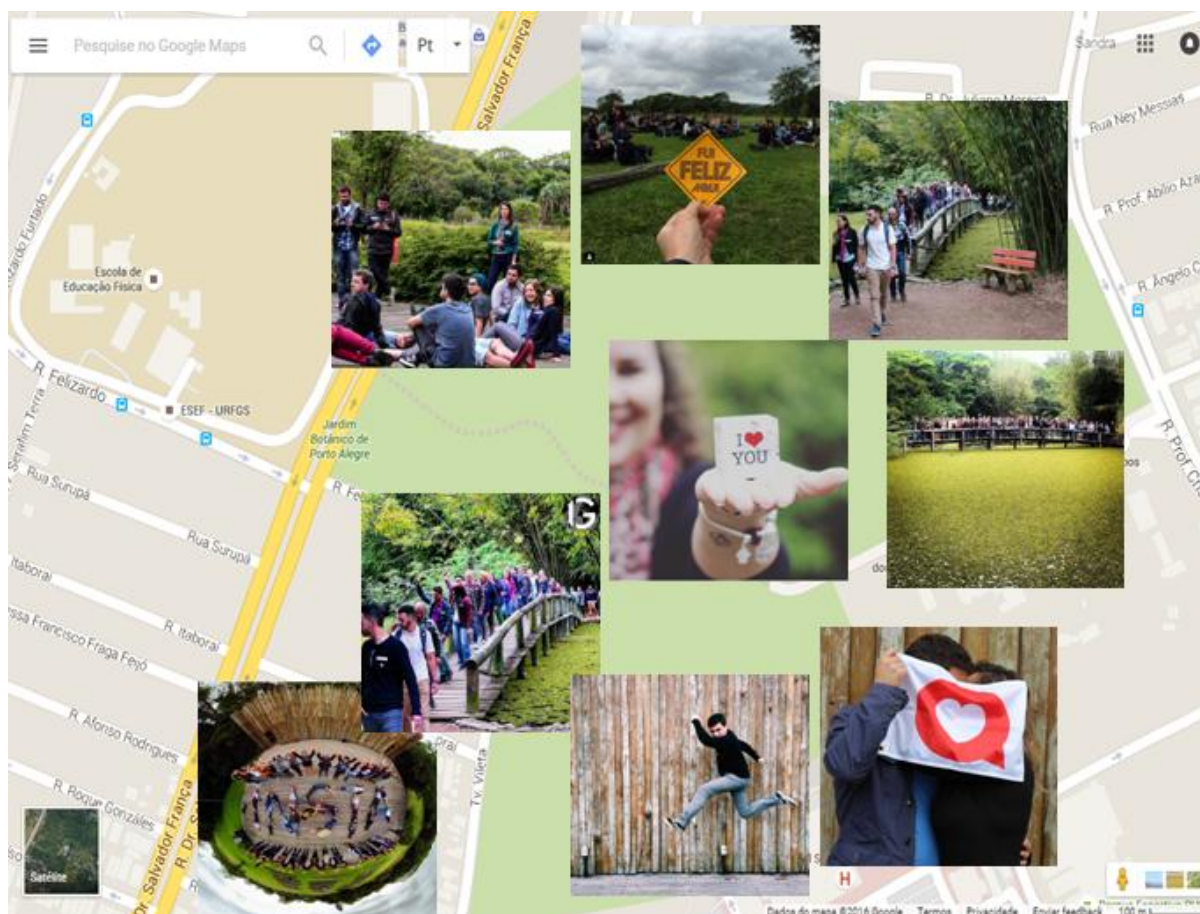


Figura 28: Mapa Jardim Botânico de Porto Alegre/ imagens Instameet Wwin12_POA

Fonte: Mapa produzido pela autora

Em relação ao grupo InstagramersPoa, de uma forma geral, a etnografia multisituada ajuda a compreender a mobilidade da informação, com o conteúdo postado em cada imagem, e também a entender a mobilidade junto aos locais da cidade, pois a cada fotografia publicada, há a identificação de onde ela foi tirada. Isso permite visualizar o rastro deixado através de imagens pelo grupo no Instagram, potencializando o espaço híbrido com a comunicação realizada em rede. As *hashtags*, neste caso, são importantes, mas o que se destaca é a identificação dos lugares como ponto principal. A comunidade possui quase cinco mil postagens dos mais diversos pontos da cidade de Porto Alegre, tendo mais de 27 mil seguidores. É uma ampla rede de conexão que tem como foco principal conectar os locais da cidade em imagens pelo olhar dos indivíduos.

MÉTODOS DE POSICIONAMENTO MÓVEL - MOBILE POSITIONING METHODS

Este tipo de técnica utilizada na etnografia móvel é a mais ampla forma de pesquisa, pois utiliza a tecnologia móvel, principalmente da telefonia celular e do uso do sistema de geolocalização GPS, como ferramentas fundamentais no auxílio da coleta de dados no campo estudado. Como se viu até o momento, os estudos da mobilidade na comunicação estão bastante amparados nestes dispositivos que atualmente permitem ampliar as formas de interação, comunicação no cotidiano, e também potencializam a maneira como a informação passa a circular e empoderar os indivíduos, devido a possibilidade de propagação da mesma em qualquer espaço por meio da conexão de rede e das tecnologias móveis.

Desta forma, salienta-se que, embora destacada das demais, esta seja uma das técnicas que está presente em todos os demais procedimentos metodológicos realizados através da etnografia móvel.

No caso do grupo InstagramersPoa, os locais são identificados na legenda da imagem e não em forma de *checkin* utilizando o GPS. Isto se dá pelo fato de que as fotografias e vídeos são selecionados pelas *hashtags* vinculadas ao #igerspoa. Os organizadores da comunidade fazem uma seleção das imagens e as publicam no perfil da comunidade, identificando a autoria e o local. O posicionamento móvel neste caso é utilizado pelos participantes na hora da postagem da fotografia com a *hashtag* do grupo #igerspoa, não sendo utilizada pelo perfil da comunidade na hora da seleção e republicação das imagens. O interessante, neste caso, é que o movimento não está referenciado em tempo real, como propõe a técnica. Mas ela está referenciada, aqui, pela importância fundamental das tecnologias móveis para o estudo etnográfico da mobilidade na comunicação.

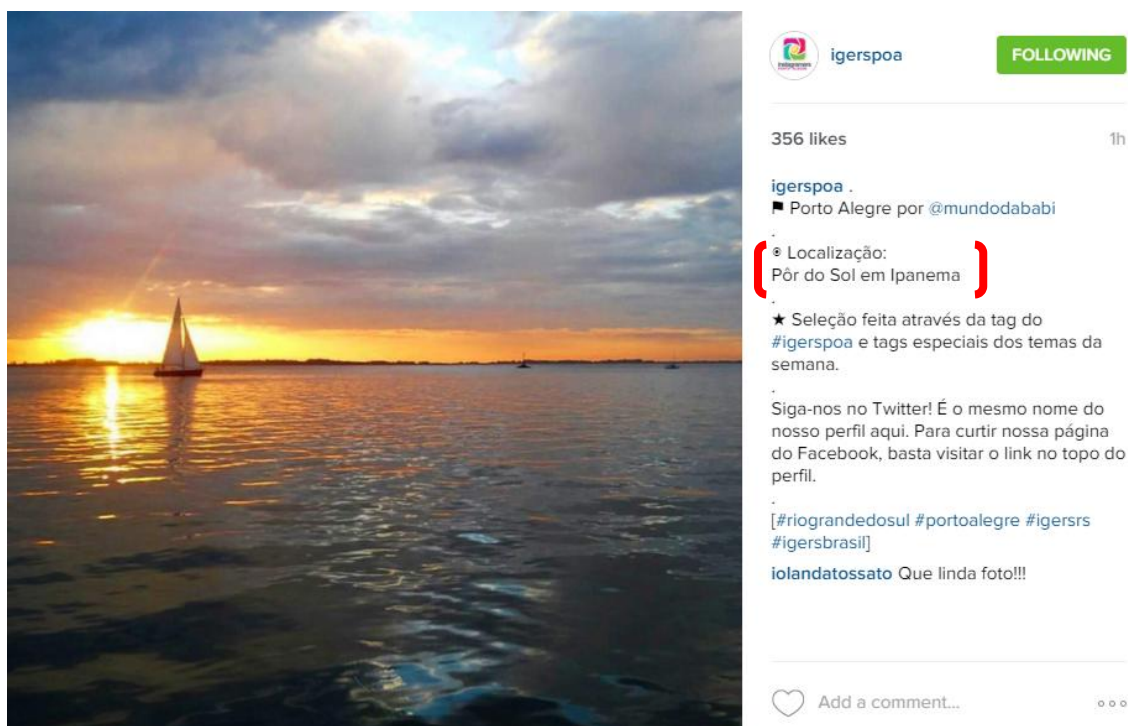


Figura 29: Pôr do sol em Ipanema

Fonte: Instagram

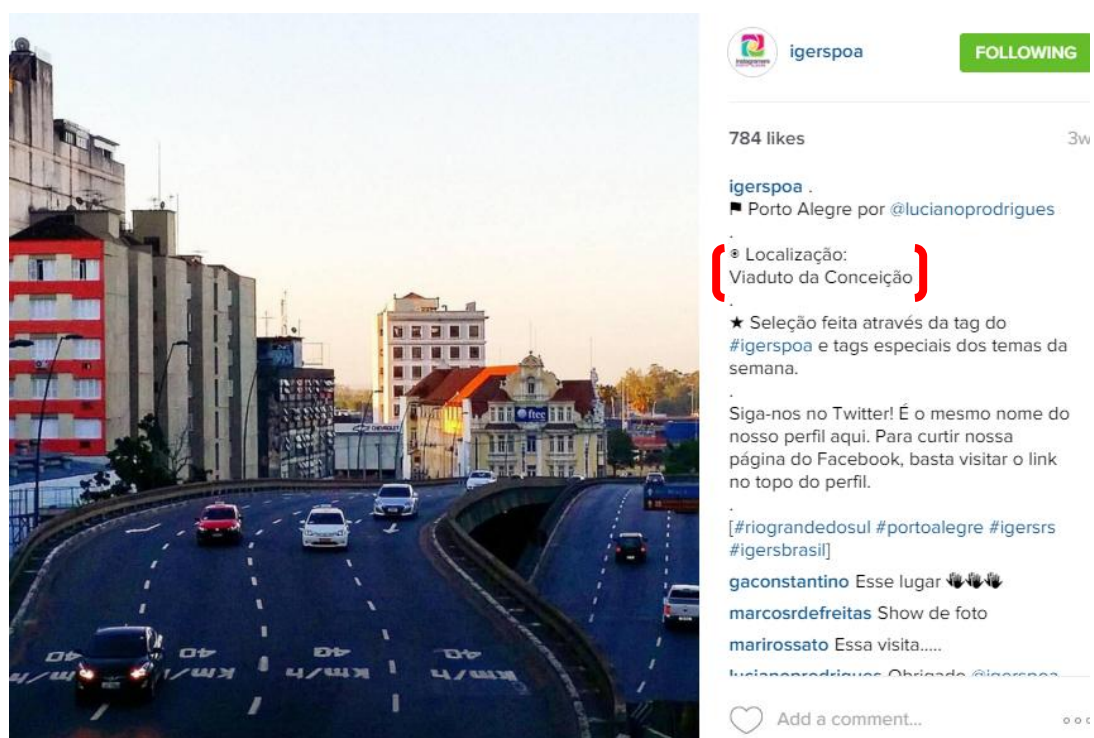


Figura 30: Viaduto da Conceição

Fonte: Instagram

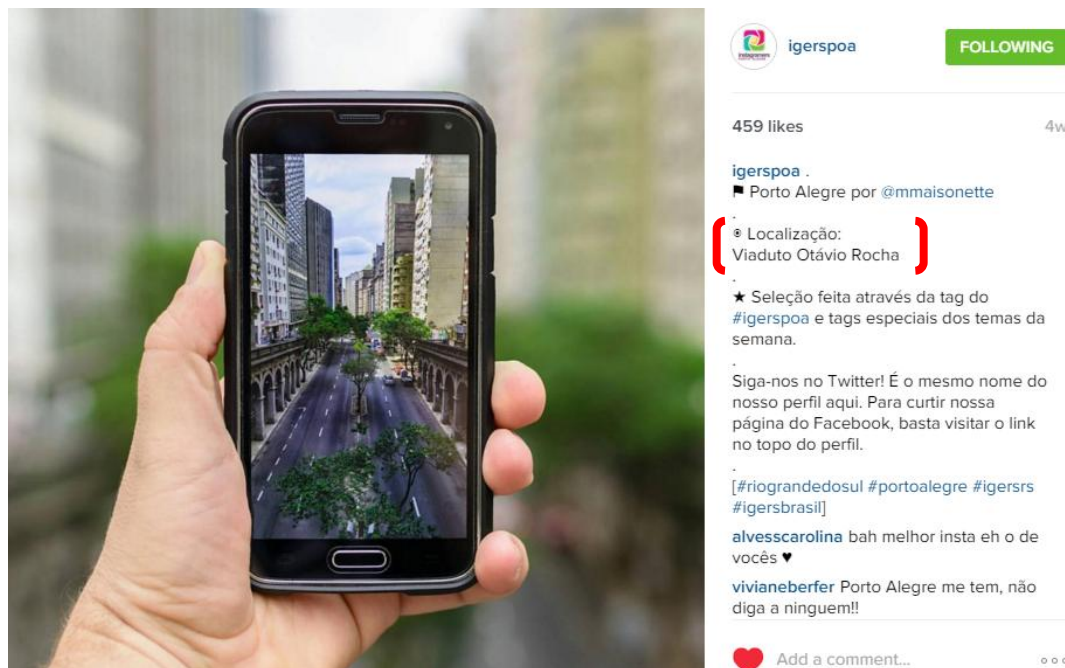


Figura 31: Viaduto Otávio Rocha

Fonte: Instagram

4.6.2 Grupo Zombie Walk Poa

O Zombie Walk é um tipo de passeata que ocorre em diversas cidades no mundo composta de um grupo de pessoas vestidas de zumbis. A proposta é caminhar pelas cidades, grandes centros urbanos, shoppings, parques e demais locais que possuam sempre um grande público. Este tipo de grupo é um exemplo de *flashmob*, aglomerações-relâmpago que se juntam para realizar uma ação organizada previamente, muitas vezes sem causa específica, muitas vezes lúdica, além da própria mobilização. A formação de agrupamentos proporcionada pelas tecnologias pode ser vista nas cidades como uma forma de protesto e reivindicação do espaço urbano.

O Zombie walk é um evento gratuito, mas solicita que os participantes estejam caracterizados de zumbis, de acordo com o encontro, para não descaracterizar o evento que ocorre uma vez por ano e tem como intuito reunir fãs

desse gênero cinematográfico. Esta caracterização requer, muitas vezes, um custo financeiro para quem fizer parte da caminhada.

Em 2015, ocorreu a 10ª edição do evento da capital do Rio Grande do Sul e teve como ponto de partida a Usina do Gasômetro, ponto turístico da cidade. A convocação se deu pelo blog oficial do evento e pela *fanpage* no Facebook, incentivando o público a participar e publicar imagens da caminhada no site de rede social e na rede social móvel Instagram através da *hashtag* #zombiewalkpoa.

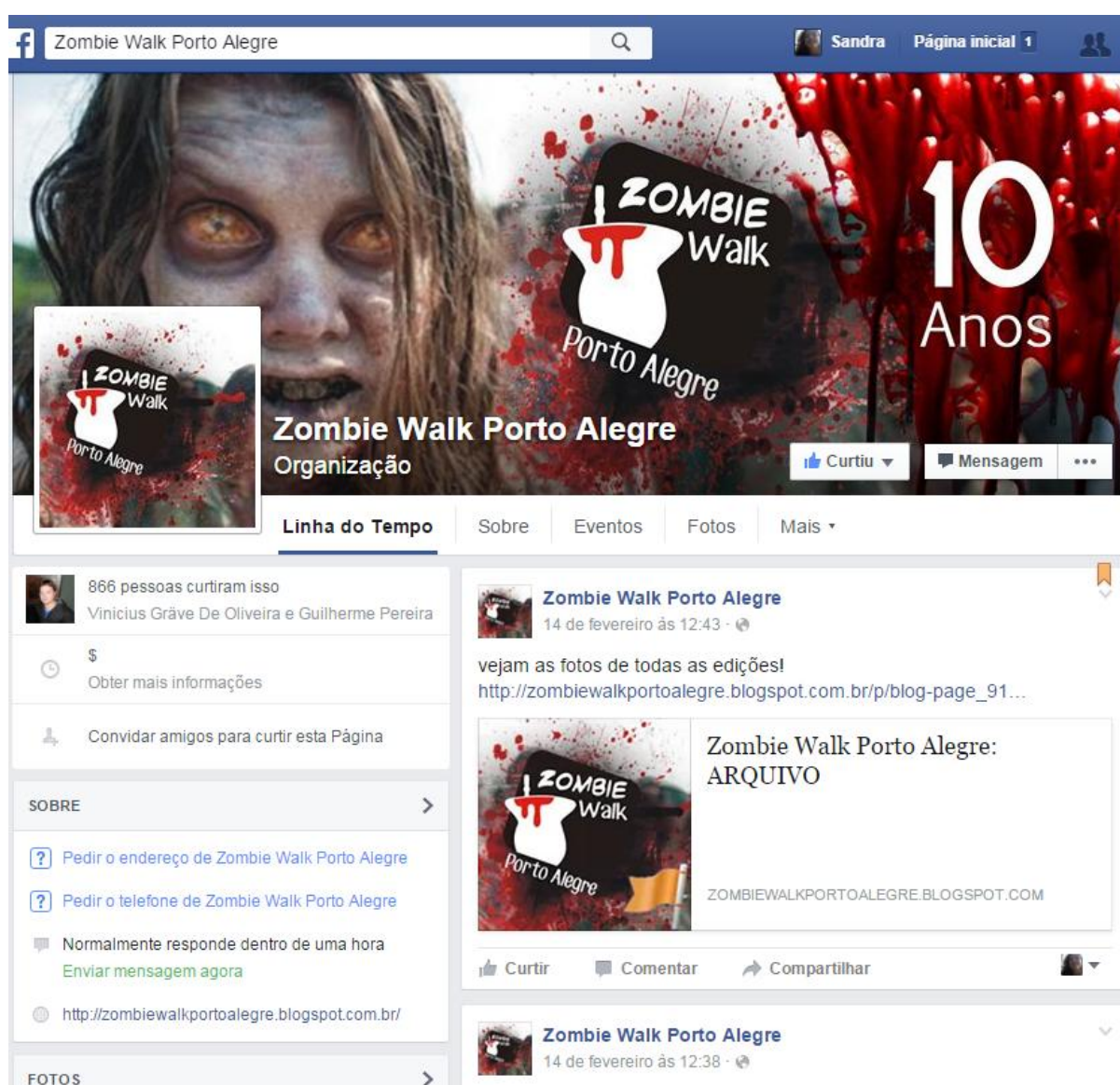


Figura 32: Página da Zombie Walk no Facebook

Fonte: Facebook



12 DEZ **10ª Zombie Walk Porto Alegre**
Concentração: 16h Saída 17:30

🌐 Público - Organizado por **Zombie Walk Porto Alegre** ✓ Comparecerei ⋮

🕒 **Sábado, 12 de dezembro de 2015 às 16:00**
há cerca de 2 meses

📍 **Usina do Gasômetro**
Av. Presidente João Goulart, 551, 90010-120 Porto Alegre, Brazil Exibir mapa

✉ **Convidado por Erika Oikawa**

VISITEM O BLOG: <http://zombiewalkportoalegre.blogspot.com.br/>

ENCAMINHE SUAS DÚVIDAS PARA A PÁGINA:
<https://www.facebook.com/zombiewalkportoalegre>

*HAVENDO PREVISÃO DE CHUVA SERÁ TRANSFERIDO PARA O PRÓXIMO SÁBADO.

PUBLICAÇÕES

✍ Escrever publicação | 📷 Adicionar foto/vídeo | 🗳 Criar enquete

EVENTOS RELACIONADOS Ver mais

 **10º Carnaval do Bloco Maria d...**
Sábado, 19 de março em Sofia ...
11 amigos confirmaram presença
Tenho interesse - Comparecerei

 **Games Xchange - Março de 2...**
Domingo, 6 de março em Usin...
248 convidados
Tenho interesse - Comparecerei

Figura 33: Página da organização da 10ª Zombie Walk POA no Facebook

Fonte: Facebook

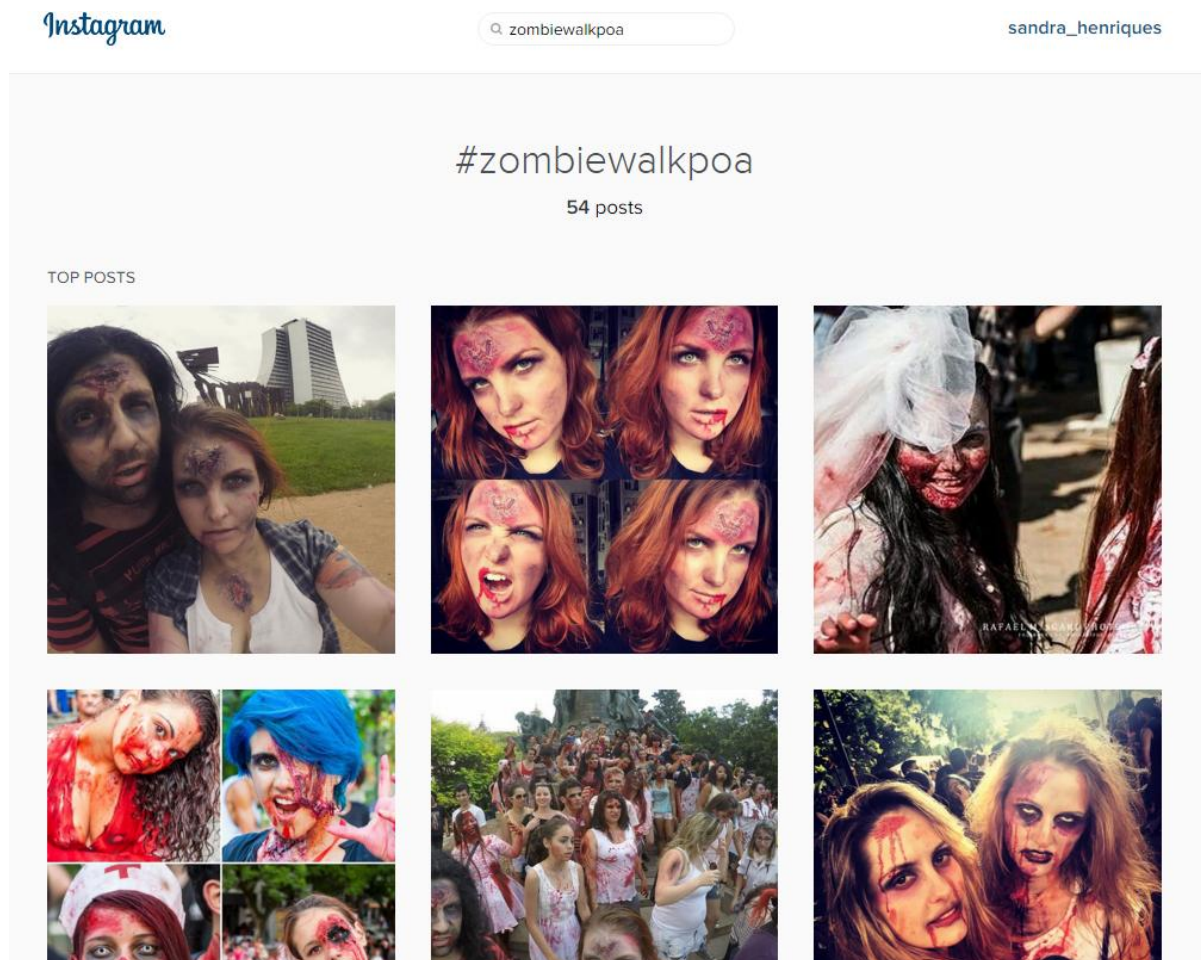


Figura 34: Página do Zombie Walk Poa

Fonte: Instagram

A proposta de aplicação da etnografia móvel como estudo deste evento do grupo Zombie Walk, mais especificamente a caminhada do 10º encontro, está em compreender as potencialidades da mobilidade da comunicação entre o grupo durante o percurso. A intenção é apontar técnicas de como este procedimento metodológico pode ser utilizado neste tipo de pesquisa, em que o espaço urbano e o ciberespaço estão em interação em tempo real por meio dos rastros deixados através das postagens realizadas pelos participantes na caminhada.

A abordagem etnográfica se caracteriza neste estudo de algumas formas, diante dos apontamentos sugeridos por George Marcus (2001), pode-se dizer que:

- a) Na perspectiva da 10ª Zombie Walk POA partiu-se do fato de **seguir as pessoas**. Não individualmente em seu deslocamento ou no contexto

migratório como aponta esta diretriz pelo autor, mas por meio de seu deslocamento do grupo nos locais propostos para a caminhada. O movimento simples, embora, neste caso, coordenado, já previamente rastreado permite um retrato etnográfico do contexto.

- b) **Seguir a metáfora** em que o grupo se apoia é também uma característica do campo deste tipo de estudo. A própria rede se ampara nesta designação metafórica simbólica para criar sua conexão e possibilitar sua reunião, seja virtual, quanto presencialmente.

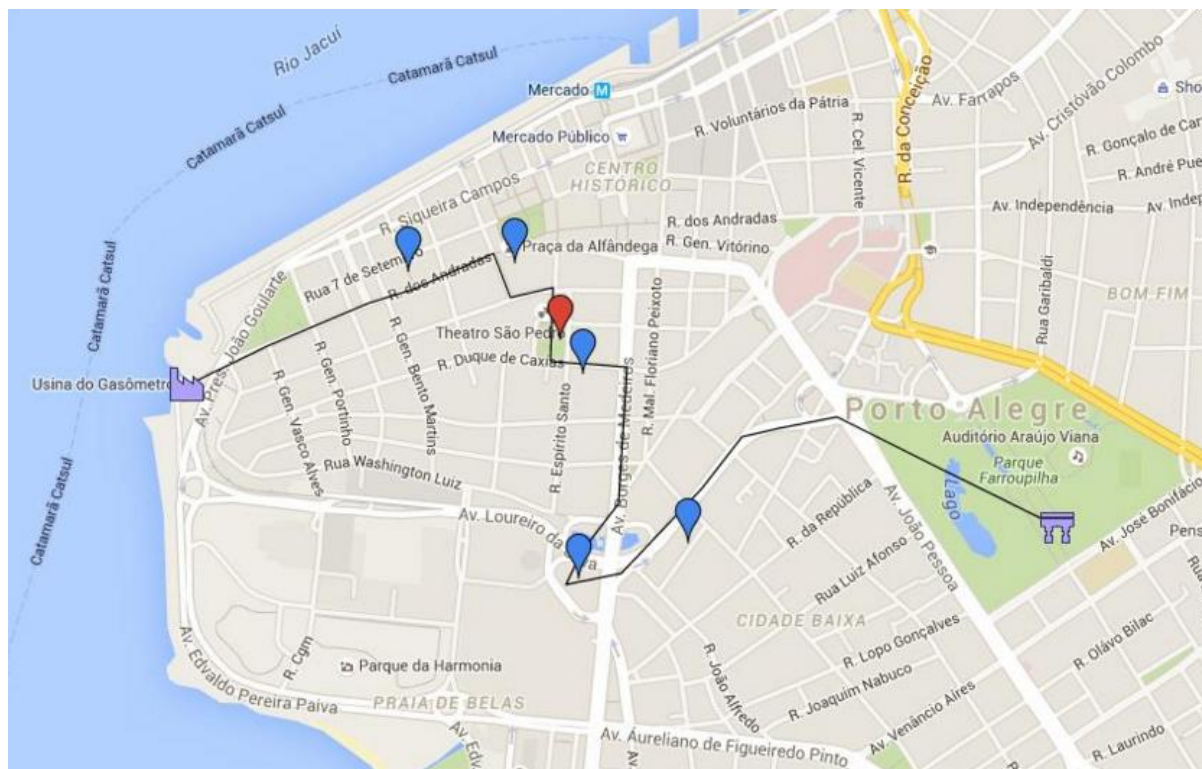
Estes pontos são importantes para entender como se pode estudar este tipo de fenômeno contemporâneo por meio de uma etnografia móvel que acompanhe esse processo. São norteadores para que a utilização de algumas técnicas seja possível e sirva para compreender esse tipo de agrupamento. Estas *flash mobs* são características de redes apenas possíveis de se formarem em um contexto vivido em um Paradigma das mobilidades. Portanto, as técnicas desenvolvidas como métodos móveis podem nos ajudar a observar o fenômeno.

Pode-se observar este tipo de grupo em sua caminhada da 10ª edição da seguinte forma:

OBSERVAÇÃO

A técnica metodológica da observação é fundamental em todo processo de pesquisa etnográfica. Não seria diferente em uma etnografia móvel. O que a diferencia é a observação dos corpos móveis, uma espécie de sombreamento do pesquisador sobre o objeto pesquisado. No caso do *Zombie Walk*, observou-se o dia da caminhada, o ajuntamento, o percurso percorrido pelo grupo no espaço urbano e seus rastros deixados no espaço híbrido mesclado entre a cidade e a publicação das imagens no Instagram. O significado cultural compartilhado se dá no contexto de uma cultura móvel na qual as questões simbólicas se propagam por meio de tecnologias e se dispersam na fluidez e efemeridade dos espaços híbridos. Embora o grupo se reúna uma vez por ano para compartilhar este espaço, há uma

circulação comunicacional de imagens e bens culturais que permanecem no contexto das redes e se fortalecem com o passar dos tempos e conexão dos indivíduos. O rastreamento se deu por meio do GPS através das postagens dos participantes durante o percurso e do mapeamento realizado pelos organizadores do itinerário do trajeto.



Zombie Walk Porto Alegre ▶ 10ª Zombie Walk Porto Alegre

Página curtida · 11 de dezembro de 2015 · 🌐

Olá Zumbis!

Na Usina Do Gasômetro posicionem-se entre o prédio e a chaminé.

Aqui vai o mapa do trajeto que faremos:

Início na usina do gasômetro
 Rua dos Andradas
 Rua Caldas Junior
 Rua Riachuelo
 Rua general câmara
 Praça marechal Deodoro
 Rua Duque de Caxias
 Avenida Borges de Medeiros
 Praça dos Açorianos
 Avenida Loureiro da Silva
 Redenção - Arco da redenção

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

64 pessoas curtiram isso.






14 compartilhamentos








21 comentários







Figura 35: Mapa do trajeto da 10ª Zombie Walk Poa publicado na página do evento no Facebook

Fonte: Facebook

Neste momento, apresenta-se a tabela organizada com as postagens realizadas durante a caminhada Zombie Walk em Porto Alegre, através da coleta realizada pelo serviço IFTTT – If This Then That. Esta tabela permite observar o contexto em que foram realizadas as conversações, bem como possibilita a compreensão do sentido que os participantes atribuíram aos locais por onde circulavam durante o evento.

December 12, 2015 at 04:07PM	crisfreitas100	Uma zumbi estilosa!	
December 12, 2015 at 04:26PM	crisfreitas100	Casal pirata zumbi! Show!	
December 12, 2015 at 04:37PM	crisfreitas100	Muitos zumbis!	
December 12, 2015 at 04:40PM	crisfreitas100	Que meda! Kkkkkk	
December 12, 2015 at 04:50PM	eduardo_alex_fotografia	Boa tarde Borá trabalhar.... #work #calor #fotografo #fotojornalismo #PortoAlegre #zumbi #thewalkindead	

December 12, 2015 at 05:09PM	Sleepywalkers ama		
December 12, 2015 at 05:11PM	silvers.exe	Drink das trevas	
December 12, 2015 at 05:16PM	li_natacha	Special Tactics And Rescue Service = S.T.A.R.S *----* #residentevil #cadêoNemises? #zombiewalk #portoalegre	
December 12, 2015 at 05:16PM	eduardo_alex_fotografia	Começooooo #thewalkindead #fotojornalismo #usinadogasometro #calor #PortoAlegre	
December 12, 2015 at 05:17PM	Suzanerhoden	Zombie walk...	
December 12, 2015 at 05:23PM	eduardo_alex_fotografia	Bora começar os trabalhos..... #fotojornalismo #PortoAlegre #calor #thewalkindead	
December 12, 2015 at 05:24PM	Jehloebe	#zumbiwalk #eumeiga	

December 12, 2015 at 05:33PM	meldn01	Zumbi walk	
December 12, 2015 at 11:22PM	Mariieguzg	zombie walk in porto alegre #zombie #bluehair #cool #fitgirl #funnypictures	
December 13, 2015 at 12:55PM	Dewittzando	#zombiewalk2015 #vsoccam #lgersPoa #lgers #lgersBrasil #InstaLike #Like4Like #InstaGood #PortoAlegrePictures #POEMAURBANO #melhoresfotosaf #rededefotografos #euvejopelajanela	
December 12, 2015 at 09:20PM	Scheyllap	Uma mistura de não ter o que fazer com muita zoeira #ZombieWalk	
December 13, 2015 at 01:21PM	oliveira_luke	Zombie mendigo e zombie da ULBRA. <input type="checkbox"/> #ZombieWalk #Zombie #Redenção #PortoAlegre	
December 13, 2015 at 01:39AM	Lutielo	Zombie Walk Porto Alegre 2015 E pra finalizar a noite....uma selfie de um mero zombie desejando o seu cérebro. #BoaNoite #BuenasNoches #GoodNigth #Noite #Night #Madrugada	

		#Movie #Filme #InstaSelfie #InstaFollow #InstaGood #InstaLike #InstaVibe #InstaSize #InstaBoy #Instagram #Boy #Men #Guy #Cosplay #Cosplayer #VSCO #IGERS #TBT	
--	--	---	--

ANTECIPAR O SEGUINTE/ ETNOGRAFIA DE VÍDEO

Esta técnica é importante e insere diretamente o pesquisador no movimento do trajeto realizado pelos participantes. Tenta-se antecipar a mobilidade do objeto pesquisado dentro do campo, de forma a realizar um filme, uma elaboração do contexto por meio da gravação do próprio movimento para entender como as pessoas utilizam os espaços. No caso desta proposta de pesquisa sobre o grupo Zombie Walk, foi possível este tipo de técnica para o estudo da etnografia móvel, pelo fato de ser uma caminhada pelos locais da cidade de Porto Alegre. Os vídeos descrevem a conexão dos participantes com o caminho percorrido utilizando-o como espaço social para a manifestação de sua ação.



Usina do Gasômetro*Parque da Redenção*

Os vídeos são importantes para observar como as pessoas se movimentam nestes espaços. Destacou-se o ponto de partida (Usina do Gasômetro) e chegada do itinerário (Parque da Redenção) propostos no encontro, para mostrar que é possível por meio de um vídeo etnográfico retratar a mobilidade e a forma como o grupo se engaja em rede. Neste caso, o simbolismo que os une é a permanência e a caracterização em relação ao universo proposto.

Para melhor compreender o contexto, seria importante realizar um vídeo com alguns dos participantes sobre suas motivações em fazer parte da caminhada. Porém, não foi possível realizar tal feito devido à rápida dispersão do grupo. Para tal, deve-se salientar é que esta técnica é eficiente como procedimento metodológico para aplicação de uma etnografia móvel e, assim, devido à verificação de algumas técnicas em determinados agrupamentos e locais, percebeu-se os pontos a ressaltar e aqueles que ficaram faltando para uma análise mais detalhada. Deixa-se claro, portanto, que neste caso um vídeo com o grupo buscando salientar

suas percepções e motivações em participar de uma caminhada Zombie teria sido um processo importante.

LOCAIS EM MOVIMENTO- PLACES OF MOVEMENT

Expõe-se nesse ponto o estudo do mapeamento dos espaços híbridos de conexão. Os locais não são fixos, neste caso, nem os físicos, pois, no contexto da mobilidade apontado, eles dependem do olhar do observador, das circunstâncias em que eles são experienciados. Neste caso, os rastros deixados pelos participantes da 10ª Zombie Walk POA mostram um roteiro no qual as imagens foram produzidas e postadas a partir dos lugares da cidade no aplicativo Instagram, sem referenciá-los em *hashtags*, mas em imagens, e capturados via GPS.

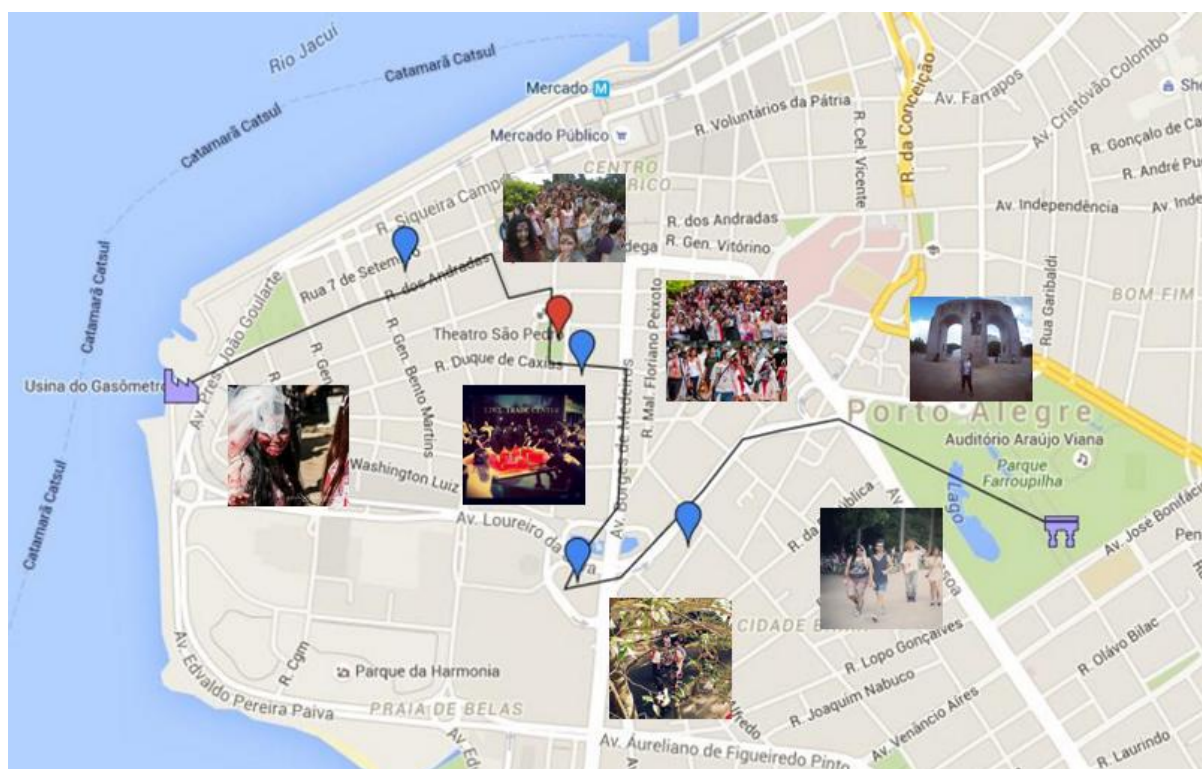


Figura 36: Mapa e imagens do percurso realizado pelos participantes da 10ª Zombie Walk em 2015

Aqui, salientam-se apenas algumas das imagens do caminho realizado pelos participantes, juntamente com a rota, para demonstrar que é possível a rastreabilidade da mobilidade da comunicação através do movimento. Esta técnica é importante, pois ajuda na compreensão do rastro e no mapeamento dos indivíduos e suas postagens, além de dar uma amostra de como a etnografia móvel pode ser viabilizada nos espaços híbridos.

Com a descrição da proposta de estudo destes agrupamentos, buscou-se destacar que a etnografia móvel se propõe pela necessidade que o objeto de estudo, em constante movimento, possui em mostrar os aspectos que envolvem as interações dos indivíduos entre si e os locais estudados por meio da mobilidade tecnológica. Ela propõe uma descrição densa destes processos para que as particularidades deste novo fenômeno móvel sejam compreendidas. Foi por meio destes apontamentos e propostas de aplicações de técnicas e formas de seguir estes grupos que se procurou apontar uma nova perspectiva de abordagem metodológica que possui como foco os estudos da mobilidade na comunicação.

Esta proposta não parte de uma metodologia que possui como foco estudar apenas um objeto de estudo específico, com uma perspectiva de analisar algum ponto da comunicação para compreender como a mobilidade se processa e dizer como. Durante os quatro anos de estudos da tese, constatou-se a dificuldade de encontrar uma metodologia que acompanhasse os estudos das mobilidades pelo viés da comunicação social e isso despertou o interesse em investigar possibilidades em outros campos que trabalhassem os contextos das mobilidades e suas possibilidades de estudos empíricos.

Desta forma, buscou-se bibliografias e artigos para entender como as demais áreas estavam compreendendo os contextos das perspectivas das mobilidades no contexto atual. Observou-se que na área da Comunicação Social havia uma dificuldade em trabalhar novas metodologias que conseguissem absorver a cultura móvel em sua ampla perspectiva. Utilizam-se muitas metodologias consagradas que servem perfeitamente e que conseguem responder às questões propostas em teses, dissertações e artigos científicos, mas que não são diretamente construídas para esta nova perspectiva das mobilidades.

Não se pretende julgar as metodologias utilizadas nos estudos dos dispositivos móveis até então, ao contrário disto, o que se pretende é contribuir com um aporte que tente abranger um procedimento metodológico que acompanhe o Paradigma das mobilidades, o qual se acredita estar embasando as relações cotidianas que vivenciamos com a utilização destas tecnologias hoje em dia.

Embora muitos dos estudos na comunicação social trabalhem com a mobilidade da informação e com a interação social entre os indivíduos e destes com os meios, o foco geralmente parte dos estudos de recepção, dos estudos culturais ou dos estudos voltados a um determinismo tecnológico. O que se propõe aqui é um estudo voltado ao fluxo desta comunicação, que abrange todos estes fatores a partir da mobilidade comunicacional. É uma perspectiva que está em amplo desenvolvimento com o passar dos anos e precisa de um olhar destacado e um viés metodológico próprio para sua compreensão.

Assim, partiu-se então a investigar como alguns autores desenvolviam métodos móveis em suas perspectivas de estudos pelo viés das ciências sociais e humanas buscando trazer suas experiências e referências para o contexto da comunicação social de uma forma interdisciplinar. Nesse contexto, observou-se uma metodologia consagrada pelos antropólogos, mas também utilizada pelos cientistas sociais para entender a sociedade: a etnografia.

O primeiro impacto foi tentar compreender como uma abordagem que possui a grandiosidade de um método poderia ser trabalhada diante de uma perspectiva de um contexto móvel, como fizeram os autores estudados desenvolvendo uma nova apropriação empírica, uma etnografia móvel. Passou-se, então, a entender que a etnografia tem como proposta estudar a cultura de um determinado povo, suas características sociais e, numa perspectiva clássica, suas características antropológicas. Diante desta perspectiva se compreendeu qual era o foco em propor um estudo etnográfico móvel no contexto atual: propor uma metodologia que compreendesse a mobilidade a partir da cultura móvel vivida cotidianamente, por meio das tecnologias móveis que são as ferramentas que proporcionam as trocas comunicacionais e formação de redes sociais diferenciadas. Estes são novos tipos de agrupamentos que podem ser vistos na sociedade atual e que necessitam de um estudo empírico que acompanhe suas características sociais e comunicacionais.

A mobilidade proporcionada pelas tecnologias móveis possibilita novas formas de movimento, que podem se referir aos espaços e às relações sociais dos indivíduos e, com isso, permite que eles deem novos sentidos aos locais e às suas relações com outros indivíduos na formação dos grupos. Büscher e Urry (2009) apontam que o pesquisador passa a fazer parte do processo de pesquisa por meio de uma co-presença, uma “sombra”, movendo-se junto ao objeto ou grupo pesquisado, munido de técnicas de observação para entender como se processa o movimento. É um processo de coleta de informações que utiliza as tecnologias móveis para mapear, acompanhar, registrar, descrever o processo ampliando as práticas de observação, de descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas. O pesquisar encontra-se em plena mobilidade, assim como seu foco e os indivíduos estudados. Este método etnográfico torna possível a coleta das informações diretas do indivíduo, pois este ao mesmo tempo passa a relatar sua observação de forma on-line (em algum site de rede social) no momento da experiência no próprio local ou localização.

O foco da pesquisa etnográfica móvel, assim como todo o método fenomenológico etnográfico e suas adaptações, é o estudo dos fenômenos que envolvem os indivíduos em sociedade. Ela utiliza os recursos que permitem ao pesquisador registrar sua pesquisa acompanhando de forma móvel o grupo pesquisado. O fundamental está em compreender as experiências de mobilidade vivida pelos grupos e pelos indivíduos e quais os reflexos destas na comunicação e interação social. Por isso a etnografia móvel está embasada na fenomenologia, pois interessam os contextos, os fenômenos que esta conjuntura representa na sociedade atual. Este fator é de tal importância para as pesquisas em mobilidades, pois examina as experiências de práticas de mobilidades que as pessoas experienciam e as maneiras como elas dão sentido, as constroem diariamente.

Deve-se salientar que diferentemente da pesquisa etnográfica clássica que prioriza um lugar, uma comunidade específica, a etnografia móvel passa a considerar vários lugares como fonte de pesquisa. Ela a complementa, não a exclui, e permite que a pesquisa e o pesquisador acompanhem, movam-se junto ao objeto pesquisado.

Entender como aplicar a etnografia móvel enquanto uma abordagem metodológica para os estudos da mobilidade na comunicação é uma forma de estudar estes novos processos que a sociedade vive atualmente com o uso cotidiano das tecnologias móveis. Além das trocas comunicacionais que estas impulsionam, há uma ampla propagabilidade da informação e, acima disso, para este estudo, há a formação de redes sociais móveis que assim como se conectam, se dispersam rapidamente nos espaços urbanos, mas que criam vínculos como um grupo nos espaços híbridos. Estes espaços são os focos de estudo destas comunidades que se unem por um sentimento em comum e que tendem a compartilhar o conteúdo através das imagens e *hashtags* em aplicativos de redes sociais como o Instagram, exemplo aqui estudado.

A etnografia não é uma metodologia nova. Mas seu foco dado aqui está em estudar as questões da mobilidade. É outra perspectiva que, como se viu, necessitou de uma reconfiguração, e necessitou que suas possibilidades fossem detalhadas enquanto perspectiva de aplicação de técnicas de registro dos dados de observação da cultura a partir do viés da comunicação. Pretendeu-se contribuir com os estudos iniciais de uma etnografia móvel aplicada aos processos comunicacionais contemporâneos, dar início a pesquisas que envolvam esta metodologia e, quem sabe, a demais métodos móveis direcionados a área científica, pois, assim como as teorias que envolvem a mobilidade, as práticas cotidianas estão cada vez mais se difundindo e sendo ampliadas ao alcance dos indivíduos necessitando cada vez mais de pesquisas que ajudem a compreender como as tecnologias móveis influenciam no dia-a-dia da sociedade e da comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese não surge apenas de um doutorado. Ela é o reflexo das dúvidas e das pesquisas que surgiram ao longo dos anos de graduação em Jornalismo e do mestrado em Comunicação Social. Ela é uma continuação das pesquisas que com o passar dos anos de estudo foram cada vez mais se difundindo e se tornando um projeto de vida e trabalho, não apenas um resultado de um grau acadêmico. Por isso, ela não termina aqui, ela é uma compilação dos estudos até aqui alcançados e procura traduzir as conquistas, mas também reflete as falhas que o projeto não conseguiu suprir durante o período de pesquisa. Ela está em construção, em movimento e tem como intenção auxiliar outros projetos de pesquisa que busquem uma metodologia, um aporte.

A pesquisa para compreender como seria possível desenvolver um procedimento metodológico que auxiliasse nos estudos dos métodos móveis partiu das dificuldades em perceber que este tipo de campo necessitava de novas metodologias que acompanhassem o Paradigma das mobilidades e seu foco de compreensão no movimento dos indivíduos, objetos, ideias e no objetivo principal, a comunicação social. Essa percepção se deu ao buscar entender as redes sociais móveis e sua perspectiva a partir da sociedade contemporânea e da utilização das tecnologias móveis. Quando se partiu para a observação, percebeu-se que faltava um contexto que permitisse um olhar voltado especificamente para aquilo que conectava estas redes que era a mobilidade, e, embora outras possibilidades metodológicas já consagradas em nossa área auxiliassem, não havia um encontro entre pesquisadores e método que aproximasse e levasse ao encontro de uma maior compreensão desta mobilidade diante da perspectiva do movimento da comunicação amparada no Paradigma das mobilidades. Como o próprio precursor do paradigma propõe, deve-se desenvolver um olhar para o movimento a partir dele, enquanto prática e teoria social e não apenas como uma consequência.

Todo esse processo possibilita a geração de uma camada paralela de conexão e informação entre os espaços virtual e físico, deixando rastros digitais por toda parte. Estes rastros são móveis, se alteram, e quanto mais se espalham, mais se conectam uns com os outros. Este fenômeno apenas pode ser visto e vivido em uma cultura da mobilidade. Em nenhum outro momento cultural, a possibilidade de encontros de grupos desta forma seria possível. A partir deste contexto, novos sentidos e experiências são realizadas alterando a percepção dos indivíduos em suas relações com outros indivíduos e com os territórios culminando na formação de novas formas de agrupamento social. Partiu-se, assim, para uma proposta de compreensão destes fenômenos por meio de um estudo etnográfico que compreende a mobilidade como um processo que influencia a cultura e o cotidiano social.

O que se pode perceber é que uma forma de conteúdo nativamente móvel começou a surgir quando as plataformas estavam maduras para o desenvolvimento. Redes sociais móveis como o Instagram, torna-se um exemplo claro deste conteúdo desenhado exclusivamente para o uso em movimento. Neste processo, o desktop não faz sentido, pois não há o uso de elementos como geolocalização ou câmera. Esta rede possibilitou observar uma camada da cena urbana, um tópico para fotografia ou uma posição no mapa. Com ele há uma conexão neste momento entre elementos virtuais, no ciberespaço, e reais, ou tangíveis.

Com a possibilidade de convergência das mídias, de fotografar, filmar um fato no momento em que ele está acontecendo, bem como, redigir uma informação sobre este e enviá-la via telefonia celular, wi-fi, 4G, e também para outros dispositivos móveis observa-se que há uma amplificação na tendência de usuários editores possibilitando narrações instantâneas de fatos mediante sua publicação em tempo real. Este fator transforma as cidades em ambientes generalizados de acesso. Estes suportes de mídia *always on*, proporcionam a onipresença, um dos anseios humanos, através da possibilidade de se estar conectado a vários espaços simultaneamente. Além disso, há uma associação das informações nestes espaços, promovendo o desenvolvimento de rastros que podem ser acessados por outros indivíduos. Esta concepção de comunicação, que agrega informações dos indivíduos às cidades demonstra a emergência dos estudos das novas apropriações do espaço urbano com o uso das tecnologias móveis de comunicação e informação.

Com as propostas de aplicações da etnografia móvel aliada às características de uma nova concepção de observação a partir de multilocais e técnicas de métodos, que nos possibilitam uma nova interpretação dos fenômenos atuais, pretendeu-se contribuir com um outro olhar acerca dos procedimentos metodológicos utilizados para estudar as questões voltadas às mobilidades na comunicação social.

A questão está em promover um método de pesquisa que também esteja em movimento, assim como o objeto de estudo, salientando que há uma mudança na natureza espacial, temporal e no movimento que requer a utilização de metodologias orientadas pela mobilidade. Um dos principais aportes desta proposta é a observação dos rastros deixados pelos indivíduos nos espaços híbridos, que puderam ser mostrados como uma adoção de perspectiva de uma linha de observação mais participativa do pesquisador, que tem a possibilidade de acompanhar e participar enquanto “sombra” e rastrear este movimento do grupo pesquisado buscando perceber, muitas vezes, as qualidades diferenciadas que cada movimento, cada agrupamento possui. Isso é um ponto importante de inserção na metodologia, pois faz entender que as experiências não são as mesmas, mas os rastros deixados pelos espaços podem ser indícios de soma destas experiências, uma co-presença que se forma e que possibilita um compartilhamento de informações

Assim, o trabalho propôs demonstrar que se vive atualmente em um contexto diferenciado das relações entre as pessoas e os espaços híbridos, mediados pelas tecnologias móveis, o que culminou em um novo processo social em que o cotidiano dos indivíduos está envolvido diretamente com as questões da mobilidade. Esse contexto está inserido em um Paradigma que permite um outro olhar, uma outra perspectiva que aponta para a compreensão dos fenômenos móveis. O Paradigma das mobilidades serve de referencial e traz consigo diversas observações sobre a importância do estudo do movimento na sociedade atual. O que, para tal, impulsionou a trabalhar uma metodologia que possibilitasse a realização de pesquisas diretamente relacionadas à comunicação e às tecnologias móveis.

Assim, a mobilidade, a partir do viés estudado, é o fluxo de movimento gerado por meio das tecnologias móveis. Neste fluxo, está a informação e a

comunicação entre os indivíduos, ponto fundamental da tese. O Paradigma das mobilidades (URRY, 2007) possibilitou compreender como esse movimento poderia ser observado atualmente, principalmente em um contexto em que novas comunicações são possíveis a partir do momento em que o indivíduo passa a ressignificar os espaços através de um novo olhar, no qual a tecnologia faz parte como ferramenta de produção de novos contextos. Esta é uma característica da comunicação móvel, a produção e propagação de novas percepções que tomam uma dimensão muitas vezes imperceptível, devido à potencialidade dos espaços híbridos. Desta forma, torna-se cada vez mais evidente a presença de uma nova forma de computação. São dispositivos tão nômades quanto os indivíduos que os carregam. Este movimento gera uma energia cinética que proporciona uma resultante em novos formatos de conteúdos e novas formas de agrupamentos entre os indivíduos.

Por fim, esta tese intenciona promover um debate sobre métodos de estudos acerca da mobilidade, principalmente, com o foco nos processos comunicacionais. Um dos pontos compreendidos até aqui é que o termo Etnografia móvel proposto pelos autores pode ser algo confuso e que talvez a proposição “Etnografia das mobilidades” possa ser mais clara e precisa ao tratar esta perspectiva. É um ponto que necessita de discussão. Percebeu-se esse impasse em alguns congressos em que artigos apresentados com a proposta foram debatidos principalmente com relação a terminologia. Como ainda se busca ampliar este método é importante esta revisão. No entanto, conservou-se nesta tese de doutorado o termo Etnografia Móvel para que não houvesse prejuízo em relação à proposta original dos autores.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana, NATAL, Georgia, VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, ed. 20, Dez.2008.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization** . London: University Of Minnesota Press, 1996.

ARAÚJO, Emilia Rodrigues. A mobilidade como objeto sociológico. **Encontros em Sociologia**, 2, Braga, Portugal, Dez. 2004. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3913/1/A%20Mobilidade%20como%20objecto%20sociologico.pdf>.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

_____. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL, 2010.

BARAN, Paul. **On distributed communications**: I. Introduction to distributed communications networked. 1964. Disponível em http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf

BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**. vol.2 no.2. Rio de Janeiro Oct. 1996.

BENJAMIN, Walter . Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a . ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. In Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 39, agosto de 2009.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede In: **Revista Famecos**, setembro/dezembro de 2012, Porto Alegre, v. 19, PUCRS, pp. 681-704.

BÜSCHER et al. **Mobile Methods**. New York: Routledge, 2011.

BÜSCHER, M., URRY, J. **Mobile Methods and the empirical**. European Journal of Social Theory. v. 12, n.1, p. 99-116, Fev. 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. **Comunicação móvel e sociedade**. Uma perspectiva Global. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

_____. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANEVACCI, Massimo. Digital Auratic Reproducibility: Ubiquitous Ethnographies and Communicational Metropolis. In An Ethnography of Global Landscapes and Corridors, 2012. Disponível em: <http://cdn.intechopen.com/pdfs/31547.pdf>

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Editora Itatiaia. Belo Horizonte, 2001.

D'ANDREA, Anthony; CIOLFI, Luigina; GRAY, Breda. Methodological Challenges and Innovations in Mobilities Research. In **Mobilities**, 6:2, 149-160, 2011.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**. vol.48 no.1 São Paulo Jan./June 2005.

GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto in FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 2012.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação**: do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GREEN, Nicola. On the Move: Technology, Mobility, and the Mediation of Social Time and Space. In: **The Information Society**, 18:281–292, 2002.

GUMBRECHT, H.U. **Produção de Presença**. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2010.

HYDE, Adam et al. In **The social media reader**. New York e London: New York University Press, 2012.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2008.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

JIRÓN, Paola. On becoming 'la sombra/the shadow'. In BÜSCHER et al. (Orgs) **Mobile Methods**. New York: Routledge, 2011.

KOZINETS, Robert. **On Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture**. 1998. Disponível em: <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsOnNetnography.pdf>.

_____. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities. 2002. Disponível em <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsFieldBehind.pdf>

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

LATOURETTE, Bruno. **On recalling ANT**. The Editorial Board of The Sociological Review 1999. Published by Blackwell Publishers, e The Ed :rl8 Cowley Road, Oxford OX4 1JF, UK. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/P-77-RECALLING-ANT-GBpdf.pdf>

LEDERER, Raymond. **Sociologia Urbana**. Rio de Janeiro: Forense, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais., In: **Matrizes**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação., USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, pp.121-137.

_____. Mídias Locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, L. (org). **Estéticas Tecnológicas. Novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008.

LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (orgs). **Comunicação e Mobilidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**. Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.

- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências** Petrópolis: Editora vozes, 1996.
- _____. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **Sobre o nomadismo**. São Paulo: Editora Record, 2001.
- MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA, 1993.
- MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**. Ciberativismo e mobilizações nas redes sociais. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.
- MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific**, Dutton, Nueva York. 1922.
- MANOVICH, L. **The Poetics of Augmented Space**: Learning from Prada. 2005. Disponível em: <http://www.manovich.net/DOCS/augmented_space.doc>.
- MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. In: **Alteridades**, 200111 (22): Págs. 111-127.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MERRIMAN, Peter. Rethinking Mobile Methods. In: **Methods, Mobilities** 9:2, 167-187, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17450101.2013.784540>
- MEYROWITZ, J., Global Nomads in the digital veldt., in **Revista Famecos**, julho 2004, PUC-RS, Porto Alegre, pp. 23-30.
- MITCHELL, Willian J. E-topia: **A vida urbana** – mas não como a conhecemos. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- MUSKAT, Matthias et al. Generation Y: evaluating services experiences through mobile ethnography. In: **Emerald Group Publishing Limited - TOURISM REVIEW**, 2013. Disponível em: http://www.academia.edu/5058534/Generation_Y_evaluating_services_experiences_through_mobile_ethnography
- NOVOA, Andre. Mobile ethnography: emergence, techniques and its importance to geography. **Human Geographies** – Journal of Studies and Research in Human Geography. Vol. 9, No. 1, May 2015.
- PELLANDA, Eduardo C. **Internet móvel: Novas relações na cibercultura derivadas da Mobilidade na comunicação**. Tese de doutorado. PUCRS, 2005.
- RECUERO, Raquel da C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs**. The next social revolution, Cambridge: Basic Books, 2002.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In RIFIOTIS, T. et al. **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

ROSEN, Jay. The people formerly know as the audience. In **The social media reader**. New York e London: New York University Press, 2012.

SANTAELLA. Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA. Lucia. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SEGATA, Jean. Um local-global, um global-local. Eu, a cidade de lontras e o Orkut. In RIFIOTIS, T. et al. **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

SEGATA, Jean. A Etnografia como Promessa e o “Efeito Latour” no Campo da Cibercultura. **ILHA**. v. 16, n. 2, p. 69-87, ago./dez. 2014

SHELLER, Mimi; URRY, John. **Mobile Technologies of the city**. New York: Routledge, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio Guilherme (Org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

SOUZA E SILVA, Adriana de. **De MUDs como a espaços como MUDs: Interfaces Móveis de Comunicação e Subjetividade Contemporânea**. 2005. Disponível em: <http://www.souzaesilva.com/lectures/06conferences/intercom2005/Intercom2005.pdf>

SOUZA E SILVA, A. de. **Tecnologias móveis de posicionamento**: Abordagens históricas, sociais e espaciais. *Verso e Reverso*, XXVII (64), 19-23, 2013.

SUTKO, D. M.; SOUZA E SILVA, A. de. Location aware mobile media and urban sociability. **New Media & Society**, 13 (5), 807-823, 2011.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2007.

URRY, John. **Sociology beyond Societies**. Mobilities for the twenty-first century. New York: Routledge, 2000.

URRY, John. **Mobilities**, Cambridge: Polity Press, 2007.

VERGUNST, Jo. Technology and Technique in a Useful Ethnography of Movement. In: **Mobilities**. Vol. 6, No. 2, 203–219, May 2011.

VIRILIO, Paul. **O Espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WEISER, Mark. **The Computer for th 21st Century**. Scientific American, pp 94-100, set 1991. Disponível em: <http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/SciAmDraft3.html>.